

Relatório de Proposta Pedagógica:

A presença das mulheres na *ciberarte*

Uma análise das problemáticas sociais em torno do tema "mulheres" na aula de Arte

PROF-ARTES – Barbara Mariah Retzlaff Bublitz
UDESC - 2016

Mestrado Profissional em Artes

PROF-ARTES

BARBARA MARIAH RETZLAFF BUBLITZ

Relatório de Proposta Pedagógica

A presença das mulheres na ciberarte:

Uma análise das problemáticas sociais em torno do tema “mulheres” na aula de Arte

FLORIANÓPOLIS

2016

BARBARA MARIAH RETZLAFF BUBLITZ

Relatório de Proposta Pedagógica

A presença das mulheres na ciberarte:

Uma análise das problemáticas sociais em torno do tema “mulheres” na aula de Arte

Relatório de Proposta Pedagógica apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes PROF-Artes/CAPES como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes, sob orientação da Professora Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva.

FLORIANÓPOLIS

2016

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO AO RELATÓRIO DE PROPOSTA PEDAGÓGICA	4
2. PROPOSTA PEDAGÓGICA	5
2.1. INTRODUÇÃO À PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	5
2.2 JUSTIFICATIVA.....	8
2.3. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	10
2.4. OBJETIVOS	12
2.4.1. Objetivo Geral	12
2.4.2. Objetivos Específicos	12
2.5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.5.1. O ciberespaço e a diluição das hierarquias do ensino	13
2.5.2. Ciberarte e sociedade: relações de potência e transformação	15
2.5.3. Arte e Gênero: manifestações desviantes	16
2.5.4. Os Temas Transversais e as Relações de Gênero.....	20
2.5.5. Acervo imagético e criação de significados.....	25
2.6. METODOLOGIA UTILIZADA	29
2.6.1. Desenvolvimento da proposta pedagógica	29
2.6.2. Análise de dados	32
2.7. PROPOSIÇÃO DE AVALIAÇÃO	32
2.8. RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS.....	33
2.9. CRONOGRAMA.....	34
3. DIAGNÓSTICO DO PÚBLICO ALVO	35
3.1. IMPRESSÕES DO QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS ESTUDANTES	35
3.2. IMPRESSÕES DO QUESTIONÁRIO DIRIGIDO À EQUIPE GESTORA DA ESCOLA ESTADUAL.....	43

3.3. IMPRESSÕES DOS DIÁRIOS DE BORDO	46
3.4. CONSIDERAÇÕES	52
4. RESULTADOS.....	56
4.1. ETAPA 1: CONHECIMENTO DO CAMPO E CRIAÇÃO DE PROJETOS	56
4.2. ETAPA 2: DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS DE CIBERARTE	68
4.3. ETAPA 3: “OLHARES EM TRÂNSITO – EXPERIMENTOS EXPOSITIVOS NA ESCOLA”	78
CONSIDERAÇÕES	97
REFERÊNCIAS.....	98
FONTES	100
APÊNDICES	102

1. INTRODUÇÃO AO RELATÓRIO DE PROPOSTA PEDAGÓGICA

O presente Relatório de Proposta Pedagógica, que tem por objetivo explicitar aos membros da banca o desenvolvimento deste projeto, é composto por 15 subitens: *Introdução ao Relatório de Proposta Pedagógica*, justificando a estrutura escolhida para o presente documento; *Introdução à proposta pedagógica*, subitem no qual são explicitados, de modo resumido, elementos fundantes do projeto, como a problemática, os objetivos, a fundamentação teórica e a metodologia proposta; *Justificativa*, a fim de explicitar a necessidade da abordagem das questões de gênero nos espaços de arte/educação; *Formulação do Problema*, a fim de questionar como se desdobra a relação dos estudantes, por meio do trabalho com a ciberarte na escola, com as questões sociais que circundam as mulheres na contemporaneidade; *Objetivos*, evidenciando as metas acerca da proposta de problematização das questões sociais em torno das mulheres na contemporaneidade com a inserção, no contexto da aula de Arte, de manifestações artísticas emergentes do *ciberespaço*, desenvolvidas por mulheres. O subitem *Fundamentação teórica* busca relacionar os objetivos e métodos propostos neste projeto às abordagens teóricas que considerem a dimensão social dos conceitos cibercultura, arte/educação, ciberarte, temas transversais, relações de gênero e criação de significado.

O presente Relatório ainda é composto pelos itens: *Metodologia utilizada*, que se trata de detalhar o desenvolvimento da proposta pedagógica e sua análise; *Proposição de avaliação*, que explicita como e quais os critérios de a avaliação dos estudantes envolvidos no projeto por meio do sistema formal de educação; *Recursos Humanos e Materiais*; *Cronograma*, determinando as etapas desenvolvidas na proposta pedagógica; *Diagnóstico do público alvo*, elemento no qual é discorrido acerca dos estudantes e da escola envolvida no projeto a partir das minhas impressões de questionários e diários preenchidos por estudantes e funcionários; *Considerações*; *Referências*; *Fontes e Apêndices*.

2. PROPOSTA PEDAGÓGICA¹

2.1. Introdução à Proposta Pedagógica²

A escola não é apenas um espaço de relações cotidianas que reforça determinados papéis e padrões sociais, mas ocupa uma importante função dentre as instituições legitimadoras responsáveis pela manutenção de políticas opressoras e discriminatórias. Conforme coloca Bourdieu (2005), ao transmitir a cultura de geração em geração, a escola consagra determinados hábitos em detrimento de outros, de modo a organizar o que é real. Ao mesmo tempo, Saviani (2007) aponta que para mudar esse quadro de opressão é preciso dominar o conhecimento do opressor, de modo que não há transformação sem uma escola de qualidade para as camadas populares que possibilite o acesso aos bens produzidos socialmente.

Ao considerar essa relação de instauração do poder da escola, bem como seu papel social, a fim de problematizar o que é próprio ou impróprio para a sociedade, a proposta “A presença das mulheres na ciberarte: Uma análise das problemáticas sociais em torno do tema “mulheres” na aula de Arte³”, que se dá em forma de projeto, parte da premissa de que a arte/educação, especificamente, ocupada em observar, pensar, problematizar e criar simbolicamente, estreita a possibilidade de ação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e pode, de modo transformador, superar as práticas que definem estereótipos, posturas higienistas, homofobias, transfobias, xenofobias, racismos e, de modo geral, as violências aos pequenos números⁴. Vale ressaltar, no entanto, que a proposta pedagógica apresentada está centrada nas questões acerca das mulheres na contemporaneidade a partir do conhecimento artístico/estético construído sobre esse tema.

A ideia propulsora desta proposta pedagógica emerge da necessidade de, no ambiente escolar e a partir das questões postas na arte, desdobrarem-se discussões sobre da

¹ O texto que segue no item *Proposta Pedagógica* diz respeito ao projeto apresentado no ano de 2015 à banca examinadora.

² A proposta pedagógica “A presença das mulheres na ciberarte: Uma análise das problemáticas sociais em torno do tema “mulheres” na aula de Arte” está inserida no projeto “Estudo da ampliação e da difusão das produções artísticas dos estudantes nas escolas públicas do estado de Santa Catarina a partir de Exposição Itinerante”, aprovada, portanto, pelo Comitê de Ética sob parecer nº 1.251.935.

³ “Arte”, com letra maiúscula, diz respeito à disciplina curricular.

⁴ Arjun Appadurai, antropólogo indiano, considera que as minorias não nascem e sim são criadas em termos históricos. Por escolhas de elites e lideranças políticas, determinados grupos invisíveis se tornam minorias contra as quais se pode caluniar. Deste modo, a violência requer minorias e a formação da minoria exige que algumas histórias sejam desenterradas e outras enterradas. Esta não é uma reflexão central no presente projeto, mas uma leitura mais completa sobre as relações de poder ameaçadoras aos pequenos números e minorias pode ser feita em Appadurai (2009).

equidade⁵ de gênero, uma vez que a escola, cotidianamente, mostra-se um ambiente hostil à diversidade de gênero e reitera a violência contra a mulher em seu discurso e organização.

Por uma perspectiva teórica que considera as relações sociais e, especificamente, as Relações de Gênero⁶ inseridas de modo transversal na educação em Arte, a presente proposta foi desenvolvida com 4 turmas de Ensino Médio, em uma escola da Rede do Sistema Estadual de Educação de Santa Catarina, em uma região periférica da cidade de Guaramirim, interior do Estado de Santa Catarina, a partir do desenvolvimento de uma proposta de aperfeiçoamento a nível de pós-graduação desenvolvida junto ao programa de Mestrado Profissional em Artes – PROF-Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Assim, a proposta tem por objetivo problematizar, junto a estudantes de Ensino Médio da rede pública de educação⁷, questões sociais em torno das mulheres, tais como manifestações de violência e papéis de gênero, com a utilização de manifestações ativas da ciberarte, produzidas por mulheres em língua portuguesa, espanhola e/ou inglesa.

Deve-se considerar, no que diz respeito à cibercultura, que com a popularização dos dispositivos portáteis com acesso à internet, desde a década de 1990, a sociedade está, cada vez mais, autossuficiente no que diz respeito às informações⁸ e desterritorializada quanto à comunicação. As fronteiras foram majoritariamente diluídas, assim como a hierarquia do saber e a organização na qual o professor e a escola haviam ocupado posição privilegiada ao longo dos últimos séculos.

No ciberespaço, as especificidades de criação (artista) e fruição (público), assim como as relações de poder horizontalizadas são outras. Ao mesmo tempo, há intensa disseminação de uma grande variedade de produções digitais, tais como vídeos, músicas, imagens, *softwares*, páginas, documentos em inúmeros formatos, entre outras, produzidas pela sociedade não envolvida diretamente com o sistema de arte mas que exercem destacada influência na formação de estudantes do ensino fundamental e médio.

⁵ Na perspectiva da *equidade de gênero*, as especificidades das mulheres são todas relacionadas com diferenças sexuais. Construídas socialmente, estas alcançam a rede completa desde vivências sexuais e reprodutivas aos símbolos culturais, leis, entre outros campos. Equidade se refere, deste modo, às diferenças consideradas injustas baseadas em valores. As mulheres, por exemplo, ainda que possam ser mães e se afastar de seu trabalho por esta razão, devem receber salário igual ao dos homens, uma vez que a maternidade é uma capacidade (e não determinação) natural da fêmea humana.

⁶ O termo “Relações de Gênero” diz respeito à abordagem dos Temas Transversais em Orientação Sexual, disponível em Brasil (1998b).

⁷ Identifiquei a necessidade da articulação do conhecimento estético com as questões de gênero a partir de questionário entregue ao grupo envolvido no projeto. O relato deste processo está no item *Diagnóstico do Público Alvo*.

⁸ Embora sejam discussões relevantes, não cabe neste estudo aprofundar as questões acerca das virtudes e vicissitudes emergentes do uso excessivo das tecnologias contemporâneas ou no que diz respeito às possíveis desigualdades causadas ou evidenciadas pela tecnologia que temos ou não temos acesso. Uma breve reflexão a respeito será desenvolvida na *Fundamentação Teórica*.

Agrega-se a essas relevantes transformações o fato de as mulheres, inseridas nessa sociedade produtora de dados numéricos, serem historicamente dispensadas do campo tecnológico, tornando-se evidente a necessidade do empoderamento da criação artística das mulheres, ou acerca delas⁹, na internet.

Os saberes específicos da arte são, nesta proposta, aliados às potencialidades da tecnologia e atravessados pelas questões de gênero. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, a este respeito, evidenciam em seu texto sobre Arte que esta disciplina se configura em um espaço para:

“exercício e desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas” (BRASIL, 2007a, p. 19).

Ainda pautada na documentação específica sobre a Arte na educação, destaco que entre as abordagens possíveis para a leitura das produções artísticas no contexto escolar, optei pela abordagem de cunho sociológico, a fim de apreender o objeto artístico através de uma visão que o busque perceber “nos quadros sociais e estabelecer a relação entre a consciência criadora, a sensibilidade e a vida social e compreender que a sensibilidade é socializada, que ela não é pura, é resultado de debate com o mundo, ou seja, com a natureza e os homens” (SANTA CATARINA, 1998, p.195).

Não tenho por objetivo, no entanto, promover uma ação de cunho panfletário virtual e feminista¹⁰ - minha intenção se expande para a construção de linguagem visual, potencializando as manifestações poéticas na perspectiva de dar voz a estes adolescentes por meio de um campo tão presente em seu cotidiano: a *internet*. Quero dizer, deste modo, que não trataremos aqui de uma temática com desdobramento imposto para provocar determinadas conclusões no público, pelo contrário, a ação pedagógica proposta, sobre a qual discorre este texto, trata-se de uma provocação aos estudantes para que pensem, observem e expressem suas perspectivas acerca de como as violências e papéis de gênero, especificamente direcionadas às mulheres, afetam a si e a sociedade. Retomo Vázquez (2011) para reiterar, na perspectiva da estética marxista, que embora a arte reflita a realidade e por vezes tenha um conteúdo ideológico e político, não trato aqui de uma abordagem estética dogmática e normativa. Não busco depreciar o que o autor chama de “legalidade específica da

⁹No campo das discussões feministas, atualmente, evidencia-se a necessidade de as próprias mulheres emitirem os discursos sobre elas, no entanto, este é um projeto desenvolvido em uma escola regular o que torna necessário e importante a participação dos estudantes do gênero masculino no processo.

¹⁰Trato do termo no sentido de movimento social que luta pela igualdade de direitos entre os gêneros e, portanto, pelo empoderamento das mulheres.

obra de arte”, ou seja, não desconsidero sua coerência interna e seu valor estético que permanecerá, ainda que as raízes ideológicas dos trabalhos artísticos se desconfigurem.

Busquei, deste modo, a partir de uma análise de manifestações¹¹ ativas da ciberarte, produzidas por mulheres em língua portuguesa, espanhola e/ou inglesa, discussões potenciais sobre as mulheres na contemporaneidade, em uma perspectiva de gênero¹². Para tanto, foi construído um cronograma de ações pedagógicas, na configuração de um projeto, com o intuito de, junto aos estudantes, compreender os desdobramentos históricos entre arte e sociedade na atualidade, refletir a respeito das transformações em torno das tecnologias e das manifestações humanas, analisar as mudanças no campo da arte que abrem espaço para as temáticas de gênero, bem como identificar e problematizar coletivamente as relações de gênero, emergentes do cotidiano dos estudantes envolvidos no projeto.

A presente proposta pedagógica previu como etapa final a criação de um trabalho artístico virtual, desenvolvido pelos estudantes, com base no acervo imagético construído por eles acerca das problemáticas sociais em torno das mulheres, para refletir sobre a realidade destas, inseridas nos contextos de onde partem.

O trabalho artístico virtual desenvolvido foi veiculado em exposição itinerante pelo projeto “Estudo da ampliação e da difusão das produções artísticas dos estudantes nas escolas públicas do estado de Santa Catarina a partir de Exposição Itinerante”, que objetiva analisar as contribuições para a formação estética dos estudantes a partir da realização de uma exposição itinerante, composta por suas próprias criações, desenvolvidas no contexto da disciplina de Arte. Este projeto, com o objetivo de investigar a produção, a fruição e a exposição de criações artísticas desenvolvidas por estudantes da rede pública de ensino no estado de Santa Catarina, especificamente nas cidades de Florianópolis, Guaramirim e Joinville, reuniu os resultados dos projetos de Mestrado Profissional em Artes – PROF-Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, sob a orientação da professora Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva.

¹¹ A tabela com a análise detalhada dos projetos artísticos virtuais pode está disponível no Apêndice C.

¹² O conceito de sexo e gênero tomam como base, por vezes, a perspectiva pós-estruturalistas (um corpo teórico desenvolvido pela crítica literária, que ofereceria conceitos úteis à análise feminista, tais como linguagens, discurso, diferenças e desconstrução). Esta concepção de gênero, segundo Carvalho (2009) afirma a artificialidade de uma definição única de mulher e de feminilidade, destacando as diferenças e particularidades, com base na historicidade produzida socialmente pelas linguagens e conceitos. Essa concepção enfatiza a necessidade de atenção às linguagens e o papel das diferenças percebidas entre os sexos na construção de todo um sistema simbólico e especialmente na significação das relações de poder. O gênero, neste sentido, não é um conceito que descreve as relações entre homens e mulheres, mas uma categoria teórica que refere a símbolos e significados que são construídos sobre as diferenças sexuais, as quais são utilizadas para compreender todo universo observado e as relações sociais. Essa abordagem, para Carvalho (2009), aponta o perigo de desenvolver uma análise restrita às linguagens, incapaz de abranger as práticas sociais e a tomar as estruturas das linguagens como um sistema de controle inacessível às intervenções. Contudo, a autora coloca a possibilidade de absorver as contribuições das feministas pós-estruturalistas sem perder a referência às práticas sociais e às possibilidades de ações dos sujeitos, sempre determinadas pelas condições socioculturais em que estão imersos.

Esperou-se, com esta proposta pedagógica e seus resultados, que o desenvolvimento de projetos na disciplina de Arte em relação às problemáticas tecnológicas e sociais contemporâneas seja encorajado e, desse modo, propostos com maior frequência, para estimular uma prática docente fundamentada e crítica que considere as diferenças.

2.2. Justificativa

Compreendo que a escola, conforme Bourdieu (2005) é um espaço para a transmissão cultural, a qual se dá pela valorização da cultura transmitida em detrimento de outras. Desse modo, entendo que o que é transmitido aos estudantes define e produz o que é a cultura e, nesse contexto, a relação que os indivíduos mantêm com tal âmbito depende de como este foi apresentado a eles.

Se a escola, assim como outros espaços formais de educação, vem desempenhando um papel legitimador de comportamentos e da dimensão cultural de uma sociedade, deve-se considerar que a abordagem transversal de alguns assuntos, em contraponto, implica na construção de propostas educacionais voltadas para os interesses reais dos estudantes, não apenas centrados na construção eurocêntrica de um currículo alienado.

Aproprio-me dos questionamentos da professora de psicologia na Universidade de Barcelona Montserrat Moreno (2003) sobre como os conteúdos tradicionais propostos atualmente não representam as problemáticas da maior parte da população, para refletir que, assim como é importante o trato de assuntos próprios do universo dos estudantes, também é fundamental proporcionar condições para que, por meio dos conteúdos básicos tradicionais, possuam ferramentas para que prossigam os estudos, de acordo com seus objetivos (Universidade, Ensino Profissionalizante, etc.).

Acerca dessa discussão curricular, retomo os “Temas Transversais” (1998b), constituintes dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais inserem temas cotidianos emergentes de modo a atravessar as diferentes disciplinas curriculares. Dentre eles, destaco o documento “Orientação Sexual”, o qual salienta a sexualidade inerente à vida e à saúde, com o objetivo de superar preconceitos no contexto sociocultural brasileiro.

O documento “Orientação Sexual” é subdividido em três eixos básicos, quais sejam: 1) *As dimensões do Corpo*, 2) *A prevenção das doenças sexualmente transmissíveis* e 3) *As Relações de Gênero*, eixo no qual está pautada a presente reflexão.

A fim de evidenciar a importância da inserção das discussões sobre sexualidade na escola, retomo as considerações de Margareth Rago, historiadora e pesquisadora no campo do

gênero, no prefácio da publicação de Ana Maria Faccioli Camargo e Cláudia Ribeiro (1999), em que menciona a importância, para uma sociedade livre de preconceitos repressivos, o exame do repertório construído socialmente para ler e interpretar as experiências da sexualidade. Esse processo de crítica imbrica em desfazer as falsas legitimidades “naturais” e os valores dominantes que orientam, inclusive, o trabalho docente.

A arte/educação tem um papel fundamental nesse processo de leitura e interpretação das relações de poder e opressão. Marques (2010) considera a arte/educação como a educação do indivíduo que compartilha seus modos de ver, fazer e pensar sobre si e sobre o mundo socialmente. Nesse sentido, a arte/educação potencializa novas relações entre os estudantes e o mundo onde vivem, numa perspectiva que os valoriza como atores sociais. Sobre essas novas relações a autora evidencia não apenas a importância dos questionamentos sobre o contexto, mas sobre si e sobre o outro. A educação pela Arte, ao exercer seu potencial de ruptura, deve contribuir para que a escola não seja mais um espaço que privilegia a cultura de uns enquanto mantém a cultura “dos outros” como ilegítimas.

Assim, torna-se notável que a arte, embora instância com relativa autonomia e imbuída de problemáticas específicas, pode-se ligar às manifestações de resistência de grupos ou sujeitos determinados. Além de experiência estética, torna-se campo para a questão das opressões e exhibe, em denúncia direta ou indireta, aspectos da realidade social. Essas discussões encontram campo ainda mais aberto nos projetos desenvolvidos no ciberespaço, uma vez que superam distâncias espaciais e temporais, o que permite o acesso daqueles que não participam efetivamente tanto do centro das discussões quanto dos espaços geográficos centrais.

Nesse sentido, inserir no espaço escolar os questionamentos ocasionados por essas transformações para identificar possibilidades de compreender como é possível refletir a respeito das questões sociais em torno das mulheres na contemporaneidade a partir de manifestações artísticas desenvolvidas por elas no ciberespaço, torna-se fundamental, uma vez que se aproximam as possibilidades de compreensão da realidade social por meio de ferramentas emergentes e que atravessam as nossas relações.

Destaco, ainda, à luz das potencialidades da cibercultura, que a presente proposta pedagógica reforça a necessidade de um espaço no ambiente tecnológico para as mulheres, a despeito dos papéis de gênero que tornam esse meio em um espaço extremamente androcêntrico.

No campo da cibercultura e, especificamente, da ciberarte, considera-se que as questões levantadas pela arte conceitual desde a década de 1960 são ainda pertinentes,

movimentam a crítica quanto à produção, recepção e circulação da arte. Interrogam as posições das figuras que compõem o seu sistema, os meios que a legitimam e institucionalizam.

Archer (2001) considera que até meados do século XX a arte foi compreendida como um produto do esforço criativo, manifestado majoritariamente em pinturas e esculturas. Neste sentido, as transformações que possibilitam a entrada, no campo da produção simbólica, daquilo que é comum à sociedade e não apenas à arte, encontra *links*¹³ na *Pop Art* que, em meados do século XX, extrai temas da banalidade urbana inglesa e norte-americana.

Considera-se, porém, que já no início deste mesmo século, Marcel Duchamp propunha uma nova postura do artista em relação ao seu processo criativo. Com os *ready-mades*, Duchamp suscita um pensamento refeito a respeito da singularidade da arte em meio à multiplicidade de outros objetos. Comuns nas indústrias e nos banheiros mas incomuns no campo da criação artística, os objetos prontos utilizados por Marcel Duchamp corroboram na conexão com o cotidiano da sociedade. A nova associação de materiais e técnicas abre, então, o horizonte do fazer artístico.

As novas relações de fazer artístico desencadeadas por Marcel Duchamp fazem parte, porém, de uma movimentação que não objetivou ser exclusivamente artística, mas antiartística e política, balizada no choque e no escândalo. O dadaísmo¹⁴, inovador nos processos criativos e técnicos, é lembrado junto às outras movimentações artísticas de seu tempo, mas não se trata de arte e sim de desestabilização da ordem e destruição.

Os dados, a incluir não exclusivamente Marcel Duchamp, utilizavam os materiais e técnicas da arte para fazer notar as frestas e contradições de seu sistema. Retomam, assim, o conceito de *detournement*¹⁵, que prevê a virada das condições sociais contra elas mesmas a fim de revelar seu caráter (ARCHER, 2001).

A chegada do *readymade* de Marcel Duchamp, que revolucionou o fazer da arte, exerce intensa influência sobre os acontecimentos nas décadas de 1960 e 1970. Duchamp nega o sistema de valores que edificou a noção de objeto artístico como uma rebelião contra formalismos e convenções burguesas, detectando a impotência do artista pintor na sociedade

¹³ Associo a palavra *link*, emergente da cibercultura, à ideia de conexão/ligação.

¹⁴ João Alexandre Barbosa em sua publicação “Marx, precursor do Dadaísmo?” na Revista Cult de Julho de 1998, a partir do texto de S. S. Praver “Karl Marx and the world literature”, relaciona a origem do nome “Dada”, conferido ao movimento cultural do início do século XX, ao nome sugerido por Karl Marx a sua publicação *Herr Vogt*. “Da-da”, para Marx, também se trata de um bom título zombeteiro à sua crítica a Karl Vogt.

¹⁵ A palavra francesa, segundo HOME (2004), significa “desvio”, “descaminho” e “roubo”.

industrial. Para Canongia, essa influência indiciada pode ser encontrada em trabalhos de artistas como Rober Rauschenberg e Jasper Johns, precursores da Pop Art com suas inserções sem pretensão estética nas telas.

A autora considera que o alcance às influências de Duchamp vai além. Pensando na ideia de hibridismo, extremamente forte na arte contemporânea, pode-se estabelecer relação com as “categorias” desenho-desenho, pintura-pintura, escultura-escultura que começam a se contaminar. O dadaísmo, nesta perspectiva, foi o primeiro movimento com a tentativa de tirar a arte da própria esfera da arte e lançá-la à vida, desmistificando o “fenômeno artístico”.

Para Freire (2006), a maioria das pessoas encontra dificuldades em compreender a arte contemporânea porque a relaciona à premissa da criação manual única de um artista genial desde os tempos do Renascimento. A arte conceitual - operando não com objetos ou formas, mas com ideias - problematiza exatamente essa concepção de arte e seus sistemas legitimadores.

Nessa estrutura de criação, a autora considera que o artista se torna um manipulador de signos e o espectador se torna leitor ativo. Além de leitor, o sujeito antes compreendido como espectador, passa a ocupar espaços de trânsito, uma vez que é possível passar de fruidor à posição fundamental para a realização de alguns desses projetos artísticos.

Sabemos que a compreensão estética e artística prevista na experiência de percepção da arte, pelo processo de significação da obra por parte do leitor, trata-se de conhecimento (BRASIL, 1997a). Neste sentido, o estudante se torna, por meio do trabalho com a arte produzida neste contexto de transformação, um leitor com intensa possibilidade de ação.

Considero, deste modo, que o desenvolvimento desta ação em contexto periférico em uma cidade do interior de Santa Catarina, justificou-se pela abertura de possibilidades de diálogo entre as identidades femininas construídas no contexto dos adolescentes participantes e pela aproximação destes com uma manifestação criativa que tem como instrumentos tecnologias e linguagens cotidianas, balizadas em princípios de colaboração e horizontalidade, bem como para enriquecer os estudos que consideram as relações de gênero com a ciberarte no campo do ensino na Educação Básica, haja vista que essa relação não vem sendo abordada nos eventos específicos das temáticas *I – gênero*, *II – ciberarte* e *III – Arte/educação*¹⁶.

¹⁶ Foram analisados para tal constatação os anais dos eventos: XXII e XXIII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (2013 e 2014 respectivamente), XXIV Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil (2014), 36ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (2013) e 9º e 10º Seminário Internacional Fazendo Gênero (2012 e 2013 respectivamente).

2.3. Formulação do problema

A desestabilização das estruturas hierárquicas pelas construções sociais¹⁷ horizontalizadas em rede afetou substancialmente não apenas os caminhos da comunicação, da informação e da educação, como das manifestações artísticas. Dilui-se, ainda mais, com a imaterialidade virtual, a ideia que posiciona fixamente o artista e o público em suas dimensões específicas nos processos de criação e fruição estética. A educação da sociedade por si e a veiculação das poéticas virtuais de artistas emergentes e de sujeitos comuns por eles mesmos é promovida pelo impulso causado pela popularização da internet e das ferramentas tecnológicas portáteis.

Nessa perspectiva, afirma-se que a arte na contemporaneidade é marcada pela abertura de discussões às questões externas ao seu meio. Se a arte contemporânea insere nas instituições oficiais as problemáticas sociais, a ciberarte possibilita o exercício criativo e de atividade daqueles que não encontram espaço nos cenários das convenções oficiais. Reitera tal concepção Vázquez (2011) ao afirmar que a arte jamais foi impermeável à influência social ou deixou de influir na sociedade.

O ciberespaço, caracterizado por ser a rede que parte da interconexão mundial dos computadores, é uma dimensão com a qual, uma vez estabelecida a conexão, exige-nos repensar a respeito das novas formas de construção de saberes, compartilhamentos, experiências estéticas e produções simbólicas. Transformam-se as manifestações artísticas e, principalmente, o modo como essas criações são inseridas no espaço escolar e articuladas com o contexto dos sujeitos nele inseridos. Esse espaço se encontra contaminado pelo crescimento da cibercultura, na organização da distribuição de informações, não mais em uma posição privilegiada, haja vista que as comunidades virtuais, construídas em torno de um laço social de interesses comuns, são potencialmente libertárias e emancipadoras.

Entre as principais funções da educação, especificamente da arte/educação, está a abordagem dos conflitos e das multiplicidades de seu público, conforme a perspectiva de abordagem transversal dos conteúdos clássicos por aqueles emergentes da realidade dos sujeitos atendidos pela escola, proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Desse modo, a disciplina de Arte, campo para a contextualização, a leitura e o exercício das manifestações criativas humanas, tem importância fundamental no processo de compreensão da realidade social contemporânea. Uma vez que o estudante está exposto à

¹⁷ Compreende-se, neste projeto, o termo “construções sociais” como um conjunto de ações constituídas coletivamente em determinada cultura como, por exemplo, a estruturação de comunidades, as hierarquias dessas comunidades, a definição dos papéis sociais, entre outras.

proposição de produzir trabalho de arte como para apreciar, valorizar e emitir juízo sobre as manifestações artísticas da contemporaneidade (BRASIL, 1997a).

Embora haja referências às relações que circundam as manifestações criativas e sociais das mulheres na internet, propõe-se com esta pesquisa, especificamente, identificar como as manifestações expressivas emergentes do ciberespaço, desenvolvidas por artistas mulheres, possibilitam, no âmbito da disciplina de Arte, a compreensão das questões sociais acerca das mulheres.

Com base nas considerações desenvolvidas até então, questioneei: como os estudantes compreendem, ao participarem e analisarem essas ações criativas, que, como construtores de significações, também são capazes de perceber e problematizar as questões sociais que envolvem as mulheres na contemporaneidade?

2.4. Objetivos

Pautei esta proposta pedagógica no objetivo de investigar as interações artístico-pedagógicas dos estudantes de Ensino Médio a partir de uma proposta de abordagem do tema “mulheres” com a inserção das manifestações artísticas emergentes do ciberespaço, desenvolvidas por mulheres, no contexto da aula de Arte.

Para tanto, estabeleci os seguintes objetivos específicos: I) Aplicar questionário¹⁸ e realizar entrevistas para elucidar questões presentes nos registros dos estudantes; II) Refletir a respeito da relação entre arte e sociedade; acerca das mudanças remanescentes na arte da virtualização e estruturação em rede das diversas manifestações humanas; III) Problematizar as relações de gênero emergentes no cotidiano dos estudantes a partir de análise de trabalhos artísticos desenvolvidos no ciberespaço por mulheres e dos aspectos relevantes acerca desta temática identificados nos questionários preliminares; IV) Desenvolver projeto artístico virtual a partir de acervo imagético construído pelos estudantes com o intuito de articular, como temática propulsora, a realidade das mulheres com as discussões propostas durante os encontros com o grupo; Desenvolver diário de campo para registro do processo e VI) Analisar os materiais produzidos pelos estudantes para identificar o modo como as relações de gênero se articulam com sua produção artística.

¹⁸ Os questionários estão em Apêndice A e B.

2.5. Fundamentação teórica

Compõem o suporte teórico desta ação pedagógica as análises dos trabalhos artísticos virtuais desenvolvidos por mulheres no ciberespaço em língua portuguesa, espanhola e/ou inglesa¹⁹ e o embasamento bibliográfico acerca dos principais conceitos que envolvem a proposta, quais sejam: ciberespaço, cibercultura, ciberarte, ciberfeminismo, ensino de arte, temas transversais, relações de gênero e educação e novas tecnologias.

2.5.1. O ciberespaço e a diluição das hierarquias do ensino

Eagleton (2011), crítico literário e escritor marxista, analisa diferentes conceitos de uso do tema “cultura”, inclusive grafando-o ora com *C* ora com *c*. Destaca que esta se trata de, basicamente, seguir as regras da sociedade que a produz. O autor considera que cultivar é manter aquilo que nasce naturalmente e que há uma natureza além de nós, a qual deve ser elaborada de uma forma humanizadora. A cultura, portanto, apresenta-se como a interação entre o regulável e o não regulável, o que nos permite questionar os limites existentes entre o que é natural e o que é naturalizado socialmente por determinados interesses hegemônicos.

O cultivo, nessa perspectiva, é uma atitude que pode ser tomada pelos sujeitos na sociedade no que diz respeito a si e as suas coletividades, o que reflete uma dimensão possível de empoderamento e desenvolvimento de autonomia. Por outro lado, a atitude de cultivar também pode ser tomada pelo Estado que, para alcançar sucesso, incute nos cidadãos determinadas adequações comportamentais e de ideias, de modo a se configurar como uma força transcendente que desenvolve em nós determinadas qualidades que nos caracterizam como humanidade.

Para o autor, a cultura manifestada pelo Estado é uma utopia que abole as lutas num nível imaginário, o que não as resolve no nível político, haja vista que são os interesses políticos que governam as culturas e definem a humanidade e que estes defendem, majoritariamente, os interesses de poucos. Nota-se, portanto, que é tarefa da cultura arrancar da diversidade uma unidade, para que sejam anuladas as especificidades dos contextos e dos sujeitos. A cultura, assim concebida, cura os sujeitos rebeldes de seus desvios para um ideal de humanidade e os molda para as necessidades de uma sociedade organizada. Constitui-se, nesse ponto, um conflito entre a cultura (a tradição) e a civilização (a modernidade), sendo a primeira responsável por socorrer a segunda ao refinar suas rebeldias em condutas e hábitos aceitáveis.

¹⁹ A tabela com a análise detalhada dos projetos artísticos virtuais pode está disponível no Apêndice C.

Se por um lado a cultura pode estar a favor das “boas maneiras”, por outro ela pode ser energia propulsora para transfigurar a ordem social da qual é produto. A cultura pode, por exemplo, reforçar a ordem social pela censura quando passa a ser atividade restrita a uma pequena proporção de mulheres e homens, enquanto a organização dos não participantes dessa atividade excludente pode desconfigurar ou, ao menos, desestabilizar esta relação de dominação cultural.

A ideia de cultura, nessa perspectiva, passa a ser importante nos seguintes pontos de crise histórica: quando contribui com alternativas para a sociedade ideal, ou seja, quando se apresenta transgressora; quando se torna termo para a emancipação política de determinada sociedade e quando possibilita um acordo entre uma força imperialista e outra subjugada. De um modo geral, segundo o autor, a cultura se trata de uma unidade social no Estado-nação moderno que não mantém, entre seus papéis, a sociedade unida, mas se trata de um nível dominante da vida social e, ao mesmo tempo, pode ser apresentada como alternativa às hegemonias.

A fim de desenvolver uma problematização coerente com os objetivos desta Proposta Pedagógica, centrei a atenção nas organizações dos grupos subjugados na hierarquia da normatização pela cultura pensada por Eagleton (2011): em meu contexto, o campo da arte/educação, busquei articular mulheres, professoras, artistas, resistentes e estudantes adolescentes de periferia. Exercitarmos, por meio da tecnologia, a transgressão.

Acerca do contexto de educação tecnológica (ou educação pela tecnologia), Biazus (2009) afirma que para serem efetivados novos processos de criação não basta o acesso às informações digitais, é preciso desenvolver ambientes que possibilitem vivências em rede. A rede pressupõe construções sociais não hierárquicas, o que possibilita deslocar o objetivo primário do ensino das abordagens conteudistas clássicas para proposições articuladas e mediadas por questões externas às áreas específicas de conhecimento trabalhadas na escola, tais como o que é pertinente ao cotidiano dos estudantes.

Reitero, finalmente, Reimann (2009), ao afirmar que a escola pode não estar preparada para as potencialidades do ciberespaço, uma vez que esta requer não apenas equipamento tecnológico, mas reformas profundas em suas concepções didáticas, haja vista que a expansão da cibercultura desloca os critérios engessados de avaliação do conhecimento e articula a educação institucionalizada com a educação da sociedade por ela mesma.

2.5.2. Ciberarte e sociedade: relações de potência e transformação

A fim de enriquecer a reflexão acerca das transformações decorrentes da popularização do ciberespaço no cotidiano, torna-se importante pensarmos, em especial, o modo como a arte emergente dessa dimensão das manifestações humanas se relaciona e desdobra na sociedade. Sobre esta abordagem, Oliveira (2005) considera que para entender a cibercultura, devemos recorrer à ideia de cultura como prática cotidiana, envolvendo sujeitos e relações sociais que carregam tensões, conflitos e mudanças reais. Trata-se de observar como ocorrem as transformações na experiência cotidiana, uma vez que as alterações no modo de produção, decorrentes da cibercultura, afetam de modo identificável o espaço da cultura, da arte e as experiências sociais.

Cristina Freire (2012), por esta abordagem, afirma que as mídias de comunicação marginal surgem na década de 1960 e 1970 em reação aos meios de comunicação de massa, questionando suas posturas impositivas, integrando a arte na vida social cotidiana, resistindo e criticando o sistema de arte e seu mercado. A provocar, desse modo, circuitos, ruídos e questionamentos dentro do sistema de arte e suas estruturas sociais. A autora considera, ainda, que para a circulação de trabalhos de arte produzidos com materiais precários, simples e habituais, como a internet e suas interfaces, novos valores devem ser propostos para a prática artística, agora num âmbito coletivo, participativo e político, a fim de (ou por consequência indireta) negar a aura da obra de arte²⁰.

Nesse sentido, e no que diz respeito à produção artística como um produto de um sujeito historicamente condicionado, Vázquez (2011) considera que o gozo e a criação estética compõem a apropriação humana das coisas e da natureza humana em si. O artista reflete, dessa forma, por sua criação, a realidade, já que é condicionado histórica e socialmente. Reflete a si mesmo, sua época e sua classe. Este produto, a arte, surge *no e pelo* particular deste sujeito, o artista, e suas relações com o meio, considerando esta que nos possibilita pensar a ciberarte e suas variantes em uma relação direta com as necessidades e discussões de nosso tempo. Conforme sua origem, carrega a potencialidade de se desdobrar

²⁰ Quanto à perda da aura da obra de arte, Benjamin (1987; 2012) define “aura” como uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais, sendo a aparição única de uma coisa sempre distanciada. A perda da “aura” não se trata, portanto, da perda de uma função social e sim de uma transformação total que a direciona para uma politização da arte, uma vez que com o surgimento das reproduções (ou atualizações), a arte recua seu valor de culto, deslocando-se do altar para um lugar comum de todas as produções humanas.

em ações de questionamento e denúncia do que somos, do que fazemos, de onde vivemos e sob quais condições²¹.

Para Machado (2010), as experiências artísticas apropriadas de recursos tecnológicos, principalmente das mídias emergentes contemporâneas²², podem promover, pelos meios de comunicação de massa, espaços de colaboração, diálogo e intervenção. Para o autor, em relação à reflexão desenvolvida até o momento acerca do condicionamento histórico e social das manifestações artísticas, “toda arte é feita com os meios de seu tempo” (Machado, 2010, p. 10), o que significa considerar que as artes midiáticas exprimem justamente as sensibilidades deste terceiro milênio.

O autor ainda argumenta que ao expandir o espaço da galeria para o ciberespaço, a arte altera também seu estatuto e estimula outras possibilidades de inserção social. A arte, sob essa perspectiva, ao utilizar os meios tecnológicos criados pela indústria para manter seu sistema em funcionamento, torna-se um ato desviante, assim como um forte instrumento de crítica e (re)conhecimento de como as sociedades se organizam e se mantêm.

2.5.3. Arte e Gênero: manifestações desviantes

No concernente às discussões de gênero, seu contexto de origem pode ser sinalizado no período pós Segunda Guerra, do qual surgiram publicações como “O segundo Sexo”, (1949) da filósofa e feminista Simone de Beauvoir. As mudanças em relação a essa conscientização social passam a ocorrer na década de 1960, marcada por um sentimento coletivo de revolução. Para Arruda (2011), tais mobilizações não se ativeram ao âmbito político, abrangeram também setores da cultura, como a literatura, a música e as artes visuais.

É impossível, segundo Farias e Dos Anjos (2010), separar arte e política: a arte, por meios próprios, interrompe as coordenadas pelas quais compreendemos e habitamos o mundo, inserindo nesses caminhos atitudes que antes não lhes cabiam, tornando-os maiores. A arte é, portanto, um meio privilegiado de reinvenção da realidade. A dimensão utópica da arte está contida nela mesma, um infinito próximo que os artistas mesmo produzem, dando força para seguir adiante a despeito de tudo o mais. A arte tece, entranhada nela mesma, uma política.

²¹ Acerca desta discussão, Walter Benjamin (1987; 2012) considera que o contato do espectador com essas reproduções, as quais contextualizaremos como a ciberarte, possibilita uma atualização do objeto reproduzido, objetos esses que, segundo o autor, se relacionam intimamente com os movimentos de massa, como o cinema, por exemplo. Torna-se importante frisar que o autor também afirma que o modo pelo qual se organiza a percepção humana está condicionado natural e historicamente.

²² Me refiro a computadores, *tablets*, celulares, entre outros veículos de mensagem.

A arte conceitual, embora não possua em essência a temática do feminismo, construiu base para as ações artísticas contemporâneas. Nesse sentido a escolha de um referencial amparado pela teoria marxista: de que a arte surge das/nas relações sociais, reforça-a ideia de que a arte deve estar relacionada à vida (ARRUDA; COUTO, 2011) embora segundo Vásquez (2011) tenha uma autonomia relativa.

Entre as décadas de 1960 e 1970, período marcado pelo desenvolvimento da arte conceitual e a desmaterialização da arte, são criados programas, grupos e ações em resposta à ausência feminina e feminista nos meios acadêmicos, teóricos e de produção de arte²³.

A década de 1980, nesse campo, tem como característica principal o radicalismo propagandista da causa feminista, quando ocorre a inserção da arte com temática homossexual, investigações subjetivas do sujeito e suas diversidades. Barbara Kruger, artista conceitual, por exemplo, ao desenvolver trabalhos artísticos, procura reacender as reivindicações das minorias, sobretudo do feminismo.

Os enunciados de Kruger possibilitam a reflexão acerca da cultura de massa destinada à mulher, enquanto a cultura determinada como autêntica permanece aos homens. Essa demarcação de território foi desenvolvida principalmente pela vanguarda, reafirmando a dicotomia macho/fêmea. A artista denuncia, assim, o masculinismo das vanguardas históricas, as quais trataram a mulher como simples objeto do desejo e da fantasia masculina - como acontece no Surrealismo.

As composições de Barbara Kruger se originam da apropriação de imagens fotográficas e sobreposições destas com textos de linguagem direta, cuja mensagem subverte o sentido da imagem. Consumismo, estética, política, relações de poder e questões de gênero, são temáticas constantes em seus trabalhos que, desse modo, possuem forte teor crítico (ARRUDA; COUTO, 2011).

Figura 1: Barbara Kruger. *Love For Sale*, 1990.



Fonte: Site de Barbara Kruger - 2015.

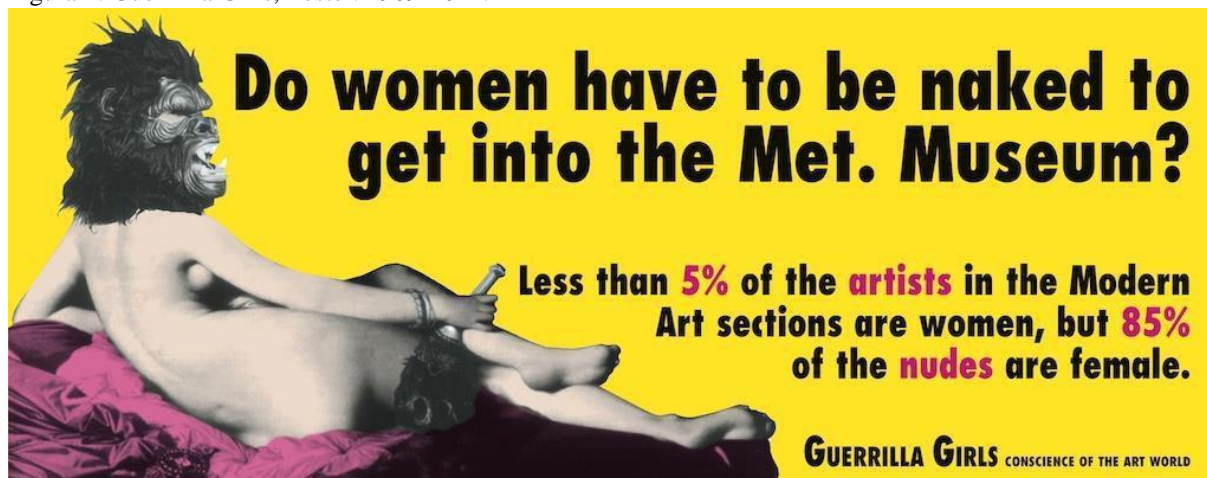
²³ Para mais informações acerca da participação feminina na arte, sugiro a leitura de VICENTE, Filipa Lowndes. *A arte sem História: Mulheres e cultura artística (séculos XVI – XX)*. Lisboa: Babel, 2012.

A imagem anterior, composta por um sujeito aparentemente mulher, trata-se do trabalho *Love For Sale* (Fig. 2)²⁴, de Kruger, capa de um livro publicado em 1990, que possibilita reflexões acerca do universo da prostituição e nos permite pensar sobre o corpo como um objeto de consumo.

A relação estabelecida entre arte e feminismo possibilitou aos profissionais da área e ao público desenvolver questionamentos quanto às normas vigentes, no entanto, a arte de temática feminista não é um movimento estético dentro da arte, mas um modo de interagir com o mundo.

A inserção das discussões de gênero e multiculturalismo partiu de um grupo determinado de mulheres estudadas e envolvidas com o mundo acadêmico. Neste contexto, surgem manifestações como o grupo *Guerrilla Girls*, organizado por mulheres artistas que, vestidas com máscaras de gorilas, proferem questionamentos acerca dos baixos índices estatísticos da participação de mulheres em exposições de arte. Seu trabalho, contudo, não era apenas representacional. Essas mulheres objetivaram resultados e suas ações desembocaram em questões sociais maiores.

Figura 2: Guerrilha Girls, Pôster. 1989-2012.



Fonte: Site do coletivo Guerrilha Girls, 2015.

O trabalho do coletivo *Guerrilla Girls* (Fig. 3)²⁵ discute as questões levantadas anteriormente, da participação da mulher no sistema de arte através do enunciado e da apropriação em citação da pintura *Odalisca* (1814), de Jean Auguste Dominique Ingres. O corpo da odalisca é apresentado como um possível símbolo dos estereótipos de feminilidade. Por outro lado, a masculinidade é dada por uma máscara de gorila que, por encobrir sua face, alude à identidade.

²⁴“Amor à venda” (tradução livre).

²⁵“As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu Metropolitano? Menos de 5% dos artistas na seção de Arte Moderna são mulheres, mas 85% dos nus são femininos.” (tradução livre).

A revisão da teoria marxista, ocorrida na Europa na primeira metade do século XX, contribuiu para o desenvolvimento não apenas das movimentações políticas e culturais citadas até então, mas também para o surgimento de grupos de guerrilha cultural, como os Situacionistas, cujo objetivo era que as ideias voltassem a ser perigosas (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2002).

Desse modo, os Situacionistas contrariam a ideia dos sujeitos “artistas”. Antiarte, o grupo utiliza o princípio de *detournement* para orientar suas ações, o que significa que seu método consiste em tomar elementos do mundo inimigo para construir algo novo.

Conscientes de sua posição privilegiada na sociedade, afirmam que “do mesmo modo que na cultura da vanguarda, o infeliz espetáculo antiespetacular é restrito aos atores, a arte antiartística é criada e compreendida somente por artistas” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2002, p. 114).

Acreditam, de qualquer maneira, que “se quiserem realmente transformar o mundo, devem se livrar daqueles que querem se contentar apenas em pintá-lo de branco” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2002, p. 45). Com o tempo, suas questões culturais perdem espaço para as temáticas políticas, como o movimento estudantil europeu.

Para a crítica de arte Ligia Canongia (2005), a antiarte traz movimentações, denominadas de “guerrilha artística”, que questionam o conceito de arte. Esse conceito de antiarte expunha as contradições do sistema artístico e suas estratégias fetichistas, questionando profundamente de onde surge seu caráter efêmero, precário e até invisível (CANONGIA, 2005).

Desde o Dadaísmo, porém, de modo não intencional, pode-se observar uma tendência a produções artísticas de viés sociológico, as quais consideram o contexto das produções artísticas e as absorções que realizam.

Não se pode determinar, com clareza, os tempos e os modos da arte contemporânea. Pode-se arriscar, contudo, esboçar algumas linhas em torno das experimentações desenvolvidas a partir da metade do século XX. Como uma crise, a arte passa a discutir intensamente suas abrangências e passa a ser contaminada pelas massas e suas problemáticas que beiraram, por muito, a insignificância. Coletividades subalternas passam, assim como os objetos cotidianos, a sustentar também as discussões artísticas.

No caminho dessas inserções das problemáticas de gênero no âmbito artístico surgem, nas últimas décadas deste século, as manifestações artísticas de cunho ciberfeminista, as quais utilizam o ciberespaço para construir e conquistar, de modo igualitário, espaço no campo da arte/tecnologia para as mulheres.

Acerca disto, sabe-se que o ambiente tecnológico, enquanto campo profissional, não está entre os papéis construídos socialmente para as mulheres. Meninas são criadas, desde pequenas, para lidarem com equipamentos muito específicos (e restritos): as panelas, as vassouras e as bonecas, de modo a desenhar desde cedo ensaios de uma boa “dona de casa”.

Nesse sentido, Natansohn (2013) problematiza abordagens histórico-sociais, políticas públicas, conceitos, organizações e manifestações artísticas sobre o ciberfeminismo. A luta pelo acesso igualitário às tecnologias entre homens e mulheres diz respeito, majoritariamente, a uma tecnomilitância, à busca pelo direito a um espaço de movimentação social e à expressividade livre dos sexismos imperadores.

Dentre os trabalhos colaborativos que compõem a análise da presente pesquisa, destaca-se o *Female Extension* (1997), de Cornelia Sollfrank, diretamente ligado às movimentações ciberfeministas²⁶. A artista inscreve mais de 200 trabalhos - supostamente propostos por artistas mulheres mas que, na verdade, não existem - de sete nacionalidades diferentes, em um concurso intitulado *Extension* (a primeira competição de *net art* aberta por um museu, a Galeria de Arte Contemporânea do Museu de Arte de Hamburgo). Embora inativo, é um trabalho e uma brincadeira de *hacker*²⁷ com arte que, além de aberto para a participação dos navegantes do ciberespaço, denunciou a desigualdade entre as posições ocupadas por homens e mulheres artistas nas instituições que legitimam as criações humanas como artísticas ou não.

2.5.4. Os Temas Transversais e as Relações de Gênero

A transversalidade é colocada, em Busquets (*et al*) (2003), como um elemento impregnado no cotidiano de professoras e professores que implica na construção de propostas educacionais voltadas para os interesses reais da sociedade. Reafirma, nesse sentido, a importância da escola como potencial de transformação social.

Sobre as práticas higienistas de controle da sociedade, Moreno (2003) considera que a transformação na ciência, desde a aceitação da incerteza como base do trabalho científico, abre o campo para novas possibilidades. O ensino, para tanto, deve estar atento a essa nova forma de conceber a ciência e possibilitar o desenvolvimento de habilidades nos sujeitos que os tornem capazes de lidar com as necessidades da realidade que os cercam. Pode-se dizer, desse modo, que os Temas Transversais estão originados da movimentação de organizações

²⁶ A artista teve importante participação no 1º Encontro Internacional Ciberfeminista, na X Documenta de Kassel, em 1997, com seu grupo Old Boys Network (<http://www.obn.org>).

²⁷ Pessoa aficionada por informática, geralmente envolvidas com a militância a favor de sua distribuição mais equitativa. Distingue-se de *cracker*, o que popularmente conhecemos como os piratas da informática (NATANSOHN, 2013).

não governamentais e governamentais que, com o desenvolvimento de projetos, passam a pressionar os Estados para a estruturação de um currículo voltado ao cotidiano dos estudantes.

Torna-se necessário, nesse processo, evitar os preconceitos construídos ao longo dos anos. Especificamente no que tange à desconstrução das falsas verdades pela reflexão no campo da educação, retoma-se a origem das disciplinas escolares, as quais provêm de ideais eurocêntricos e elitistas da cultura ocidental. Tal afirmação torna pertinente questionar a relevância desses conhecimentos que, sabe-se, foram escolhidos como fundamentais pelos intelectuais gregos, no entanto, são fundamentais para o acesso ao sistema de estudo das universidades atualmente, por meio de seleções como as provas de vestibular.

O mesmo distanciamento tomado das necessidades da sociedade, ou seja, determinado por uma conjuntura histórico-cultural, que impulsionou o desenvolvimento intelectual ocidental, influencia construções curriculares, as quais pautam a prática docente nas escolas. Desde então, seguem, por vezes, a ignorar o contexto de onde emerge o público que atende. Não se trata, contudo, de ignorar as disciplinas científicas tradicionais, mas de agregar cotidiano, problemáticas reais e a reflexão a elas.

A inserção dos Temas Transversais como fios condutores do plano de ensino possibilita o desenvolvimento de práticas que se tornarão instrumentos de transformação com base na reflexão e problematização da realidade dos estudantes, o que constrói novos saberes e requer a resolução de problemas.

Na abrangência específica da sexualidade humana, em Aquino (1997), afirma-se que esta dimensão humana sofre influências e pressões ambientais, ou seja, da cultura, que seleciona os comportamentos sexuais ideais. Cada sujeito, porém, deve interagir de modo específico e livre com esse ambiente. Sob essa perspectiva, por mais influente que uma cultura possa ser, ela jamais será capaz de eliminar determinadas condutas, ainda que subjugadas à clandestinidade. A tradição da ciência biológica e sua influência nas relações sociais em torno da sexualidade, no entanto, não está isolada, mas inter-relacionada com a dimensão cultural da sexualidade.

No processo de busca dos sentidos da sexualidade, as influências culturais, como as da família, dos meios de comunicação, da religião e da escola, afetam diretamente o indivíduo, moldando-o e o adaptando a padrões que, por vezes, os são alheios. Tais valores culturais estão fortemente presentes na escola, nesse sentido, a sala de aula se torna um ambiente profícuo de conflitos e tensões explicitadas pelos espaços de expressão e discussão em liberdade, para que os estudantes possam pensar sobre si mesmos e sobre os outros, ressignificando as determinações culturais sobre sexualidade, de modo crítico e democrático.

Em Aquino (1997), o gênero é considerado algo a se tratar na dimensão histórica e cultural dos diferentes significados atribuídos ao masculino e ao feminino em nossa sociedade. Nesse sentido, o projeto pedagógico que inclui as relações de gênero como discussão transversal possibilita a abertura para a desestruturação da exclusão que, segundo a autora, trata-se de uma distinção e, até mesmo, uma restrição, relacionada ao gênero. Ignorar essas relações é manter a exclusão.

Foi destinada à mulher a lida com o privado: o lar, os filhos, o marido. Nesse sentido de manutenção da diferença entre os gêneros, suas problemáticas se mantêm no âmbito privado, escondidas das discussões pertencentes ao âmbito público, relegado ao homem, marido, trabalhador, provedor do lar. Esses são os estereótipos mais disseminados a respeito do que é atividade masculina ou feminina. Compreende-se que o gênero, dessa forma, interage com as demais atividades sociais. Seguindo esse viés, entende-se que as relações sociais são reificadas na escola, no interior das relações estabelecidas neste espaço.

O ambiente escolar não é, portanto, neutro às construções sociais em torno do gênero. Pelo contrário, é potencialmente um espaço de manutenção e, igualmente, desestruturação das construções dominantes de desigualdades.

A escola é um espaço de saber legitimado, imbuída de ideologias manifestadas desde sua gestão pelo poder estatal, até o trabalho desenvolvido cotidianamente com a comunidade, o que significa considerar que a escolha curricular e metodológica dos professores expressa e instaura determinadas visões de mundo, hegemônicas e contra-hegemônicas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997b) apresentam um componente fundamental na busca por uma educação que considere o que está fora do ambiente escolar, ou seja, o sujeito e a complexa gama de fatores que o constitui. Esse documento foi construído a fim de orientar a prática dos professores das diferentes áreas por todo o Brasil, por uma perspectiva de valorização das diferenças (tanto regionais quanto dos sujeitos) e busca pela igualdade (de conteúdos referenciais comuns e das questões relacionadas à cidadania e aos direitos).

Constituinte desses Parâmetros, os Temas Transversais (1998b), propõem uma educação democratizadora, que valoriza a participação na reflexão e decisões políticas por parte dos estudantes pela inserção de temas cotidianos emergentes de modo transversal, ou seja, que atravesse as diferentes disciplinas curriculares. Os parâmetros explicitam, desse modo, um compromisso por parte das Políticas Públicas de incorporar a realidade social no debate escolar.

A *Orientação Sexual*, composta também por abordagens do respeito à pluralidade de crenças, objetiva salientar entre os Temas Transversais propostos, a sexualidade inerente à

vida e à saúde, a fim de superar preconceitos no contexto sociocultural brasileiro. Assim, propõem o desenvolvimento do respeito de si e ao outro.

O documento (1998b), subdividido em três eixos básicos, que são: *As dimensões do Corpo*, *A prevenção das doenças sexualmente transmissíveis* e *As Relações de Gênero* (no qual está pautado a presente reflexão), apresenta num breve histórico a influência dos movimentos feministas e das mudanças no comportamento da sociedade, especialmente jovem, durante as décadas de 1960 e 1970, que culminaram na inserção dessa temática no currículo das escolas. Coloca, ainda, que os valores conservadores ou liberais em relação à sexualidade são, em primeira instância, uma construção da instituição familiar.

Vale reconsiderar nesse processo, ainda, as influências dos valores familiares na atualidade que, embora relevantes, não são determinantes, uma vez que também somos influenciados cotidianamente pelas diversas manifestações midiáticas, tais como a televisão e a internet, que podem reafirmar determinados preconceitos.

Essas diversas questões são expressas pelos estudantes em seu ambiente escolar, na interação com professores e colegas. Torna-se, então, grande responsabilidade da escola proporcionar e instigar espaços de reflexão e crítica. Segundo o documento, a escola é uma transmissora de valores, de modo intencional ou não. Assim, a perspectiva democrática e pluralista proposta pela inserção dos Temas Transversais no currículo das disciplinas, possivelmente, contribui para o auto entendimento e a vivência saudável dos estudantes.

Especificamente acerca das Relações de Gênero, o documento reafirma a necessidade de ser abordada a equidade entre os gêneros e aponta transformações na sociedade brasileira que corroboram na necessidade de inserir transversalmente a temática da sexualidade no ambiente escolar. Nesse sentido, a própria configuração da família, não mais formada apenas por pai e mãe, requer a revisão dos papéis de gênero.

São considerados conteúdos relevantes à temática de Orientação Sexual aqueles que, na dimensão sociocultural, correspondem aos questionamentos apresentados pela própria sociedade nos tempos atuais, assim como as dimensões biológicas, mas também psíquica e sociocultural, a fim de não reafirmar uma visão reducionista da sexualidade. Este é um trabalho para contrapor estereótipos de gênero, raça, cultura, classe social e outros. Coloca-se, então, contra as discriminações associadas às expressões da sexualidade.

No que tange às Relações de Gênero, compreende-se que a noção do que é “masculino” ou “feminino” é construída socialmente. Sabe-se que, neste panorama binário da sexualidade humana, as mulheres têm uma posição historicamente subjugada. Abordar esse assunto objetiva combater as relações de autoritarismo e questionar os padrões estabelecidos.

Refletir sobre os preconceitos de gênero possibilita garantir a equidade entre eles, o que proporciona o exercício da cidadania, tão evidenciado pelos Parâmetros (1998a).

Desse modo, o desenvolvimento de projetos que relacionem as Relações de Gênero no âmbito escolar possibilita o empoderamento de determinados grupos historicamente subjugados, como os LGBT²⁸, as mulheres, as mulheres negras e indígenas, entre outros. Por meio da reflexão, da crítica e da exposição de ideias, torna-se alcançável o reconhecimento de si e do outro enquanto sujeitos livres, de direitos e deveres pautados no respeito às individualidades e diferenças, uma vez que a dominação vem a ser explicitada e não mais velada nos discursos cotidianos.

É sabido que a sexualidade é, além de uma dimensão biológica, uma manifestação cultural, inserida em determinado contexto histórico. O comportamento sexual das pessoas, portanto, é regido de acordo com a sociedade na qual estão inseridas por condutas que normatizam os corpos para definir o que é legítimo.

Vale considerar, para o aprofundamento nesta reflexão, que a sexualidade se torna, em uma sociedade capitalista, um interesse de normatização organizado pelas classes, mediado pela ciência, pelo Estado e suas ações e instituição pela mídia, mas é manifestada em um imaginário coletivo de todos, partícipes ou não, destes agrupamentos dominantes. O que significa que, embora não sejamos responsáveis por produzir diretamente normativas comportamentais preconceituosas, estereotipadas e os falsos papéis de gênero, sem a reflexão acerca do que ocorre em nosso entorno, podemos internalizá-las como naturais.

Abordar a sexualidade no plano pedagógico escolar significa, por este viés, considerar a construção das identidades e da reflexão como processo de formação, e torna legítimo o papel do educador nesse campo, visto que até mesmo seu discurso pode influenciar na construção de valores desenvolvida pelos estudantes.

Professoras e professores de Arte, especificamente quanto às artes visuais, ao articularem história e prática artística com a leitura atenta das representações e dos significados construídos pelas imagens, proporcionam um espaço de expressão e reflexão acerca das problemáticas sociais em torno das questões de gênero que circundam o cotidiano dos estudantes. Desse modo, as abordagens temáticas desenvolvidas na arte podem ser expandidas para a sala de aula e vinculadas à vida destes sujeitos.

Ao analisar a proposta desenvolvida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998b) entre o tema Orientação Sexual e a arte, em sua dimensão das Relações de

²⁸ Segundo o documento *Brasil sem Homofobia* (2004), a sigla LGBT se refere a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. O uso do termo foi aprovado durante conferência realizada em Brasília, em 2008, e substituiu a sigla GLS (gays, lésbicas e bissexuais), utilizada até então para representar a diversidade sexual.

Gênero, nota-se a superficialidade ao ignorar a potencialidade da arte/educação. Sugere-se, como exemplo, o trabalho contra as discriminações, uma vez que socialmente, no tempo presente, as atividades artísticas são atribuídas às mulheres, como no caso da dança, e considera, ainda, o enfrentamento histórico das mulheres em optarem por uma carreira artística, considerado um campo de vulgaridade. Menciona, ainda, uma possível diferença entre a expressividade na arte entre homens e mulheres. Sabe-se, contudo, no campo da arte na contemporaneidade, a recorrência das temáticas sociais em relação aos projetos artísticos.

A escola, atualmente, portanto, a aula de Arte, torna-se um importante espaço de resistência, de reivindicação pela diferença, contra os movimentos que impõem verdades, dominam e exploram os comportamentos de determinados sujeitos na vida cotidiana. Sem a postura crítica no campo da educação, o poder, a constituir socialmente seres sexuados, é cada vez mais internalizado por crianças, jovens homens e mulheres que passam a viver na dinâmica das verdades impostas, balizadas em princípios de higiene social daquilo que é desviante.

Passaremos a pensar, então, acerca das possibilidades e condições sob as quais trabalha a educação em Arte para desconstruir essa estrutura opressora e higienista mantida pela escola.

2.5.5. Acervo imagético e criação de significados

Centraremos nossa atenção nos estudantes e no modo como estes respondem às construções sociais, principalmente as disseminadas pelo vasto campo das imagens. Torna-se extremamente necessário considerar, neste panorama, os sujeitos centrais envolvidos no sistema de educação formal: gestoras(es), professoras(es), estudantes e suas famílias, indiretamente.

A criatividade para Vygotsky (2014) tem origem social e é veiculada pela troca simbólica, que se dá, por exemplo, pelo contato com as manifestações criativas no campo da arte. Considera-se, neste ponto, a criatividade como uma atividade humana criadora de algo novo, referente também às construções do âmbito mental ou sentimental. Para o autor, esta ação humana possibilita a representação de algo do mundo exterior. A ação criativa, porém, quando emergente da reprodução, busca não apenas fora do sujeito, mas na memória deste, o repertório para a repetição de um comportamento anterior, percebido pela observação. O que significa que o ato imaginativo é composto de elementos extraídos da própria realidade.

A memória se revela um mecanismo facilitador no processo de adaptação dos sujeitos com o exterior, de modo que os hábitos podem ser repetidos em circunstâncias

similares. O substrato fisiológico desta atividade reprodutora se encontra na propriedade de adaptação e conservação adquiridas pela plasticidade do sistema nervoso, marcados por aquilo que Vygotsky (2014) chama de “pressões” diversas, fortes ou recorrentes.

Se o cérebro não é um órgão que se restringe à conservação, mas é também combinatório e criador, evidencia-se que a criatividade, na concepção do autor, inclui a imaginação como precedente e, portanto, considera as criações não materializadas, como as produzidas pela mente. Estrutura-se um círculo de dependências, já que para criar é preciso imaginação que, por sua vez, é dependente da intensidade das experiências vividas pelos sujeitos. O acúmulo de experiências, no entanto, é enriquecido não apenas pela variedade, mas por períodos de maturação.

A conexão da imaginação, ou fantasia para Vygotsky (2014), com a realidade, pode ocorrer também com novas combinações, a partir daquilo que os sujeitos já assimilaram ou por conjunção emocional, o que significa que os sentimentos se revelam pelo contato com imagens que os correspondem. As imagens, a incluir as manifestações artísticas, podem influenciar a lógica interna dos sujeitos e exercer uma influência social. Os artistas e produtores de imagem seguem esta lógica a partir de suas relações com os símbolos externos e suas combinações mentais.

O mecanismo da imaginação criativa se constitui na combinação de imagens isoladas em um quadro de extrema complexidade não linear. Neste processo, as impressões e as combinações internas, tais como a significação, podem ser dissociadas de seus referentes externos e modificadas para, posteriormente, em distinto estado de maturação, serem associadas novamente.

Deste modo, os referenciais imagéticos estabelecidos socialmente pelas diversas mídias e meios oficiais e não oficiais de arte, bem como as ideologias e as normativas sociais construídas a partir de sua superexposição, impõem-nos processos de criação mental que atravessam e são atravessados por uma memória coletiva imbuída de subjetividades, interesses e relações de poder.

Se a repetição com base na memória é facilitadora no que tange à adaptação, a criação se torna um sintoma da inadaptação humana. Portanto, são as necessidades nossas molas propulsoras da criação. Para Vygotsky “o anseio para criar é inversamente proporcional à simplicidade do meio” (p. 32, 2014). Questiono, portanto, a quais necessidades e às necessidades de quem atende esta produção e veiculação de imagens que perpetuam, no cotidiano dos sujeitos, valores hegemônicos e colonizadores que determinam qual é a organização social mais adequada.

A partir de Kossoy (2007), torna-se possível considerar que a construção de um padrão hegemônico na produção e estudo da fotografia se estende à recepção das imagens pelo público. O que significaria afirmar que inúmeros padrões imagéticos são instaurados na sociedade a partir da construção ideológica das imagens, fotográficas ou não, disseminadas nas diversas mídias contemporâneas. Esvaziadas de sentido explícito, estas imagens corroboram na construção de padrões que normatizam a sociedade.

O processo de manipulação da sociedade, do corpo e do comportamento é intensamente alimentado pelas imagens distribuídas em mídias impressas, digitais e virtuais. Deve-se, porém, considerar que quem produz essas imagens disseminadoras de ideologia também está enquadrado na construção ideológica de outro. Neste sentido, o autor afirma que “a consagração de um nome de um profissional, de um artista, é sempre resultante de um processo seletivo que é, por sua vez, ideológico. A consagração historiográfica se faz pelo efeito cumulativo da repetição” (KOSSOY, p. 67, 2007). Para ele, os fotógrafos anônimos, âmbito no qual inseriremos os produtores anônimos de imagem no geral, são a massa dos artesãos da imagem.

As imagens, neste sentido, são ferramentas do empoderamento. Aqueles que produzem imagens enunciam um discurso que, por vezes, pode subverter ou horizontalizar a lógica de dominação das mídias. Para o autor

as fontes iconográficas – produzidas através de diferentes formas de expressão gráfica, como desenhos, pinturas, gravuras, litografias e fotografias – carregam em si informações sobre certos fatos e sobre a mentalidade de uma época. Assim, não só complementam as informações transmitidas pelas fontes escritas, como também, enriquecem o conhecimento com dados reveladores. Dados que, por vezes, jamais foram mencionados pela historiografia tradicional (KOSSOY, p. 103; 104, 2007).

A consideração do autor transpassa a dimensão da fotografia como registro histórico e torna evidente a influência da produção de imagens dos anônimos no pensamento coletivo, estruturado para conservar as relações de poder hegemônicas e colonialistas dos povos e dos sujeitos.

As imagens produzidas pela fotografia, pela arte ou pela artesaniania, interagem com nossas imagens mentais, são originadas da nossa experiência particular do real e configuradas em função de nosso repertório pessoal. Este processo se dá, para o autor, no âmbito da representação: são imagens-mundo que, embora por vezes ficcionais, afetam a sociedade e seu comportamento. Para Kossoy

É o que ocorre cotidianamente com as fotografias de paisagens de paraísos tropicais, com as imagens do império da moda, com os corpos-objetos de inúmeros donos, com a fotografia publicitária, com outros objetos de desejo, enfim. Imagens que, subliminar ou explicitamente, pedem para ser imitadas, condição para ser consumidas, além do universo da fantasia, na realidade material. (KOSSOY, p. 151, 2007)

O diálogo estabelecido entre nossas imagens mentais e as imagens técnicas ocorre de modo ininterrupto e inconsciente ao longo da vida. O imaginário cotidiano é, deste modo, também alimentado com a confusão entre essas imagens. São imagens externas às nossas experiências individuais que afetam o nosso “universo mental”, nossas próprias memórias e modelam nossa visão de mundo. Este diálogo é, para o autor, uma conversa emudecida. Considera os silêncios a dimensão permissiva que faz com que os significados dessas imagens se instaurem. Neste sentido, no que a imagem tem de oculto é que reside sua intencionalidade real. As fotografias - o que se pode estender às imagens criadas pela arte - são, de modo geral, testemunhos visuais.

Considero, finalmente, que a disseminação de imagens relacionadas à objetificação da mulher, dos papéis de gênero, das propagandas que aludem ao estupro e reafirmam a heteronormatividade, junto às tradições higienistas de um sistema educacional público que segue preso a concepções religiosas, moralismos e preconceitos e que mantém reféns de uma identidade inadequada àqueles que não se enquadram em seus padrões, são elementos que constituem o universo de ideias e de imagens referenciais construído por centenas de adolescentes em idade escolar. Deste modo, compreendo o papel da arte na escola, por um caminho que ultrapassa as margens dos conteúdos e habilidades, como uma importante ferramenta para questionar esse repertório imposto, extremamente opressor, para problematizá-lo, enfrentá-lo, refletir sobre ele e construir, por meio das manifestações artísticas, novas relações, menos rígidas, com as construções sociais e, talvez, caminhar para a construção de novos parâmetros, pautados na percepção de que a diversidade, sim, coexiste.

2.6. Metodologia utilizada

2.6.1. Desenvolvimento da proposta pedagógica

Apresento, neste item, de modo genérico, uma adaptação da metodologia prevista no projeto ao que de fato ocorreu no decorrer do processo. Sendo assim, a proposta pedagógica “A presença das mulheres na ciberarte”²⁹ foi desenvolvida com as 4 turmas de 1º ano do

²⁹ Modo como abrevio o título desta proposta.

Ensino Médio da Escola Estadual³⁰, no entanto, apenas uma das turmas³¹, a Turma 2, será utilizada como amostra para análise do processo, a qual discorro neste texto.

A primeira etapa desta Proposta correspondeu à introdução conceitual e reflexiva acerca das proposições artísticas desenvolvidas a partir do século XX, incluindo as guerrilhas culturais, que influenciaram a abertura do escopo contemporâneo das manifestações artísticas para a inserção e diálogo com o público. Esta introdução, por meio do diálogo e da exposição de imagens, objetivou contextualizar o projeto para os estudantes, a refletir de modo coletivo e compartilhado e proporcionar a troca de perspectivas.

Durante esta etapa, identifiquei determinadas ideias de senso comum no discurso dos estudantes, tanto em relação às questões de gênero quanto ao que seria a ciberarte. Em suas falas, alguns estudantes esboçaram suas impressões de modo espontâneo, ao declarar, por exemplo, que tem parentes homossexuais ou que gostavam, quando crianças, de brincar com brinquedos naturalizados para o gênero oposto ao seu. Quanto à arte, observo que os estudantes compreenderam, por meio de suas expressões e falas curtas, a possibilidade de se desdobrarem as manifestações criativas humanas das pinturas e esculturas para a internet, no entanto, não se arriscaram às maiores reflexões a respeito. Destaco que não ouvi, durante as exposições, sequer uma afirmação ou questionamento como “isso é arte?” ou “isso eu também consigo fazer”, muito comuns em abordagens da arte contemporânea, uma vez que não está pautada apenas no domínio da técnica artística tradicional.

A segunda etapa desta proposta pedagógica teve por objetivo analisar as transformações no objeto, no sujeito e no espaço da arte na contemporaneidade que permitem a inserção das temáticas sociais e da colaboração do público. Para tanto, os estudantes organizados em grupos, buscaram nas fontes de pesquisa da escola (livros da biblioteca, dicionários, livros didáticos e computadores com internet) possíveis significados para estes termos: objeto, espaço e sujeito. Os grupos apresentaram, a partir de seu ponto de vista, quais dentre todos os significados encontrados para cada termo, mais se aplica ao campo que reconhecem como artístico. As definições identificadas pelos estudantes não fugiram do padrão compreendido pela sociedade: objeto é a obra palpável; espaço é o local da exposição, geralmente uma galeria ou museu e sujeitos são as pessoas, como artista ou público. Durante a apresentação dos grupos encaminhei uma discussão para delinear a diversidade de transformações ocorridas no objeto, no sujeito e no espaço da arte, de modo a destacar aspectos contemporâneos como a imaterialidade, a efemeridade, novos espaços explorados para exposição e a colaboração criador-público.

³⁰ A instituição onde está sendo desenvolvida a proposta receberá o nome de Escola Estadual no decorrer deste relatório.

³¹ A qual chamarei de Turma 2.

Com a finalidade de articular o estudo da arte conceitual com o estudo das relações de gênero, apresentei em outro conjunto de aulas expositivas e dialogadas, manifestações artísticas ativas, desenvolvidas por mulheres no ciberespaço em língua portuguesa, espanhola e/ou inglesa. Neste momento, foram delineados os elementos geradores e as possibilidades da ciberarte, como ser desenvolvida *off-line* ou *on-line*, ser interativa, colaborativa ou apenas utilizar a *web* como plataforma. Também refletimos sobre as implicações que a virtualidade pode exercer na sensibilidade e nas relações intrasociais com as manifestações artísticas, como o isolamento e a perda do hábito de visitar espaços culturais. Concomitantemente, com o objetivo de identificar problemáticas sociais que envolvem as mulheres na contemporaneidade, desenvolvemos leituras a partir de apontamentos que relacionam a realidade do grande grupo com as realidades exibidas pelos projetos de ciberarte apresentados.

Problematizamos, nesta etapa, algumas determinações binárias de sexualidade construídas pela sociedade, tais como o que é ser mulher, quem é a mulher, quais são as funções da mulher na sociedade, quais são as diferenças entre elas e os homens, entre outros questionamentos, a fim de proporcionar uma reflexão de desestabilização destes papéis de gênero.

Para a conclusão do projeto, foi proposto a cada grupo (escolhido pelos estudantes) a criação de um trabalho artístico virtual de abordagem livre para expor a realidade das mulheres inseridas nos contextos destes estudantes. A partir desta proposição temática (Mulheres/Sociedade), os estudantes deveriam explorar as potencialidades e especificidades do ambiente em rede (o ciberespaço), principalmente no que diz respeito à pesquisa e comunicação em arte. Acerca desta abordagem, as reflexões postas em Leão (2005) por Stephen Wilson, destacam que a tecnologia molda as maneiras como as pessoas passam seus dias e interagem com o mundo, presente e futuro. Neste sentido, os artistas (ou aqueles sujeitos que desenvolvem um trabalho criativo, como os estudantes), podem ampliar seu processo de pesquisa com novas questões e, talvez, interpretações menos ortodoxas de seus resultados, que os leve a outros caminhos e possibilidades, assim como potencializem a comunicação dessas pesquisas. O papel desenvolvido, nesta proposição, é um papel crítico que interfere na interface homem-máquina e remolda este modelo de pesquisa interdisciplinar.

As ferramentas utilizadas para o desenvolvimento destes trabalhos foram aquelas dispostas pela escola mas, majoritariamente, pelos integrantes do grupo. É importante considerar, neste momento, que a permanência de celulares é proibida no espaço escolar e este é, dentre todas as possibilidades, o dispositivo mais popular e abrangente em termos de tecnologia para registro de áudio, vídeo e imagem. A este respeito, destaco a importância do

diálogo, dentro dos espaços escolares, a fim de afrouxar as amarras que determinam a proibição da utilização do celular. Ainda que esta regra seja prevista por lei³², sabemos que os estudantes carregam seus aparelhos consigo durante as aulas e os utilizam quando nossos olhos não estão à espreita. Este é um aparelho tecnológico extremamente popular que agrupa diversas funções, como tirar fotos, gravar vídeos, gravar áudios, ouvir música, compartilhar arquivos e se conectar à internet. A escola está equipada com distintos aparelhos que nos oferecem estas facilidades, mas nenhum deles as agrupa de modo tão portátil e pessoal. Questiono, deste modo, por que optar por tal castração ao invés de educar (nossa função primeira) o público para lidar com esta tecnologia, seus limites, suas possibilidades e suas funções para sua emancipação, bem como para a fruição e criação artística.

O processo criativo foi orientado por mim, mas todas as ideias fundantes partiram dos estudantes. Processo este registrado em um Diário recolhido no final do projeto. Em decorrência da dificuldade de lidar com os computadores disponíveis na escola, por sua velocidade lenta e pelos estudantes não saberem como lidar com o sistema operacional destas máquinas, bem como pelo fato de os computadores ocuparem o mesmo espaço utilizado para o projetor e este ser constantemente requisitado (assim como os próprios computadores), o Diário foi desenvolvido em papel e não virtualmente, haja vista que os registros foram feitos na sala e em casa com maior maleabilidade. Este diário contém reflexões pessoais a respeito das temáticas abordadas nos encontros a partir de questionários estruturados por mim.

A avaliação foi processual, inserida na sistemática de notas da educação formal, o que, com certeza, afetou a relação do grupo com o projeto, uma vez que os adolescentes nutrem a preocupação quantitativa dos resultados.

O processo de avaliação buscou perceber se os estudantes observaram as transformações no campo da arte nas questões técnicas e de relações sociais e se os mesmos se propuseram a troca de ideias e se cumpriram os acordos estabelecidos coletivamente. Esta avaliação buscou identificar se os estudantes aproveitaram as oportunidades de aprendizagem em arte, as quais objetivam mobilizar a expressão e a comunicação dos mesmos e que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, “ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior” (BRASIL, 1997^a, p. 19).

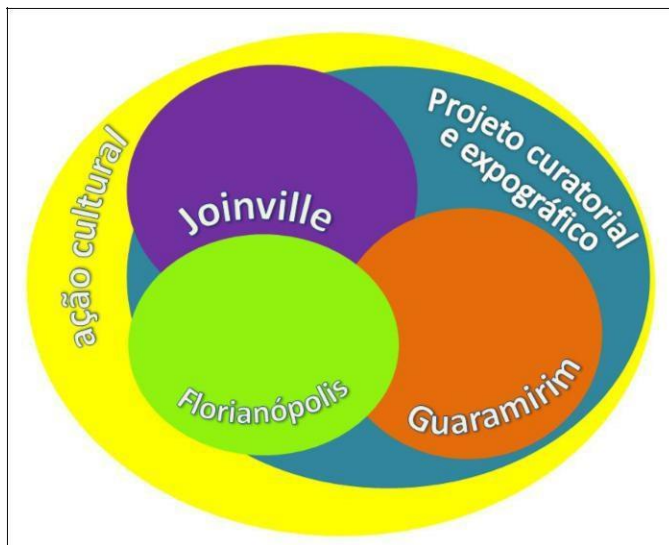
Dos trabalhos virtuais criados pelos estudantes das 4 turmas envolvidas no projeto, 8 foram veiculados, a partir de eleição, pelo projeto em rede “Estudo da ampliação e da difusão

³² LEI Nº 14.363, de 25 de janeiro de 2008, que dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular nas escolas estaduais do Estado de Santa Catarina.

das produções artísticas dos estudantes nas escolas públicas do estado de Santa Catarina a partir de Exposição Itinerante”, do qual esta proposta pedagógica faz parte.

As propostas pedagógicas as quais produziram material para esta exposição foram desenvolvidas em 3 escolas diferentes, localizadas nos municípios de Florianópolis e Guaranyirim, conectados por questões pertinentes à arte da contemporaneidade e às ações para desenvolvimento da exposição, conforme o organograma abaixo:

Organograma 1: Organização do projeto em rede “Estudo da ampliação e da difusão das produções artísticas dos estudantes nas escolas públicas do estado de Santa Catarina a partir de Exposição Itinerante”



Fonte: Própria

2.6.2. Análise de dados

A análise do processo pelos dados coletados, que inclui a fala dos estudantes, suas respostas aos questionários para conhecimento do campo e seus registros nos diários, foi desenvolvida na perspectiva da Teoria Fundamentada de Kathy Charmaz (2009), metodologia pautada na ideia de que os materiais com os quais o pesquisador trabalha são a base da teoria construída por ele. Nesta perspectiva, estes dados devem ser estudados, separados, classificados e sintetizados por uma codificação qualitativa e por um processo associativo que deve ser registrado em memorandos. As relações extraídas dessa codificação compõem um instrumento conceitual sobre a experiência estudada.

Uma teoria fundamentada explica o processo estudado em novos termos teóricos, explica as propriedades das categoriais teóricas definidas e explicita as condições nas quais o processo surge e se estende, assim como desenha as consequências.

Esta prática metodológica, no entanto, pode ser flexível, desenvolvida aos modos dos pesquisadores.

2.7. Proposição de avaliação

O grupo participante do projeto desenvolveu reflexões orais e escritas ao longo do processo em Diários individuais e todos os resultados obtidos, incluindo o material de avaliação, foram coletados para análise e avaliação formal.

A análise teve por critério identificar como os adolescentes observam a abertura da arte para as questões sociais e as problemáticas sociais acerca das mulheres na contemporaneidade a partir dos trabalhos virtuais apresentados. Foi observado, ainda, como o grupo explorou os símbolos e os significados construídos coletivamente na elaboração de seu trabalho colaborativo virtual.

A avaliação formal para fins quantitativos, especificamente, identificou se os estudantes se envolveram na proposta e se desenvolveram os registros solicitados em seus Diários de modo coerente.³³

2.8. Recursos humanos e materiais

Os recursos humanos centrais deste projeto foram os estudantes de 1º ano noturno do Ensino Médio da Escola Estadual, na cidade de Guaramirim, interior do estado de Santa Catarina, no ano de 2015.

Além dos estudantes, o projeto contou com o apoio do corpo administrativo da Escola Estadual e do professor responsável pela sala informatizada, onde estavam dispostos os recursos materiais necessários para o desenvolvimento do projeto, os quais foram:

- 1) 1 computador com acesso à internet e conexão com o projetor de imagem;
- 2) 10 (quantidade média para cada 3 estudantes) computadores com acesso à internet;
- 3) Câmeras para registro de imagem, vídeo e som;

³³ Todos os estudantes participaram do projeto, previsto no Plano de Curso Anual entregue e aceito pela escola, especificamente pela equipe pedagógica responsável e pela direção, no início do ano letivo de 2015. Aqueles que não quiseram ser analisados para fins acadêmicos tiveram seu direito à escolha respeitado e seus dados não foram analisados, apenas avaliados no contexto da disciplina, conforme orientações do Comitê de Ética em Pesquisa.

Na biblioteca foram utilizados:

- 1) Dicionários;
- 2) Livros para consulta;

Dos ambientes extraescolares foram utilizados os seguintes recursos materiais:

- 1) Celulares com câmera para registro de imagem, vídeo e áudio;
- 2) Câmeras digitais;
- 3) Computadores com acesso à internet e câmera e acessórios para digitalização de imagens.

3. DIAGNÓSTICO DO PÚBLICO ALVO

Com o intuito de traçar um perfil dos estudantes e sua relação com a cultura, a partir dos conceitos que fundamentam a proposta pedagógica “A presença das mulheres na ciberarte: Uma análise das problemáticas sociais em torno do tema “mulheres” na aula de Arte”, no mês de junho de 2015 foram aplicados 2 questionários: 1 para os estudantes dos 4 primeiros anos do Ensino Médio noturno e o outro para 1 membro da equipe gestora da Escola Estadual.

O questionário dirigido aos estudantes seguiu o modelo sociocultural³⁴, composto por perguntas acerca do modo como compreendem e se relacionam com arte, cultura, internet, ciberarte, arte contemporânea, mulheres e feminismo. Para a equipe gestora foram dirigidas questões para identificar o público atendido pela escola, bem como o espaço que ocupa ao longo dos anos a arte/educação na instituição onde se desenvolve a presente proposta e o modo como se relacionam com as tecnologias contemporâneas.

A análise das respostas dos estudantes se deu pela construção de memorandos³⁵, constituídos pelos eixos: aspectos econômicos, familiares, religiosos, culturais, sobre a internet, arte, violência contra a mulher e outros aspectos de gênero e novas questões e apontamentos.

3.1. Impressões do questionário dirigido aos estudantes

Este questionário foi aplicado para os 4 primeiros anos do Ensino Médio noturno da Escola Estadual no dia 18 de junho de 2015. Responderam 42 **F**³⁶ de 49 e 49 **M** de 61 matriculados até o momento.³⁷ No total, responderam 95 estudantes de um total de 110 matriculados até o momento da verificação, o que explicita um grupo de primeiros anos do Ensino Médio noturno composto em sua maioria por estudantes que se autodeterminam do sexo masculino.

I) Dos aspectos econômicos

A situação econômica observada dos estudantes do período noturno, nas turmas de 1º ano da Escola Estadual, apresenta muitos contrapontos. Esses adolescentes têm de 14 a 18

³⁴ O questionário dirigido aos estudantes está em Apêndice A.

³⁵ Memorandos construídos na perspectiva da Teoria Fundamentada de Kathy Charmaz (2009).

³⁶ **F** diz respeito aos estudantes que se identificam como gênero feminino, enquanto **M** diz respeito aos estudantes que se identificam como sexo masculino.

³⁷ Informações quanto às matrículas dos/das estudantes foram verificadas no sistema *Professor on-line* dia 20 de agosto de 2015.

anos e, de modo geral, estão na idade esperada para o ano. Enquanto a maior parte das estudantes F menciona não trabalhar, os estudantes M trabalham em sua grande maioria. Os estudantes M mencionam ter começado a trabalhar mais cedo, dos 8 aos 16 anos, enquanto as estudantes F mencionam ter iniciado dos 12 aos 16 anos. Há uma parte de estudantes, significativamente as F, que nunca trabalhou.

Quanto à jornada de trabalho, a maior parte das estudantes F trabalha meio período, enquanto os estudantes M mencionam trabalhar majoritariamente período integral. A menor parte, tanto dos F quanto dos M, considera auxiliar na renda familiar. No entanto, em relação aos M, a maior parte das F afirma auxiliar com a renda familiar.

Quando questionadas e questionados a respeito da jornada de trabalho das mulheres conviventes, os estudantes, no geral, pouco notam sua dupla jornada (trabalho formal e informal, doméstico). Acerca disso, pode-se perceber um equilíbrio entre as mulheres que trabalham apenas em casa ou desenvolvem outros trabalhos extradomiciliares.

De um modo geral, estes estudantes dividem seu tempo de estudo com a jornada de trabalho desde a adolescência, o que acaba por alterar o modo como se relacionam com os estudos e outras atividades culturais extraescolares.

II) Dos aspectos familiares

No que diz respeito às suas famílias, a maior parte dos estudantes menciona estar incluída em família nuclear tradicional. Com exceção de poucos estudantes que moram sozinhos ou apenas com pais, mãe, irmãos ou outros parentes. Não há menções a famílias homo afetivas.

Acerca desta dimensão da vida dos estudantes, destaca-se que há equilíbrio entre as características familiares dos F e M e que quando questionados acerca da família, mencionam parentescos tais como: tios, avós, irmãos e animais de estimação, o que promove a ampliação da noção de família para além da composição: pai, mãe e filhos.

III) Dos aspectos religiosos

Quando questionados acerca de sua religiosidade, apenas 8 estudantes mencionam não ter religião. O restante afirma ser cristão em seus diversos segmentos, o que nos permite considerar a influência de determinados dogmas no modo como estes estudantes consideram os papéis e condições de gênero na sociedade.

IV) Dos aspectos culturais

A partir das respostas das/dos estudantes sobre música, viagem, leitura e visitas a museus e exposições, nota-se que as estudantes F são mais adeptas à leitura. Acerca desta temática, retomo a professora Carvalho (2009) ao afirmar que determinados papéis de gênero são atribuídos especificamente às mulheres também no ambiente escolar.

Os estudantes desta turma, de um modo geral, não viajam pelo país ou para fora dele, o que os restringe a uma realidade cultural e produção artística específica e limitada de acesso a produções locais de forma presencial.

V) Sobre a internet

As questões sobre a utilização da internet pelas/pelos estudantes são fundamentais para a compreensão da relação que estabelecem com esta ferramenta e dimensão de suas vidas. Observou-se, por exemplo, fato relevante: as relações dos estudantes com a pornografia estão permeadas por papéis de gênero. As F não mencionam acessar pornografia na internet, apenas os estudantes M. Pela delicadeza do assunto e minha posição enquanto professora e participação na comunidade escolar, não é possível questionar a elas se acessam conteúdo deste gênero ou não. Acredito que ainda que acessem pornografia na internet, não se sentem à vontade para falar a respeito neste contexto, pois esta, dentre as construções sociais de papéis de gênero, não é uma atribuição positiva para as mulheres, principalmente na faixa etária destas estudantes. Ainda acerca dos papéis de gênero nas atividades desenvolvidas na internet, neste primeiro questionário, apenas os estudantes M mencionam jogar virtualmente.

Quanto a um projeto artístico desenvolvido apenas na internet, majoritariamente os estudantes mencionam não ter ideia de como ocorre. Talvez por sua visão tradicional de arte, herança cultural transmitida pela escola, ou porque realmente acreditam que “tudo é arte”. No entanto, alguns estudantes conseguem relacionar a arte desenvolvida unicamente na internet a projetos que utilizam a rede como ferramenta/matéria-prima. Acerca disso, em um dos relatos, nota-se a ideia de que a arte real é material.

Todos, exceto 1 estudante, afirmam acreditar que a internet é importante e, de um modo geral, a maior parte dos estudantes afirma acessar a internet em casa e pelo celular. Os conteúdos que mais mencionam acessar são: redes sociais, entretenimento e pesquisa.

Observo que os estudantes compreendem a relevância da internet apenas como uma ferramenta de informação e comunicação, mas são de criação artística ou movimentação social.

VI) Dos aspectos da arte

Por meio da investigação quanto à relação dos estudantes com o campo da arte, tornou-se possível evidenciar que, de todos os estudantes, apenas 19 mencionam ter ido a um museu de arte, e 1 deles afirma não saber se foi. No entanto, em conversas informais, os estudantes mencionam os museus regionais, localizados na cidade de Jaraguá do Sul, os quais se tratam de museus históricos e temáticos.

Especificamente no que diz respeito aos museus de arte contemporânea, 7 estudantes mencionam ter ido e quanto aos que afirmam nunca ter ido, a maior parte menciona ter interesse, mas uma parte também significativa menciona não ter.

Quanto a acreditarem que a arte contemporânea está ao seu alcance e ao alcance da comunidade como um todo, 23 mencionam que sim. Não especificam a posição de sua comunidade ou a sua na resposta e inserem considerações como “a arte está em tudo” ou citam exemplos como “filmes”, alguns até mencionam não saber o que é arte contemporânea, o que me faz considerar que responderam que sim por não saberem exatamente do que eu estava falando.

Sobre acreditar se a arte tem uma função, 52 mencionam que acreditam, para fins de expressão, para abordar temas e “conteúdos”, “tocar as pessoas”, criar coisas novas, causar acontecimentos e discussões e até mesmo “mudar o mundo”.

A maioria dos estudantes percebe a potência da arte para manifestar posicionamentos sociais e relacionam este posicionamento geralmente ao tema abordado. De um modo geral, observo que os estudantes veem a arte como algo alheio a eles, inserida na escola para ensinar ou transmitir algo conscientemente. Apenas uma estudante F menciona a dimensão sensível da arte, “de fazer um sentido ‘emocional’ nas pessoas”.

Ao estreitar o escopo para a ciberarte, os números diminuem. Apenas 12 estudantes afirmam saber o que é ciberarte, dos quais todos relacionam à arte “pela internet”, a sugerir apenas um veículo de mídia.

Quando questionados sobre imaginarem uma arte feita e vista apenas na internet, 15 estudantes afirmam que imaginam e, de modo geral, relacionam à hospedagem de conteúdo, *sites* como ferramenta de criação e divulgação de trabalhos. 1 estudante afirma que assim “todos podem ter acesso”.

As potencialidades do ciberespaço, na organização social, não se tratam apenas de uma nova configuração de conexão entre dispositivos tecnológicos, mas de uma nova estrutura de informações que, segundo o autor, possibilita contatos transversais anárquicos entre os indivíduos.

Embora esteja no ideário de alguns destes estudantes a presença da internet como um campo “de acesso a todos”, deve-se considerar, para uma abordagem crítica, que o ciberespaço, tendo em vista os recursos necessários para viabilizá-lo, é idealizado por sujeitos socialmente privilegiados. Nesta perspectiva, as discussões sobre seu potencial enquanto elemento segregador de classes são recorrentes e possibilitam reflexões indispensáveis no campo da arte/educação. Alguns autores, como Oliveira (2005), consideram que a falta de acesso às novas tecnologias reafirma novas formas de exclusão social, privando sujeitos do acesso a esses veículos de comunicação e informação. Considero que, no contexto escolar, as mutações culturais, os novos suportes de informação, conhecimento e comunicação, a renovação dos saberes e das alterações cognitivas humanas, assim como os novos gêneros de conhecimento surgidos deste contexto são ignorados. Mascarados em inserções alegóricas de computadores, *netbooks* e *tablets* nas escolas.

A este respeito, considero que a escola, quando carregada de preconceitos e desinformações, não se encontra pronta para as potencialidades do universo tecnológico. A extensão da cibercultura arrisca os critérios engessados de avaliação do conhecimento e troca a educação institucionalizada pela educação da sociedade por ela mesma. Assim como afirma Arruda, a realidade difícil de digerir é que o caráter educativo e “formador” não é mais princípio único das instituições escolares.

As consequências dessa nova realidade educacional provocam no professor uma sensação de que as coisas ficaram fora de seu alcance – existe um sentimento de perda de poder “intelectual” na sala de aula, visto que a escola passa a ser *um* dos *lócus* de aprendizagem e busca de informações (ARRUDA, 2009, p. 21)

Biazus (2009) faz importante consideração ao afirmar que “os objetos e processos tecnológicos devem ser livres meios de expressão” (BIAZUS, 2009, p. 12). Neste sentido e acerca dos questionamentos feitos aos estudantes, ao serem abordados sobre a necessidade da participação do público para um trabalho de arte existir, a maioria dos estudantes afirma acreditar nessa possibilidade. Mencionam que “para que o trabalho aconteça deve haver público”. Afirmam ser necessário um público para interagir, para ver, para significar e para tematizar a arte.

A relação público/obra é vista por eles como apreciador/material a ser comunicado. Não se observa, em seu discurso, a consideração do público como participante nos processos de criação das obras.

Os estudantes compreendem, na maior parte dos casos, que sua vida não é assunto de arte. Quando mencionam esta possibilidade, relacionam à expressão de histórias, opiniões e sentimentos particulares. Apenas 1 caso se vê inserido em uma problemática sua e ao mesmo tempo coletiva.

De um modo geral, compreendem a importância da arte ou assuntos sociais na escola para informar, conhecer e comunicar. Mas não mencionam a importância das experiências e vivências. Compreendo que não consideram a disciplina de Arte, afora sua abordagem teórica, como um espaço para ampliar a compreensão de mundo e, deste modo, não reconhecem que as vivências práticas são um veículo para expressão de suas experiências sensíveis e construções simbólicas.

Identifiquei, em amplo aspecto, que os estudantes pouco tratam (ou é tratado com eles) de arte contemporânea, ciberarte, arte e tecnologia ou relações de gênero, arte e sociedade.

VII) Sobre violência contra a mulher e outras questões do gênero

No que diz respeito à violência contra a mulher, apenas 11 estudantes F afirmam ter presenciado algum episódio. Apenas 1 afirma ter ocorrido com ela mesma. De modo geral, mencionam violência física e verbal, na maior parte das vezes com familiares ou conhecidos próximos. Uma delas menciona não ter reagido ao presenciar o caso por medo. Quanto aos estudantes M, 16 afirmam ter presenciado casos de violência contra a mulher, nas mesmas condições das estudantes F. Nota-se que tanto estudantes F quanto M pouco percebem as violências contra a mulher que não se manifestam fisicamente, tais como psicológica e verbal.

Acerca das manifestações sociais das mulheres, 16 estudantes F mencionam compreender a importância. Parte considerável compreende como exageradas e uma parte menor menciona não compreender. 1 estudante menciona ser esta uma luta contra a violência e a favor de direitos. Quanto aos estudantes M, de um modo geral, consideram uma luta exclusiva de mulheres. 11 mencionam entender e alguns mencionam a relação dos movimentos com a busca pela justiça e igualdade, mas de modo predominante, relacionada à violência física. Alguns mencionam não entender e nem saber o que é.

Nota-se que uma parcela pequena dos estudantes M compreende a razão destas manifestações com princípios feministas. Acredito que esteja relacionado com o fato de não estarem em posição de vulnerabilidade e não mostrarem empatia pelas estudantes F. Por outro lado, parte das estudantes F concorda e compreende as manifestações feministas veiculadas na mídia de massa ou na internet, mas ainda é maior o número delas que não concorda com

determinadas ações destes movimentos. Torna-se importante destacar que a imagem explorada e veiculada pela mídia de massa acerca da temática constrói um ideário radical e causa um terror moral, o que afasta e revolta as pessoas dos movimentos sociais, especificamente os que buscam a desconstrução de hábitos já naturalizados, pautados em papéis opressores de gênero. O público adolescente está educado pela mídia para compreender como são exageradas as manifestações populares de um modo geral, uma vez que causam desordem na cultura dominante.

Acerca da igualdade entre homens e mulheres, 21 estudantes afirmam que os dois são iguais quanto aos direitos sociais, no campo do trabalho e no pensamento. Consideram as diferenças biológicas e percebem que a sociedade cria a maior parte das diferenças.

A maioria dos M não presencia episódios de desigualdade de gênero e, aquele que mencionou presenciar, destacou “todos os lugares”, mas principalmente a escola, seu contexto de convívio social mais intenso. Entre as estudantes F, o número é mais equilibrado, mas ainda predomina aquelas que não percebem a desigualdade de gênero. Acredito que estes adolescentes não saibam identificar as diferenças no cotidiano e, portanto, não percebem.

Quanto ao feminismo, o número de estudantes F e M, que não sabem o que é o movimento, apresenta-se equilibrado. As F conseguem expressar melhor o que é feminismo, como “acho que é um grupo de mulheres fazendo protestos buscando a igualdade”. Mas todos manifestam compreender o feminismo como uma luta exclusivamente de mulheres. De modo geral, não demonstram distinguir o machismo do feminismo. Apresentam-nos como conceitos relacionados, mas em oposição. Apenas 1 estudante F soube analisar o feminismo em seu contexto e o colocou como dissonante do machismo:

Pra mim feminismo é lutar pelos direitos que a mulher tem na sociedade. O homem “machista” vê a mulher só para lavar, limpar, passar e cozinhar ou para satisfazer o homem. Alguns homens acham a mulher inferior a eles, talvez porque ele ganha mais que ela e ela ganha menos que ele, o “homem” é o que “manda na casa”, ele é o “cabeça”. Também existem alguns trabalhos que quem pode fazer é só o homem (em alguns casos). E isso (eu acho) gera um preconceito com a mulher. Eu sei também que existem alguns movimentos feministas que algumas mulheres se reúnem para fazer. Uma que eu sei é a “Marcha das Vadias”. Pra mim o feminismo é mais ou menos isso. Totalmente diferente do machismo. Que é o que as mulheres lutam para acabar, esse pensamento ridículo que alguns homens têm”. (Estudante F, 15 anos)

Percebo que há uma concepção binária de sexualidade arraigada no discurso dos estudantes e que os mesmos desconsideram os transgêneros. Acredito, ainda, que os M veem

com tanto entusiasmo a igualdade entre os gêneros por não perceberem as diferenças mais sutis e mais agressivas do cotidiano.

Observo que, assim como no contexto da industrialização inglesa do século XIX analisada por Engels (1975), as mulheres trabalhadoras ainda possuem determinadas funções em detrimento de sua valorização. Quando domésticas, sua condição pode beirar a exploração e, quando inseridas no mercado de trabalho, defrontam-se com condições e salários desiguais. Em famílias pobres, o autor afirma que tanto os homens quanto as mulheres trabalhavam. Esta cena também se repete. Cerca de 200 anos após a análise de Engels, em Guaramirim e em tantas outras cidades, jovens mulheres adolescentes são porcentagem considerável da mão de obra trabalhadora. Embora o autor traga uma concepção contrária a minha, considero o contexto de onde emergem suas ideias: havia o medo de desestruturar as famílias por não haver ninguém que pudesse cuidar dos filhos; o pavor à determinação de “tarefas femininas” aos homens e o asco da reunião de homens e mulheres nas empresas.

Sobre a arte enquanto promotora dessa discussão, 34 estudantes consideram que sim, a arte pode promover essas discussões evidenciadas até o momento. De um modo geral, mencionam a arte como ferramenta para denunciar, abordar temas ou representar algo. Nesta perspectiva, Trizoli (2008) afirma que o movimento feminista produziu reações em relação aos comportamentos sexuais e de trabalho, desestruturando as normas vigentes quanto aos papéis sociais. Não apenas os parâmetros de normatização dos papéis de gênero foram profundamente afetados por esses acontecimentos, mas também os parâmetros da arte também, de modo a questionar os valores de seu próprio campo. Aqueles que se mantinham como artistas eram os “homens geniais”. Desta maneira, a arte se constituiu, até então, a mais legitimada configuração de sentimentalismo masculino³⁸. Portanto, considera-se que a arte se relaciona estritamente não apenas às relações de classe, mas também de gênero. As questões de gênero passam a fazer parte, direta ou indiretamente, da produção e da avaliação do objeto artístico, contaminado por temáticas contemporâneas, através de poéticas cada vez mais intimistas, sexuais e subjetivas.

No que diz respeito a acreditarem que a sua vida possa ser assunto de arte, uma parte menciona que sim, para “representar sua vida” e os acontecimentos.

Sobre ser importante conversar sobre estes assuntos na escola, 36 estudantes mencionam perceber a importância “para expressar ideias”, “aprender”, “conhecer” e “perceber o outro”. Finalmente, 55 estudantes afirmam se interessar (a incluir os “mais ou menos” interessados) por estes assuntos, 1 por gostar de arte, 1 para ter conhecimento. O restante não justifica o motivo pelo qual compreende como importante.

³⁸ HOME, 2004, p.14.

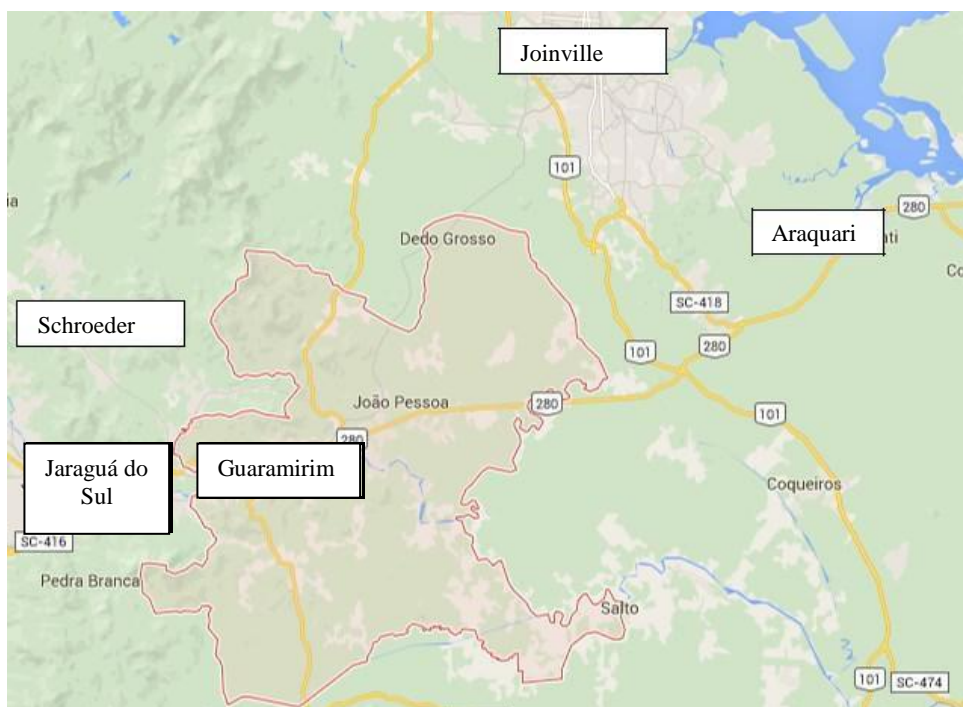
De um modo geral, quanto ao papel da escola no trato com a Orientação Sexual, sabe-se que sexualidade das crianças e a compreensão que as mesmas têm desta dimensão de si é extremamente influenciada, ainda, por pessoas significativas para estes sujeitos e, de modo relevante, pela escola. Esta instituição, no entanto, ao abranger a Orientação Sexual em seu currículo, pode adotar o modelo pedagógico de não-diretividade, ou seja, problematiza as questões que são trazidas pelos próprios estudantes, a fim esclarecer as dúvidas e questionamento dos valores construídos ao longo do tempo por estes sujeitos.

A importância e os possíveis desdobramentos positivos com a inserção da temática das Relações de Gênero na prática docente são, pouco a pouco, evidenciados, visto que não cabe mais a clandestinidade aos jovens que não se enquadram nos padrões de manifestação sexual construídos e exigidos forçosamente pela sociedade.

3.2. Impressões do questionário dirigido à equipe gestora da escola estadual

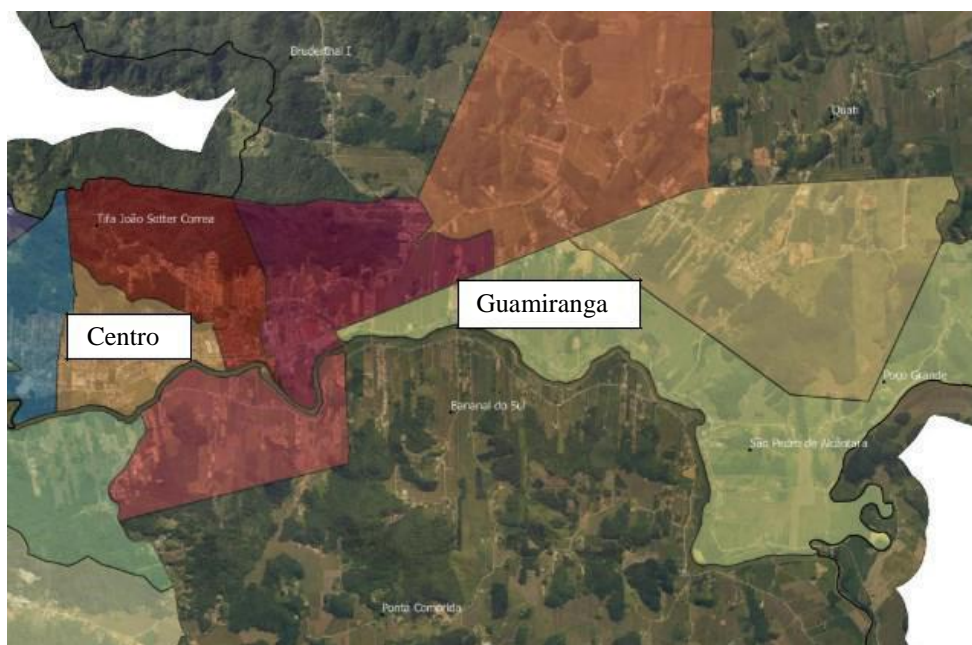
A escola é composta por 1066 estudantes e atende os bairros Guamiranga (onde a escola é localizada, aproximadamente a 9 km do centro da cidade), Poço Grande, Bananal do Sul, Ponta Cumprida, Corticeira, Quati e a cidade de Araquari.

Mapa 1: Localização da região de Guaramirim, Jaraguá do Sul, Araquari e Joinville.



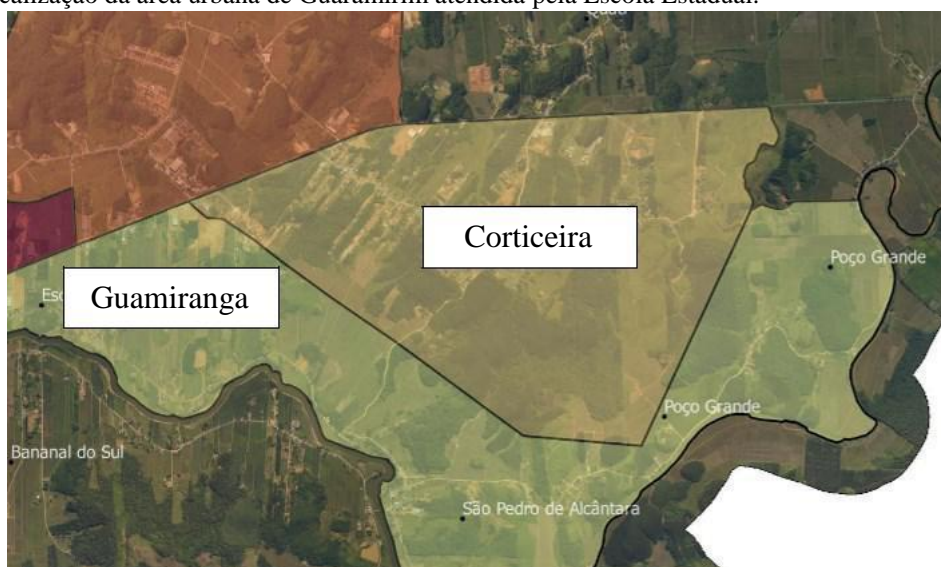
Fonte: Google Maps.

Mapa 2: Localização do Bairro Guamiranga em relação ao Centro de Guaramirim



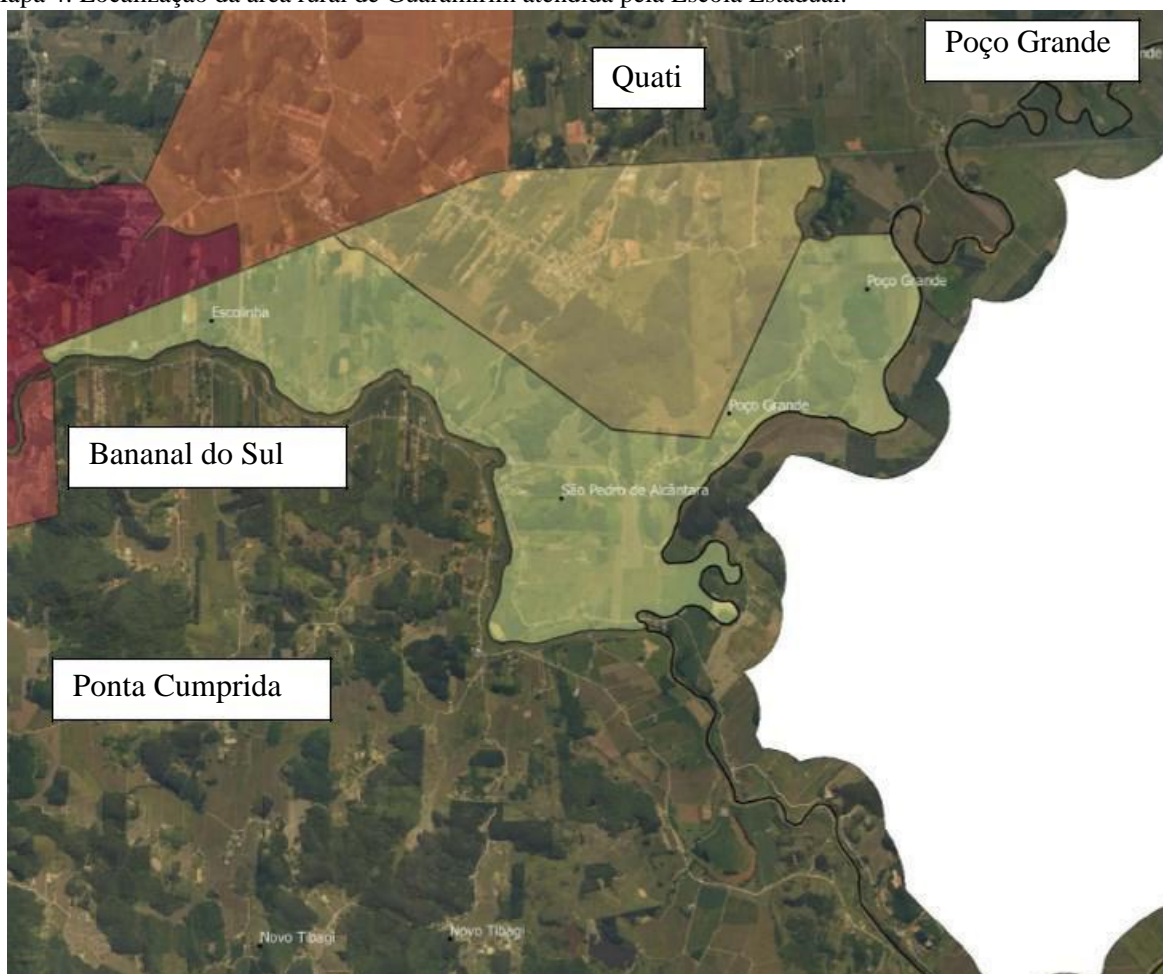
Fonte: Site do Município de Guaramirim.

Mapa 3: Localização da área urbana de Guaramirim atendida pela Escola Estadual.



Fonte: Site do Município de Guaramirim.

Mapa 4: Localização da área rural de Guaramirim atendida pela Escola Estadual.



Fonte: Site do Município de Guaramirim.

O corpo docente é formado por 52 professores, dos quais 3 são de Arte. 2 professoras F efetivas e 1 professor M ACT³⁹.

Não há sala de Arte porque não há espaço físico destinado. Há alguns anos, segundo informações adquiridas no questionário, foi adaptado um lugar na escola, mas não há mais. Atualmente é usado para guardar outras coisas. A direção afirma ter planos para a implementação desta sala.

De um modo geral, a escola não apresenta projetos concretos ou postura específica em seu Plano Político Pedagógico e Regimento Escolar para a arte/educação, ainda que a equipe gestora mencione, informal e verbalmente, objetivar a construção de uma sala de arte. As únicas obras desenvolvidas na escola durante o ano de 2014-2015 dizem respeito ao espaço de convívio, jardim, banheiros e quadra coberta.

Observe o mesmo no que diz respeito às tecnologias, especificamente à utilização da internet pedagogicamente e quanto às Relações de Gênero. Não existem propostas da escola

³⁹ Admitido em caráter temporário.

para que seja desenvolvido trabalho específico com os estudantes a fim de discutir gênero no espaço das disciplinas curriculares até o presente momento.

3.3. Impressões dos Diários de Bordo

Estes diários dizem respeito a uma quantidade de folhas recebidas por cada estudante nas primeiras aulas expositivas para fazerem registros e responderem questionamentos individuais ou coletivos durante o desenvolvimento deste projeto. Os diários foram recolhidos no fim do bimestre em questão para análise.

Preencheram estes diários 13 estudantes **F**⁴⁰ de 15 matriculadas⁴¹, 10 estudantes **M** de 16 matriculados. Finalmente, responderam 23 estudantes de um total de 31 matriculados.

O texto a seguir se trata das minhas impressões acerca da compreensão dos estudantes sobre determinados temas emergentes no projeto, os quais são:

I) O que aproxima a arte das pessoas?

Os grupos analisados apresentaram, quanto ao modo como a arte urbana, ciberarte e arte postal se aproximam das pessoas, a ideia de que esta aproximação se dá pela multiplicidade de possibilidades de se expressarem. Mencionam, por vezes, o fato de que a arte “está nas ruas”, de se “apresentar às pessoas” e de estar “acessível no mundo digital”, assim como reiteram diversas vezes a facilidade do acesso à arte pela internet.

Um dos diários analisados relaciona o termo “aproximação” à distância física. Observo, neste ponto, extrema dificuldade em expandir o conceito de “próximo” ou “distante” além do espaço físico para uma dimensão de oportunidades de acesso - ainda que, por exemplo, tenha sido discutida a questão do espaço urbano como expansão para um público que não frequenta galerias ou instituições culturais e artísticas específicas.

Além desta afirmação, um dos estudantes destaca que um elemento aproximador das pessoas às artes é sua curiosidade para ver os resultados (como no caso da arte urbana).

Outro diário analisado menciona o *Grupo Fluxus* e o modo como vários artistas de distintas áreas se reuniam e desenvolviam seus trabalhos “para provocar quem assistia”. Consideraram, neste sentido, que a arte postal “subvertia o sistema dos correios e o cotidiano

⁴⁰**F** diz respeito aos estudantes que se identificam como gênero feminino, enquanto **M** diz respeito aos estudantes que se identificam como sexo masculino.

⁴¹Informações quanto às matrículas dos/das estudantes foram verificadas no sistema *Professor on-line* dia 20 de agosto de 2015.

dos carteiros”. Observo que este grupo conseguiu articular com clareza suas compreensões ao material de apoio (texto cedido sobre os movimentos artísticos estudados).

De modo geral, todos compactuam ou se aproximam da ideia de que a arte urbana, a ciberarte e a arte postal estão perto da sociedade por “abordar temas comuns entre as pessoas”.

II) O lugar de exposição para aproximar a arte das pessoas

Inicialmente, me deparo com a leitura de que “a arte urbana chama a atenção nas ruas pois as pessoas podem ver”. Deste modo, observo com atenção as ideias destes estudantes acerca de como o lugar de exposição de um trabalho de arte pode aproximá-lo da sociedade. Para um dos estudantes, na internet o acesso é fácil e assim a arte “está no nosso dia-a-dia”. Especificamente sobre ciberespaço, Vázquez considera que a arte, em nossa época e em relação aos meios de comunicação (como o computador), cumpre sua função social de novos modos, ao ampliar o público e estabelecer laços “de uma extensão e diversidade que o artista de outrora jamais poderia imaginar” (VÁZQUEZ, 2011, p. 225).

Os outros estudantes analisados mencionam que os novos lugares de exposição “provocam as pessoas” e que, por seu caráter independente, os criadores “não precisam ter talento artístico”.

Nesta perspectiva, “não precisa ir a algum museu para ver os trabalhos”. O grupo apresenta, em sua colocação, sentirem-se pertencentes a um universo alheio a este dos museus de arte, enquanto se sentem mais apropriados daquilo que está nas ruas. Um espaço-janela-galeria por onde veem a vida passar nas idas e vindas de suas tarefas de quem inicia a vida adulta. Ainda acerca das ruas, consideram que a “divulgação” em espaços públicos e populares podem fazer “as pessoas pararem para pensar”.

Outros grupos analisados evidenciaram a “interação e participação na criação da obra” da ciberarte e a facilidade do acesso à internet.

De algum modo, por meio destas colocações, observo que este grupo de estudantes compreendeu as profundas transformações no modo como percebemos o mundo e, especificamente, a arte no contexto da cibercultura.

Ascott compreende, a este respeito, a cibercepção como as interações de percepção e cognição definidas artificialmente. Esta seria um novo modo e corpo de viver a duplicidade real *versus* virtual, estar aqui e em outro lugar ao mesmo tempo, ampliando o que acreditamos

ser nossas capacidades genéticas naturais. Para o autor, o computador nos molda e nos possibilita, de modo que não nos preocupamos mais apenas com o que fazemos, mas também com o que fazem de nós. Esses novos modos de percepção da realidade envolvem além das mudanças quantitativas, constituem mudanças qualitativas em nosso ser, uma faculdade nova, a que chama de “cibercepção pós-biológica”.

Neste contexto, a percepção se trata de estar ciente dos elementos ambientes através das sensações físicas. A cibercepção envolve, então, processos de conectividade e redes, a tecnologia da comunicação, a participação e a colaboração.

A cibernética se torna a soma de todos os sistemas de mediação computadorizada interativa do mundo, sendo parte de nosso aparelho sensorial. Nossos corpos individuais são unidos, transformando-se em um todo, em uma experiência compartilhada onde a formação de ideias ocorre coletivamente.

A cibercepção nos possibilita perceber as aparições do ciberespaço, as manifestações de sua presença virtual. Através dela apreendemos os processos de emergência da natureza, das muitas realidades, imateriais, tão palpáveis como se fossem. A prática artística, com o efeito da cibercepção, torna-se uma mente em liberdade e a criatividade é de uma consciência distribuída. A arte preocupa-se menos com a aparência e mais com a revelação, com a manifestação da identidade e do sentido, interagindo com o meio-ambiente e com o corpo humano - agora local de transformação.

Deste modo, pensar em uma arte que problematize o mundo corrobora com a ideia de Ascott (2002) de que os artistas podem ser propagadores de sementes, pois sua cibercepção os equipara para a consciência global e com a habilidade para rever, repensar e reconstruir o nosso mundo.

III) Como a arte mostra a realidade?

Destaco que, majoritariamente, por conta das primeiras discussões desenvolvidas em sala, os estudantes evidenciam como realidade a violência (física) sofrida pelas mulheres:

“com poucas coisas fazem arte na internet para mostrar a vida com coisas do cotidiano”, “para chocar as pessoas”. “Os artistas vê as coisas do cotidiano e se baseiam nisso para fazer seus quadros e por exemplo as artes representando o feminismo” (Estudante M, 15 anos). Acerca do feminismo e do empoderamento das mulheres, um dos estudantes evidencia que estes trabalhos “declaram a capacidade das mulheres”.

Alguns grupos copiaram suas respostas dos outros e alguns diários, por serem manuscritos, estão ilegíveis e, deste modo, compreendi pouco determinadas respostas, o que poderia ser melhor explorado com a associação de entrevistas.

Observo que o tema se tornou destaque, acredito que por ser tangente nas aulas expositivas e ponto de discussão para articular a arte como manifestação humana e, portanto (mas não apenas), social.

IV) Estes modos de fazer arte nos possibilitam pensar sobre o que as mulheres passam?

Nesta questão, quero evidenciar o caráter analítico e problematizador deste projeto no contexto escolar. Não se tornou objetivo definir ou conceituar termos das relações de gênero, mas provocar a reflexão e manifestação de arte.

De um modo geral, os estudantes M entendem que sim, as linguagens artísticas apresentadas possibilitaram a reflexão acerca da condição das mulheres na sociedade.

Mencionam, a esse respeito: “para mostrar o dia-a-dia” e para “enxergar a violência”.

No que tange ao modo como isso acontece, destacam que a potência da imagem para “mostrar”, no caso, a violência contra a mulher. Fato que nos possibilita pensar sobre como a arte figurativa pode se tornar um modo eficaz de denúncia na perspectiva destes estudantes.

Um dos estudantes analisados menciona que “eles representam imagens de covardia e violência contra a mulher”. Outro que a “arte é boa para demonstrar que a violência contra a mulher é covardia” e outro ainda que “a arte mostra o que acontece no cotidiano de muitas mulheres”.

Quanto às estudantes F, todas responderam que sim.

“Há muitos tempos atrás, a mulher só servia pra trabalhar no fogão e cuidando dos filhos, mas os tempos mudaram e elas quiseram mostrar que tem muita capacidade e direito. Essas artes é como grito de socorro” (Estudante F, 15 anos).

Observo que estas estudantes reconhecem que os trabalhos lidos em sala denunciam e mostram a realidade das mulheres. Consideram que por “mostrar o cotidiano”, “desenhar o sofrimento que elas (mulheres) passam”, “expressar características que chamam a atenção”; que os trabalhos acessíveis afastam a violência e a desigualdade e o que é mostrado nos faz parar para pensar. Compreendem, ainda, que estes trabalhos “ensinam” por fazer as pessoas pensarem sobre os acontecimentos e assim citam o modo como “homens pensam que

mulheres só prestam para o serviço da casa”. Evidenciam também a “transmissão” da realidade que abre os olhos da sociedade para o que ocorre no mundo.

Para concluir as impressões acerca do modo como compreendem a relação da arte com a temática proposta, retomo Vázquez (2012), quem afirma que para Karl Marx a arte se trata de uma assimilação do mundo, um prolongamento do sujeito. O autor então coloca:

“A arte e o trabalho se assemelham, pois, mediante sua comum ligação com a essência humana; isto é, por ser a atividade criadora mediante a qual o homem produz objetos que o expressam, que falam dele e por ele.”
(VÁZQUEZ, 2011, p.61).

Nesta perspectiva, o ser humano age sobre a natureza por meio da criação material. Esta criação se dá pela necessidade do homem de se afirmar como tal. O ser humano que cria o faz em relação às suas necessidades de transcender a natureza imediata – necessidades estas que, por sua vez, dão-se de modo distinto em cada relação estabelecida do homem com o mundo. A relação estética do homem com a sociedade, por exemplo, explicita a potência de sua subjetividade e as forças humanas essenciais de um ser social.

Embora o foco nas questões sociais seja intensamente presente nesta proposta pedagógica, parto da ideia, junto à Vázquez (2011), que enquanto seres sociais, nossas relações estéticas possuem caráter social por sua origem e desenvolvimento. Somos sujeitos que entramos em relação com a natureza, nosso meio, através de outros sujeitos e isto não pode ser ignorado.

Ainda que criemos objetos a fim de expressar neles nossa essência humana, o objeto da subjetividade humana (o trabalho de arte), torna-se um sujeito que sobrevive a seu criador. Neste ponto destaco: ainda que a proposição temática desenhe certos limites na produção dos estudantes, seus trabalhos possibilitam leituras e experiências estéticas múltiplas, a considerar o repertório estético e ideológico do público que os visitou.

Acerca do valor estético destas e de outras produções estéticas, enquanto produtos também históricos, Vázquez (2011) considera que a beleza não se dá unicamente nas questões materiais, mas também e fundamentalmente em suas relações com as pessoas – relação esta a que se propôs problematizar o presente projeto.

V) Este assunto é importante?

Os estudantes M, majoritariamente, acreditam que sim. Alguns especificam que é “para mudar”, outros “para denunciar” e, finalmente “para pensar”.

Todas as estudantes F respondem que sim. Mencionam que apoiam o trabalho com este tema, “porque as mulheres escondem o que passam e os trabalhos mostram” e “mostram seus direitos” “para quem não sabe”, assim como acreditam que conscientizam e nos colocam para refletir e “sermos melhores”.

VI) Como estes trabalhos afetam os estudantes?

Pensa, um dos estudantes M analisados, que a arte é importante. No entanto, não refletiu mais densamente sobre a questão. Outro afirma que mudou o modo de pensar, mas não esclarece como e o quê. Um não entendeu a pergunta e outro que a violência é algo que “não se faz”. Destaco aquele que menciona como fica feliz a respeito dos trabalhos abrange este tema e deseja que o “preconceito” contra a mulher acabe e outro que diz ficar “triste em saber que a maior parte desse sofrimento é causado por homens”.

Noto que poucos estudantes expandiram suas reflexões além da associação primária de que a causa dos males das mulheres na contemporaneidade se trata da violência física causada por homens.

Tratar a violência física pode ser considerado genérico, pois nos permite continuar omitindo as desigualdades de funções e agressividade dos discursos, no entanto, deve-se considerar que o trabalho com este tema no contexto escolar já é de extrema importância e dá voz a uma categoria excluída e discussão velada.

Quanto às estudantes F, uma delas afirma: “Eu me senti mais importante, porque me mostrou que a mulher pode fazer tudo que pensa, e que nós não nascemos para ficar em casa e fazer serviço de casa e sim tudo que quisermos e não precisamos apanhar” (Estudante F, 16 anos).

As estudantes mencionaram, nesta questão, elementos dos trabalhos exibidos que as afetaram. Nem todas afirmaram se sentirem tocadas por eles, mas de um modo geral, destacam algumas questões. Notaram que estes são problemas que devem ser mudados; acharam incríveis para opinar, criticar e mostrar a realidade; sentem-se mal “por saber que a violência existe”, porém bem “por saber que alguém se importa e denuncia”.

VII) Auto-avaliação do processo de criação da ciberarte – Estudantes M:

As impressões registradas aqui dizem respeito ao modo como os estudantes desenvolvem sua linguagem e a articulam com a temática problematizadora.

Um dos estudantes M entende que seu trabalho possibilita às pessoas saberem algo sobre as mulheres que não é percebido no cotidiano. Sua função no grupo se tratou de postar material produzido pelas estudantes F na internet.

O estudante seguinte reconhece a importância de proporcionar uma denúncia, no entanto, afirma não auxiliar no trabalho e nem reconhece a especificidade da internet enquanto espaço para manifestação artística. Um de seus colegas explicitou o potencial de seu trabalho na internet para divulgar os papéis ocupados por homens e mulheres na sociedade, enquanto outro estudante M afirma que a internet é um meio para visualizar a violência contra a mulher.

No decorrer das auto-avaliações, alguns estudantes relataram projetos que não foram desenvolvidos, enquanto outros apresentaram extrema dificuldade em compreender e, conseqüentemente, responder as perguntas com clareza. Outros estudantes copiaram as respostas uns dos outros.

De um modo geral, este memorando é composto pelas respostas pessoais e que estão coerentes ao tema. Respostas copiadas ou nas quais foram identificadas informações irreais não foram mencionadas.

VIII) Auto-avaliação do processo de criação da ciberarte – Estudantes F:

As auto-avaliações das estudantes F foram minhas fontes para analisar a escolha da abordagem do tema e desenvolvimento da linguagem da ciberarte especificamente.

Quanto ao tema geral “Mulheres/Sociedade”, foram escolhidas as seguintes abordagens: Independência das mulheres, Sonhos e realidade, Condições na atualidade e Igualdade.

Quanto ao modo como estes projetos podem explorar as potencialidades da internet, observo que as estudantes se pautam em dois segmentos: um em relação à linguagem e outro em relação ao tema.

No que diz respeito a linguagem, destaco que as estudantes partem de uma perspectiva limitada à hospedagem de material na rede para compartilhamento e criação de imagem. Acredito que esta limitação seja estrutural, haja vista que o domínio da tecnologia em amplo aspecto seja insipiente entre os estudantes das escolas de educação básica, o que se torna ainda mais intenso e desigual entre as estudantes do sexo feminino. Neste sentido, acreditam que seus trabalhos exploram a internet por: poder enviar mensagens, Publicar na web, Criar materiais como gráficos, etc.

Em relação ao segmento temático, destaco que as discussões em sala discorreram acerca do universo das mulheres na contemporaneidade. Vale destacar que a conversa desenvolvida não se tratou de uma abordagem estereotipada do “universo feminino”, mas das questões e problemáticas que atravessam a vida das mulheres atualmente, tais como as diversas formas de violência, papéis de gênero, dentre outras. Deste modo, se destacaram afirmações sobre como estes trabalhos de ciberarte poderiam: afetar as pessoas, mostrar algo para muitas pessoas, fazer mulheres refletirem sobre os padrões de beleza e auxiliar quem sofre.

Especificamente no que diz respeito ao modo como cada trabalho projetado pelos estudantes possibilita pensar sobre a condição das mulheres na sociedade, as estudantes F acreditam que podem mostrar que existem coisas que homens e mulheres podem fazer, mas por “existir muito machismo, discriminam o fato de, por exemplo, eu jogar futebol”

(Estudante F, 16 anos); para chamar a atenção para o fato de que as mulheres tem muitos sonhos que não podem realizar; para denunciar a violência cometida contra a mulher; para evidenciar a “igualdade entre as mulheres, independente da cor”; para impactar mulheres que sofrem violência e conscientizar contra a submissão; para provocar as pessoas a serem felizes como são e para estimular a realização dos sonhos.

No que diz respeito a quais habilidades desenvolveram neste trabalho, as estudantes afirmam que: aprenderam sobre as possibilidades da internet; a pensar no cotidiano como arte; ser capaz de olhar o outro para criar um trabalho de arte; expressar pensamentos e, até mesmo, a dividir tarefas.

As estudantes envolvidas no projeto evidenciaram a possibilidade de refletir e reconhecer a realidade. No entanto, alguns projetos foram desenvolvidos até certo ponto, mas não foram finalizados ou apresentados na etapa final.

Os diários das estudantes F, assim como os M, são compostos estritamente por aquilo que foi solicitado no decorrer das aulas. Ambos foram sucintos em suas respostas.

3.4. Considerações

No decorrer da análise do campo onde foi desenvolvida a presente Proposta Pedagógica, a partir principalmente dos questionários, novas questões surgiram. Parte pela incompreensão dos estudantes de algumas questões presentes no 1º questionário, parte pela necessidade minha de obter algumas informações que não são acessíveis apenas à observação

ou análise das respostas. Decidi, desse modo, retornar algumas questões⁴² apenas à Turma 2, escolhida como amostra do processo, a fim de obter algumas respostas às minhas dúvidas.

Percebi, de um modo geral, que a leitura é uma atividade mais constante entre as estudantes F, contudo, a partir de suas respostas não foi possível encontrar uma justificativa para esta constatação, o que tornou necessário o retorno a alguns estudantes com as seguintes questões: *Quando você lê? Se não respondeu a anterior, por que você não lê?*

O retorno destas novas questões explicitou que metade dos estudantes M afirma não ter o hábito de ler porque não gosta, enquanto essa situação se apresenta mais distribuída entre as estudantes F. Cerca de 1/3 das estudantes afirma ler todo dia, outra parte aproximada afirma não gostar de ler e o restante não respondeu o questionário ou afirmam gostar de ler “às vezes”.

Especificamente acerca da estrutura familiar dos estudantes, alguns pontos no que diz respeito às mulheres não ficaram claros, então as seguintes questões foram estruturadas: *Qual é o papel da mãe nas suas famílias? Qual é o papel das mulheres na sua família? Das mulheres que fazem os serviços domésticos, na sua casa, responda: elas desenvolvem outras funções? Se você é menina e trabalha fora de casa: você também ajuda em casa? Quem é o principal ou a principal responsável pelas funções domésticas (limpar, passar, cozinhar, etc.) em sua casa?*

Nas respostas, observei que dentre os estudantes M, apenas 1 afirma ser a mãe a “responsável pela casa”, mas 4 deles reconhecem que são elas que “cuidam da casa” e 5 afirmam serem as mães as responsáveis pelas atividades domésticas, o que me permite perceber que são elas as responsáveis por zelar o lar, mas não é atribuída a elas a responsabilidade do sustento. Apenas 7 estudantes afirmam que suas mães trabalham fora de casa, 4 destes estudantes mencionam auxiliar nas tarefas domésticas em casa e 2 atribuem essa tarefa às irmãs.

Os números alteram substancialmente nas respostas das estudantes F. Metade das estudantes afirmam que suas mães são as responsáveis pelo cuidado da família e da casa, 5 estudantes afirmam que suas mães contribuem financeiramente no lar e 9 que trabalham fora. 2 atribuem às mulheres da casa o papel de educar e cozinhar. 10 estudantes ajudam em casa, das quais 4 trabalham fora. 10 reconhecem que as funções domésticas são suas ou de suas mães. 1 afirma ser ela e o pai que cuidam da casa.

⁴² Estas questões foram respondidas em casa, no decorrer do projeto, nos Diários de Bordos dos estudantes da Turma 2.

O cenário acima evidenciado me permite considerar que determinadas funções exercidas pelas mulheres podem não ser percebidas ou reconhecidas como próprias delas nos lares destes estudantes M, enquanto no discurso das estudantes F se torna presente a percepção de que as funções no sustento (não apenas financeiro, mas também mantenedor e emocional) também lhes dizem respeito.

Sobre arte, observei que as respostas dos estudantes não correspondiam à sua realidade, por exemplo: Quando pergunto oralmente o que é arte contemporânea, eles não sabem responder, mas no questionário alguns afirmaram que já foram a uma exposição de arte contemporânea. Parte considerável dos estudantes mencionou, no questionário, ter ido a museus de arte, contudo, também em conversas posteriores informais, observei que estes estudantes confundiram os museus temáticos e históricos regionais com museus de arte. Deste modo, construí as seguintes questões: *O que é arte para você? Quando você tem contato com arte? Sabe o que é “arte contemporânea”? O que é arte contemporânea? A escola pode ser um espaço para contato com a arte? A escola pode ser um espaço para criação de arte? Como? Por quê? Como poderíamos participar da criação de arte sem ser apenas apreciador e sem ser apenas artista? O que é assunto de arte? Sua vida está ligada a problema/questões coletivas (como as sociais)? Quais? Reconhece a relação da arte com a vida? Gosta de ver sua vida ligada à arte? Qual foi a última viagem escolar que você fez? Lembra-se de quantas fez na vida escolar? Quantas vezes foi a um museu (histórico, artístico, temático, etc.)? Você lembra de ter visto alguma exposição de arte nestas viagens? Fale mais sobre elas. Você vai com a família para museus ou viagens com fim cultural? Se você já foi a um museu de arte: qual foi? O que lembra?*

As respostas a estas perguntas explicitam que 7 estudantes M afirmam não fazer viagens ou passeios com fins culturais com a família e apenas 2 estudantes afirmam fazê-lo. De um modo geral, viajaram de 1 a 3 vezes com a escola para parques e museus temáticos. O mesmo número de estudantes M afirmam nunca terem ido a um museu de arte. 10 estudantes F fizeram de 1 a 5 viagens pela escola, das quais 6 afirmam ter ido a um museu histórico e 3 a exposição de arte, enquanto 8 afirmam nunca terem ido e 3 gostariam de ir. 11 estudantes nunca foram a um museu de arte, enquanto 6 nunca foram a museu algum. 12 afirmam terem viajado com a escola para parques temáticos e 11 nunca viajam com a família para fins culturais.

Torna-se claro o pouco envolvimento dos estudantes e suas famílias com instituições culturais e museológicas no geral e, principalmente, com espaços de arte. Suas viagens mais

significativas fora da região, ainda que promovidas pela escola, dizem respeito a entretenimento no geral⁴³.

Acerca da utilização da internet, a fim de tentar descobrir a finalidade dessa ferramenta no cotidiano dos estudantes com maior clareza, construí as seguintes questões:

Você usa o WhatsApp ou Facebook todo dia? Se a resposta for não: Por que você não usa? Quantas horas por dia acessam as redes sociais? O que fazem nestas redes? Vocês jogam na internet? O quê? O que mais acessam na internet? O que você expressa na net não poderia ser arte? O que você produz na rede?

Quanto ao resultado destes questionamentos, 7 dos estudantes M utilizam a internet todos os dias, dos quais 5 afirmam utilizar por “muito tempo”. Do conteúdo que acessam, 5 mencionam vídeos, 6 redes sociais para conversa e 5 jogos.

Entre as estudantes F, 11 utilizam internet todos os dias. 5 menos de 4 horas por dia e 5 mais de 8 horas. 1 não respondeu. As 11 estudantes afirmam utilizar as redes sociais todos os dias. Das atividades desenvolvidas, 1 menciona que utiliza a internet para passar o tempo, 9 para pesquisar e 3 para jogar (das quais 1 menciona jogo de corrida).

Observei, durante o desenvolvimento das aulas expositivo-dialogadas desta Proposta Pedagógica que a temática de Gênero não é conhecida pelos estudantes. Ao perguntar “o que é gênero?”, as respostas circundavam os âmbitos da literatura e até mesmo arte, mas apenas 1 estudante por turma, aproximadamente, relacionava o termo à sexualidade.

Finalmente, surgiram questões importantes acerca da perspectiva que esses estudantes têm sobre seu próprio estudo, tais como: *Já trabalhou com arte na internet?*

Dentre os estudantes M, 7 não consideram que produzem algum material na internet e não compreendem que o que produzem tem potencial artístico. Enquanto entre as estudantes F, 7 não compreendem que o que produzem tem potencial artístico. Do conteúdo produzido, 1 afirma expressar sentimentos, 1 opinião e 1 considera que a vida pessoal poderia ser material de arte.

As respostas obtidas, de um modo geral, nos possibilitaram perceber que embora permaneça a distância desses estudantes com o campo da arte e suas instituições, os mesmos projetam na disciplina de Arte um espaço para expressividade e para conhecimento do outro. Constatei, ainda, que embora as tecnologias de comunicação e informação estejam presentes em seu cotidiano, não são articuladas, por eles, à criação artística, ainda que as relações da arte com as novas tecnologias tenham se estreitados há pelo menos 40 anos.

⁴³ Não me ocuparei, neste relatório, de refletir profundamente acerca das condições estruturais que mantém determinadas categorias/classes sociais distante do âmbito cultural. Me dedicarei apenas a apresentar os números e cenários identificados neste projeto.

Estes estudantes estão também distantes dos movimentos sociais, especificamente, das questões de gênero, tais como feminismo. Agrega-se a isso a não percepção da violência contra a mulher, tão presente no discurso e nas determinações sexistas dos papéis de gênero, assim como na manutenção de comportamentos dentro de seus relacionamentos familiares e amorosos.

Muitas outras considerações poderiam ser discorridas e aprofundadas nestes memorandos, acerca de importâncias como: classe social, etnia, entre outras. No entanto, devido ao recorte deste estudo, tornar-se-ia muito amplo tratar tais aspectos.

De modo geral, esta análise preliminar se mostrou de grande importância para a compreensão acerca do modo como os estudantes se envolvem com a cultura, a internet e como se desdobram as relações de gênero em seu cotidiano, a fim de orientar, inclusive, as ênfases necessárias a serem propostas tanto nas aulas expositivas e dialogadas quanto na proposta de criação artística no ciberespaço.

Observou-se, por exemplo, o potencial das redes sociais e dos dispositivos móveis no que diz respeito à produção e disseminação de conteúdo produzido pelos estudantes e a necessidade de evidenciar durante as conversas os diferentes modos de violência que podem ser cometidos contra as mulheres.

Mais detalhes acerca do desenvolvimento desta Proposta Pedagógica serão discorridos a seguir:

4. Resultados

4.1. Etapa 1: Conhecimento do campo e criação de projetos

Estes resultados explicitam os desdobramentos da proposta pedagógica dia-a-dia até a criação do planejamento detalhado dos trabalhos de ciberarte por parte dos estudantes⁴⁴. O relato dos resultados foi construído por meio de diário de bordo desenvolvido por mim e objetiva evidenciar o meu olhar sobre as ações.

Ainda que os desdobramentos previstos na proposta pedagógica tenham sido desenvolvidos com todas as turmas de 1º ano do Ensino Médio noturno da Escola Estadual, o registro do processo, bem como sua análise aqui descrita, foi desenvolvida apenas com 1 das turmas envolvidas no projeto: a turma escolhida como amostra (Turma 2), uma vez que até o

⁴⁴ Antes do desenvolvimento do trabalho de arte na internet, os estudantes desenvolveram um projeto com os itens: Abordagem do tema (Objetivo), Plataforma na internet, Material a ser utilizado (Metodologia) e Cronograma.

início do projeto foi esta a turma com maior número de estudantes matriculados e com maior equilíbrio entre estudantes F e M⁴⁵.

Deste modo, afirmo que todas as turmas passaram pelas mesmas etapas da proposta pedagógica e foram analisadas para conhecimento e apresentação do campo, mas que apenas alguns trabalhos⁴⁶ desenvolvidos no ciberespaço farão parte da análise final e da exposição.

A pesquisa e a proposta pedagógica são compostas por 3 etapas, a saber:

- 1 – Questionário para conhecimento do campo (aplicado em todas as turmas);
- 2 – Desenvolvimento do projeto com todos, mas análise da turma 2 apenas;
- 3 – Análise e exposição dos trabalhos desenvolvidos.

06/08/2015 – 1º encontro: Apresentação do Projeto⁴⁷

Para iniciar ao trabalho, apresentei o projeto conforme exigência do Comitê de Ética⁴⁸, quando evidenciei o tema e sua relação com a ciberarte e gênero na perspectiva feminista. Abordei, em seguida, a necessidade da participação dos estudantes, o que demandaria o envolvimento deles nas ações do projeto. Nesta etapa foi especificado que o projeto faz parte do Plano Anual de Ação da professora e que todos devem participar e desenvolver as atividades normalmente, mas apenas aqueles que aceitarem participar do projeto terão seus trabalhos analisados na pesquisa. Apresentei, ainda, o objetivo da pesquisa; o que desenvolveria com os resultados obtidos com ela, destacando sua articulação com o projeto

“Estudo da ampliação da fruição e da difusão das produções artísticas dos estudantes nas escolas públicas do estado de Santa Catarina a partir de exposição itinerante” e eventual publicação de textos que eu produziria com as análises desenvolvidas; os procedimentos que seriam aplicados; os riscos e desconfortos aos quais os estudantes estariam expostos, tais como a discussão de temáticas delicadas; os benefícios de participarem do projeto; o compromisso de confidencialidade, evidenciando aos estudantes que seus nomes, rostos e informações pessoais que os identifiquem não serão revelados em hipótese alguma e o direito à recusa de participação.

⁴⁵ É costume da escola, durante o ano letivo, modificar os estudantes de sala conforme seu comportamento e rendimento, o que aconteceu após o recesso no mês de julho, antes de iniciarem as ações diretas da proposta pedagógica, mas depois do início da análise do campo.

⁴⁶ Os trabalhos escolhidos para exposição foram eleitos pelos estudantes das turmas envolvidas no projeto.

⁴⁷ As aulas são sempre de 40 minutos.

⁴⁸ Os slides de Apresentação do Projeto estão em Apêndice D.

Os estudantes aparentaram, por meio de suas expressões, perceber que as relações de gênero têm articulação com a arte. No entanto, em um dos exemplos da desigualdade de gênero (*porn revenge*⁴⁹), uma das estudantes F já declarou “professora, mas eu acho errado a menina enviar foto pelada para o namorado” (Estudante F, 16 anos), tentei argumentar que isso é uma questão de valor moral e não de gênero, ou seja, regra aplicável aos homens e às mulheres por determinada perspectiva de “certo e errado”. A estudante concluiu que os dois estão errados.

Uma abordagem informal acerca de quais estudantes aceitariam participar do projeto foi realizada e, de modo geral, os estudantes mencionaram verbalmente aceitação. A aula foi finalizada, mas não foi arguido, neste encontro, individualmente quanto à participação dos estudantes.

07/08/2015 – 2º encontro: Organização dos participantes e grupo Fluxus

No segundo encontro foram distribuídos os diários aos estudantes (um conjunto de folhas pautadas), nos quais eles deveriam registrar as aulas e o processo das atividades solicitadas. Estes diários foram entregues ao fim do projeto com as atividades coletivas e individuais propostas nas aulas. Muitos estudantes estavam ausentes, pois a aula ocorreu na sexta-feira. Portanto, o processo deverá ser retomado na aula seguinte.

Apenas dois estudantes M não aceitaram participar. São estudantes que se destacam quanto ao desempenho escolar, o que me causou espanto, mas optei por não questionar o motivo.

Após entrega e confirmação individual de participação no projeto, foi iniciada a aula para contextualização dos desdobramentos na arte que levaram à participação do público nos trabalhos artísticos.

Iniciou-se uma aula expositiva acerca do grupo Fluxus e exibidas algumas propostas de ações performáticas de artistas mulheres do movimento, como Yoko Ono, Chieko Shiomi e Bici Forbes Hendricks⁵⁰. Este é um evidente exemplo da associação das manifestações artísticas com ideais políticos e sociais, uma organização de artistas com referências dadaístas que se desenvolveu em torno de práticas simplistas, como destruir instrumentos musicais em concerto ou mudar do estado de sorriso para não sorriso. Para o

⁴⁹Pornografia de vingança (tradução livre). Material sexual produzido em vídeo ou foto utilizado para coerção dos envolvidos, normalmente utilizado em fins de relacionamento. É constantemente veiculado para oprimir mulheres ao expor sua intimidade, as quais são culpadas pelo ato de aceitar tirar a foto ou serem filmadas.

⁵⁰Estes slides estão em Apêndice E.

artista e escritor Home (2004), os artistas envolvidos neste grupo partem da música, mas tomam proporções maiores e hibridizam suas práticas, de modo que

O primeiro período de atividade Fluxus coincidiu com uma divisão dentro do movimento sobre a questão da destruição de eventos da alta cultura e planos de atacar pessoas de classe média em suas jornadas de ida ou volta do trabalho (HOME, 2004, p. 85).

O movimento do Grupo Fluxus era sabotador e despretenhoso. Queria proporcionar uma pane estrutural na vida cultural e seu sistema. Desencontros entre princípios dos participantes do movimento resultam na degeneração de suas ações políticas, provocando uma “ascensão da estética Fluxus despolitizada” (HOME, 2004, p. 89).

Ao observar as expressões dos estudantes, pode-se notar a compreensão de um sentido nestas ações que objetivam aproximar as pessoas das pequenezas da vida. De um modo geral, não expressaram ou explicitaram opiniões negativas sobre os trabalhos.

A aula foi interrompida pelo sinal quando seria iniciada a discussão sobre arte postal. Nenhuma colocação relevante por parte dos estudantes foi desenvolvida durante a exposição do assunto.

13 e 14/08/2015 – 3º e 4º dias previstos⁵¹: adiado por Gincana da Escola

Os dois dias foram ocupados com a Gincana da Escola, evento que ocorre todo ano e, como todos os outros, tem data prevista no calendário construído coletivamente pelos professores no início do ano letivo.

No entanto, a direção realiza alterações significativas no calendário escolar durante o ano, algumas destas extremamente próximas das datas nas quais ocorrerão os eventos e quase todas sem consulta ao corpo docente, o que atrapalha significativamente o desdobramento das atividades, haja vista que temos apenas duas aulas de 40 minutos⁵² por semana com cada turma.

Nesta semana, em decorrência da alteração no horário, as aulas com a turma analisada foram passadas para a sexta-feira, não corridas, mas intercaladas.

⁵¹ Dia previsto diz respeito a ordem dos dias estabelecida desde o início do projeto conforme Cronograma Previsto, já *encontro* diz respeito ao número de encontros realizados de fato no decorrer do projeto.

⁵² Todas as disciplinas possuem essa carga horário no Ensino Médio do sistema estadual de ensino.

21/08/2015 – 3º encontro:

No terceiro dia de desenvolvimento do projeto ocorreram duas aulas de 40 minutos. Em decorrência dos horários disponíveis na sala de informática, a etapa posterior de pesquisa dos termos objeto, sujeito e espaço foi adiantada.

Figura 3: Estudantes desenvolvendo a pesquisa na sala de informática



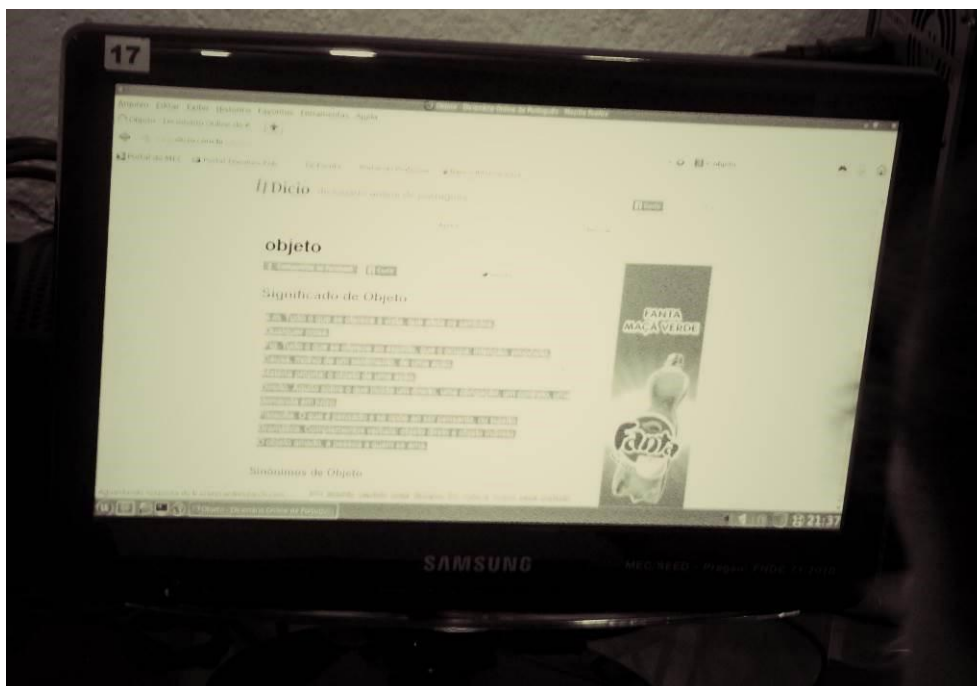
Fonte: Própria

Figura 4: Estudantes desenvolvendo a pesquisa na sala de informática



Fonte: Própria

Figura 5: Estudantes desenvolvendo a pesquisa na sala de informática



Fonte: Própria

Deste modo, na primeira aula deste dia letivo, houve exposição final acerca de como a arte se aproximou das pessoas com a ciberarte, passando pelas ações da arte postal e da arte urbana, assunto que nitidamente desperta o interesse dos estudantes. Foram exibidos exemplos de trabalhos feitos apenas por artistas mulheres da arte postal, como Anna Banana e arte urbana com temática feminista⁵³.

Nenhum depoimento relevante foi emitido durante a exibição do assunto. A segunda aula do dia letivo foi destinada a distribuir as questões individuais e em grupo sobre o assunto abordado até o momento para visto e apresentação na semana seguinte⁵⁴ e pesquisa dos termos objeto, sujeito e espaço, na sala de informática, para finalização da problemática da transformação no campo da arte.

Uma vez pensadas as relações entre cibercultura, arte e sociedade contemporânea, constitui-se necessário atentar aos desdobramentos da arte com as ferramentas tecnológicas emergentes nos arredores dos últimos 20 anos.

Por esta abordagem, Tribe e Jana (2007) esboçam uma história da arte desenvolvida com as “novas mídias”.⁵⁵ Os autores consideram que esta manifestação artística esteve isolada do

⁵³ Slides em Apêndice E.

⁵⁴ Questões propostas no último *slide* do Apêndice E.

⁵⁵ Os autores atribuem a criação do termo “new media” às empresas de comunicação que precisavam diferenciar as tecnologias emergentes de seu repertório tradicional.

restante desde o início da década de 1990, até seu primeiro aparecimento na X Documenta de Kassel em 1997⁵⁶ - talvez porque seja uma arte desenvolvida por um grupo limitado de integrantes entendidos no assunto. Identificam os antecessores da *New Media Art* no Dadaísmo, em consonância às ideias “novas e radicais” e por seu “ativismo político”, por meio, por exemplo, de “ações eletrônicas de desobediência civil”. De um modo geral, a natureza processual da arte desenvolvida, principalmente, na internet, evidencia que não se trata de um “objeto de contemplação, mas um evento ou ação que acontece no tempo” (TRIBE; JANA, 2007, p. 68).

28/08/2015 – 6º dia previsto:

Neste dia foi feriado em Guaramirim pelo aniversário da cidade. Tive que repor duas aulas em outra turma, mas apenas 2 estudantes vieram. Não foi desenvolvido o projeto nem com eles, mas exibido o filme do artista Jean Michel Basquiat.

03/09/2015 – 4º encontro:

Neste encontro de 2 aulas de 40 minutos foram apresentadas, inicialmente, as considerações que os estudantes desenvolveram das obras e problemáticas exibidas e discutidas até o momento, propostas pelas questões presentes no último *slides*⁵⁷ das aulas sobre a arte e a participação da sociedade/público.

De um modo geral, com a oralização das conclusões, percebo que os estudantes compreendem que a arte postal, urbana e virtual está mais acessível e aproxima a arte das pessoas por abordar temas cotidianos e pelo espaço no qual são exibidas. Quanto aos temas, 1 estudante F mencionou o feminismo e 1 a violência contra a mulher como exemplos de denúncias que estes trabalhos proporcionam. A etapa sobre participação do público na arte foi concluída.

Posteriormente, foi iniciada a etapa expositivo-dialogada acerca da temática Ciberarte e Gênero⁵⁸, a fim de evidenciar a relação das problemáticas sociais em torno das mulheres na contemporaneidade com a ciberarte (também produzida por mulheres).

⁵⁶ Quando aconteceu a 1ª organização ciberfeminista, facilitada pela artista Cornelia Sollfrank, intitulada *Old Boys Network*.

⁵⁷ Slides em Apêndice E.

⁵⁸ Slides em Apêndice F.

Durante a exposição do assunto foram problematizadas questões polêmicas sobre papel de gênero, orientação sexual, etc. Neste momento, os estudantes esboçam comentários que evidenciam o quanto a sexualidade está imbuída de construções sociais. Estudantes F assumem que “gostavam de brincar de carrinhos”, estudantes M afirmam que seus pais cozinham melhor que suas mães, estudantes F que “alguns homens também dirigem mal”, etc.

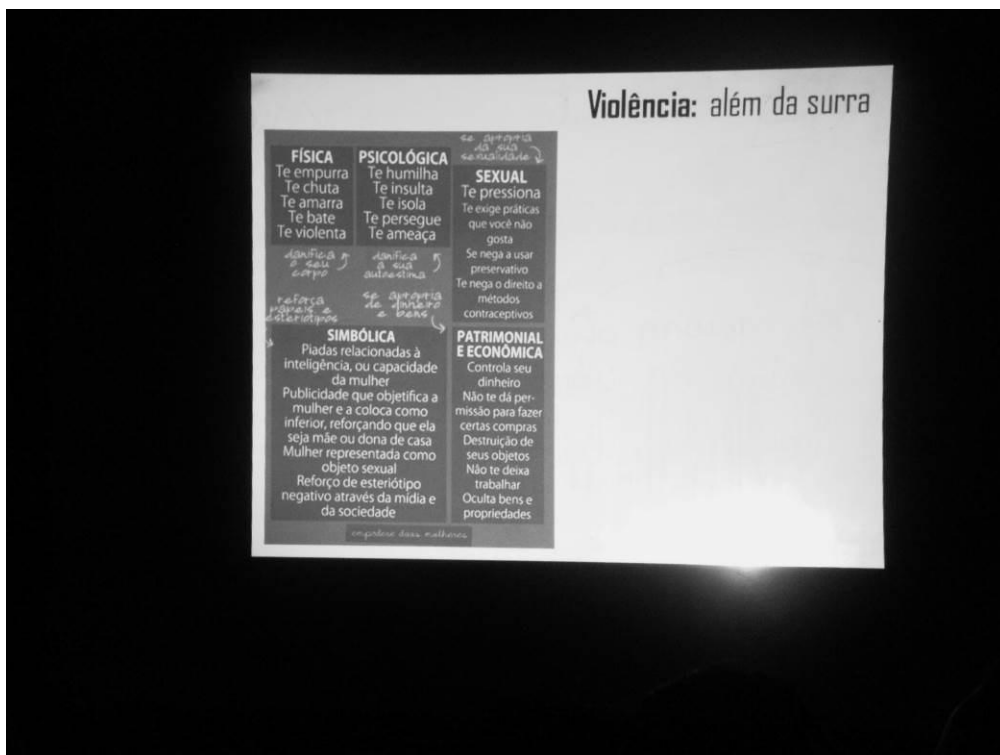
Um pouco antes de bater o sinal para o fim das aulas, foram encerradas as discussões, ainda sem iniciar a visita aos trabalhos de ciberarte.

Figura 6: Aula expositiva e dialogada acerca das relações entre Arte e Gênero



Fonte: Própria

Figura 7: Aula expositiva e dialogada acerca das relações entre Arte e Gênero



Fonte: Própria

10/09/2015 – 5º encontro:

Foram finalizadas, neste encontro de 80 minutos, as aulas expositivo-dialogadas do projeto, especificamente sobre Ciberarte e Gênero, a fim de exercitar o saber ver e apreciar, bem como da construção de uma consciência estética para compreender mudanças e promovê-las. Por meio da leitura, desenvolvemos a interpretação e a inserção da arte no repertório e na vida destes estudantes.

Conforme a experiência na semana anterior com outras turmas em relação à internet, constantemente em oscilação, produzi vídeos da visita aos *sites* que seriam explorados com os estudantes durante o encontro, para garantir que pudessem ao menos ver o modo como funcionam alguns trabalhos de ciberarte. Deste modo, vimos o trabalho *Net.art generator*⁵⁹ e *Old Boys Network*⁶⁰ de Cornelia Sollfrank, *Center of the universe*⁶¹ de Olia Lialina, *So like you*⁶², *Facebook Diary*⁶³ e *Life in AdWards*⁶⁴ de Erica Scourti, *Jezebel* e *'gü-*

⁵⁹ Gerador de net.art (tradução livre).

⁶⁰ Termo metafórico utilizado para designar uma relação informal de homens que, possivelmente, ajudam-se e se conectam por laços institucionais.

⁶¹ Centro do universo (tradução livre).

⁶² Assim como você (tradução livre).

⁶³ Diário de Facebook (tradução livre).

⁶⁴ Vida em anúncios (tradução livre).

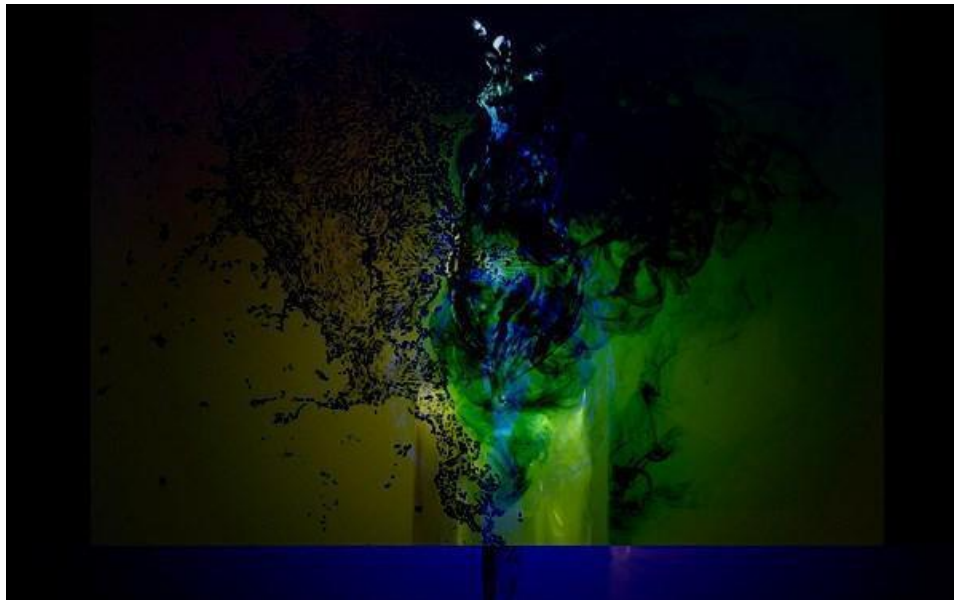
*gəl\ Results*⁶⁵ e *Heroines Den*⁶⁶ de Carla Gannis, *Dollspace*⁶⁷ de Francesa da Rimini, Ricardo Dominguez e Michael Grimm, *Distance*⁶⁸ de Tina la Porta.

Figura 8: Imagem criada com os estudantes com as palavras *ugly* e *beauty*⁶⁹ no *net.art generator*



Fonte: *net.art generator*

Figura 9: Imagem criada com os estudantes com as palavras *fire* e *water*⁷⁰ no *net.art generator*



Fonte: *net.art generator*

⁶⁵ Resultados \ 'gü-gəl\ (tradução livre).

⁶⁶ Heroínas Den (tradução livre).

⁶⁷ Espaço de boneca (tradução livre).

⁶⁸ Distância (tradução livre).

⁶⁹ Feiura e beleza (tradução livre).

⁷⁰ Fogo e água (tradução livre).

Figura 10: Imagem criada com os estudantes com as palavras *flower* e *blood*⁷¹ no *net.art generator*



Fonte: *net.art generator*

Procurei evidenciar aos estudantes que este recorte temático foi estabelecido por mim, por acreditar ser importante discutir essas questões na escola, principalmente de modo que possam expressar suas concepções em relação ao assunto e exercitar a criação com ferramentas tecnológicas de seu cotidiano.

Além das questões de gênero, explicitarei: a potencialidade da ciberarte enquanto *hiperlink*, de modo que a própria leitura seja uma construção do visitante e não apenas do artista; enquanto espaço colaborativo, quando nossa contribuição se torna fundamental para que o trabalho proposto pela artista se desenvolva; enquanto espaço interativo, ainda que em graus leves; enquanto espaço desterritorializado, de modo que podemos acessar um trabalho de arte livres das ideias de reprodução e originalidade de nossas próprias casas e, finalmente, busquei destacar que o acesso ao ciberespaço, ainda que facilite o acesso e o veículo de nossas mensagens, também está à mercê da desigualdade social.

Além da análise da especificidade destes trabalhos em relação ao ciberespaço e do modo como são distintos da ideia tradicional de arte que estes estudantes carregam ao longo de sua vida escolar, para alguns trabalhos exibidos foram abordadas questões específicas em relação à condição das mulheres na sociedade contemporânea, como as formas de violência além da violência física, as determinações de papéis e de comportamentos que nos inserem

⁷¹ Flor e sangue (tradução livre).

em relações dicotômicas entre “a boa” e “a má mulher” (e não apenas “a boa” ou “a má pessoa”), o que é feminismo, machismo, etc.

Embora parte da turma tenha ouvido atentamente e outra tenha desenvolvido conversas paralelas durante a aula, observei ao tocar nas questões de diversidade de gênero que os estudantes esboçaram risadas inicialmente (principalmente ao mencionar pessoas transgêneros e homossexuais), mas, conforme a problemática se apresentava, expressaram espanto diante a tamanha complexidade da sexualidade humana.

17/09/2015 – 6º encontro:

Este encontro de 2 aulas foi dedicado ao desenvolvimento dos projetos de ciberarte e para os estudantes responderem às novas questões provenientes dos primeiros memorandos, para conclusão da análise do campo.

Foi proposto aos estudantes que se dividissem em grupos de pessoas com as quais conseguem trabalhar fora do espaço escolar, a fim de desenvolver o Projeto Detalhado⁷² para criação de trabalho de arte no ciberespaço com a temática geral: Mulheres/Sociedade.

Os estudantes se organizaram em seus respectivos grupos, momento no qual foram desenvolvidas as orientações do projeto conforme o objetivo de cada grupo.

No fim do encontro os estudantes deveriam apresentar o esboço de seus projetos, os quais foram:

Grupo 1 – Abordagem: Sonho e Realidade. Plataforma: Canal no *Youtube* e Página no *Facebook*. Material: depoimentos em áudio e vídeo de mulheres do cotidiano de diferentes faixas etárias sobre seus sonhos.

Grupo 2 – Abordagem: Manifestações de violência. Plataforma: Página no *Facebook*. Material: Imagens e informações sobre as formas de violência contra a mulher.

Grupo 3 – Abordagem: Diversidade de Gênero. Plataforma: *Site*⁷³. Material: Memes divulgados na rede sobre o tema homossexualidade e relacionados.

Grupo 4 - Abordagem: Cotidiano das mulheres. Plataforma: Twitter. Material: Frases sobre o cotidiano da mulher.

⁷² Objetivo: abordagem do tema geral (“o que trabalharemos sobre mulheres/sociedade?”), Metodologia: Plataforma na internet (*Site*, redes sociais, rede para *upload* de vídeos, etc.) e Material a ser utilizado (vídeos, fotografias, áudios, depoimentos, desenhos, etc. e Cronograma (destacar: o que devemos trazer na próxima semana?).

⁷³ Todos os *sites* criados neste projeto, junto aos estudantes, foram desenvolvidos na plataforma Wix.com, com interface que facilita a criação e edição de *sites* por pessoas que não dominam esta linguagem de códigos.

Grupo 5 - Abordagem: Violência contra a mulher. Plataforma: Página no *Facebook*.
Material: Ainda não definiram.

Dentre as propostas apresentadas, que puderam ser alteradas durante a semana, destaco o grupo 1 que optou por relatos de sonhos das mulheres de seu contexto, possivelmente influenciados pelos trabalhos de Erica Scourti, artista que utiliza as redes sociais populares da internet; o grupo 3 composto por 2 estudantes M, que não querem ter seus escritos e falas analisados e 1 estudante M que optou por participar integralmente da pesquisa, não discutirá a temática Mulher/Sociedade, mas discutirá a diversidade de gênero em relação à homossexualidade; o grupo 2 atribuiu ao seu trabalho o título “Personalidade de uma mulher sem medo” e querem produzir o próprio conteúdo da página.

De um modo geral, observo que os estudantes preferem utilizar plataformas na internet que não requerem o trabalho com *html* e programação, haja vista que esses são códigos que estes estudantes não dominam, o que restringe a exploração desta produção enquanto trabalho de arte às questões temáticas.

Os estudantes não puderam iniciar os projetos na internet, pois a escola estava sem conexão. Criamos, então, missões a serem cumpridas em casa durante a semana para desenvolvimento do trabalho no encontro seguinte.

3.2.2. Etapa 2: Desenvolvimento dos trabalhos de Ciberarte⁷⁴

O desenvolvimento dos projetos construídos na etapa anterior foi acompanhado nas aulas seguintes, por aproximadamente quatro semanas, até o momento da entrega junto aos diários.

Poucos projetos foram desenvolvidos inteiramente na escola, em decorrência de problemas como: internet e computadores lentos, acesso restrito às páginas de redes sociais, tempo escasso das aulas, etc. Deste modo, estabelecemos combinados, os quais acompanhamos o desempenho por meio de grupos em redes sociais, de realizar algumas tarefas em casa e trazê-las ou enviá-las uns para os outros até a aula seguinte.

Durante as aulas, em sala, cada grupo desenvolveu as etapas de produção de material, tais como vídeos, imagens, sons e textos, assim como cadastros para acesso às redes sociais, conforme disponibilidade.

⁷⁴ A tabela para controle de todos os trabalhos desenvolvidos no projeto está em Apêndice G.

Destaco que os grupos necessitaram de meu auxílio constante para realizar seus objetivos, tais como: criar uma página na internet, editar vídeos, hospedar material na internet, etc. Alguns detalhes acerca da produção dos trabalhos serão discorridos a seguir⁷⁵:

Na turma analisada como amostra (Turma 2), foram desenvolvidos 6 projetos de ciberarte, os quais são:

1) *Sonho/realidade*: o grupo se propôs a criar um canal no *YouTube*⁷⁶ para postar depoimentos de mulheres expondo seus sonhos. Este projeto foi desenvolvido ao longo das aulas, sem precisar de meu auxílio. Acompanhei o grupo coletando depoimentos, mas na hora da entrega não apresentaram seu material.

Embora no final não tenham entregue seu trabalho, acompanhei o desenvolvimento durante todos os encontros. O que se destaca na proposta de criação deste grupo, assim como de outros abaixo descritos, trata-se de sua produção de vídeos e coletas de material, tão semelhante ao trabalho desenvolvido pelos artistas da Arte Sociológica.

O *Coletivo de Arte Sociológica* foi formado em 1974 na França, composto pelos artistas Hervé Fischer, Fred Forest e Jean-Paul Thénot. O grupo tinha por objetivo aproximar artistas com posição crítica em relação à arte, seus circuitos de distribuições e representações ideológicas.

O *Coletivo de Arte Sociológica* se abre para todos aqueles que tem como fundamento da prática, a pesquisa e a relação entre arte e sociedade, visando evidenciar os fatos sociais e a elaboração de uma teoria sociológica da arte. O grupo vê a necessidade de formular alguns esclarecimentos conceituais, diferenciando a Arte Sociológica da “arte social” e da “sociologia da arte” e busca nas ciências sociais a dialética que possibilite confrontos entre a teoria, a sua prática e a racionalização desse discurso.

A Arte Sociológica reverte a arte contra si e objetiva elaborar a prática social através dela mesma, sem buscar um dogma, mas sim, uma tomada de consciência desalienante. Busca, ainda, estabelecer uma estrutura dialógica de troca, com engajamento recíproco da responsabilidade de cada um, contra a massificação da sociedade e às atitudes e mentalidades condicionadas por ela, bem como o sistema de valores dessa sociedade e suas ideologias.

Quanto à metodologia do *Coletivo Arte Sociológica*, seu campo de ação se encontra nas relações subjetivas interindividuais, fazendo aparecer a realidade dessas relações, oculta

⁷⁵Foram desenvolvidos trabalhos em todas as turmas de 1º ano do Ensino Médio neste escola, no entanto, serão apresentadas apenas as propostas desenvolvidas na Turma 2 e, de outras turmas, aquelas escolhidas para exposição pelos estudantes envolvidos no projeto por meio de voto.

⁷⁶*YouTube* é um site que permite que os seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital.

pela ideologia dominante e realizando uma “combinatória desviante” dos elementos culturais reais. “Questionamentos, debates, dinamizações, perturbações dos circuitos de comunicação afirmativos, provocações, recusas, ficções críticas, anti-instituições podem constituir esta prática transformadora” (FREIRE, p. 37, 2012).

A proposta de criação no ciberespaço também se aproxima dos princípios deste coletivo uma vez que negam os meios de comunicação institucionalizados, como revistas de museus e criam sua própria rede marginal de informação, de encontro com poderes políticos e econômicos.

O Coletivo se dissolveu em 1977, mas neste tempo publicou alguns manifestos, dos quais destaco o *Por uma prática artística sociopedagógica*, de 1972. Neste manifesto, encontrado na publicação de Freire (2012), Hervé Fischer afirma depender da inserção social do sujeito sua relação com a produção artística contemporânea e, deste modo, afirma ser mais sagaz uma interpretação sociológica da arte, além de uma interpretação estética. Afirma também ter a arte uma função social como manifestação libertária e que deve suscitar em interrogação/ruptura do seu caráter tradicional.

Personalidade de uma mulher sem medo: trata-se de uma página no Facebook⁷⁷ com publicações de fotos, vídeos e textos produzidos pelo grupo com a finalidade de problematizar a violência contra a mulher. O projeto foi ao ar e teve postagem própria, coerente com o objetivo e proposta. Não precisaram de meu auxílio e produziram material em vídeo durante as aulas, no entanto, o trabalho não apresentou preocupação estética, mas puramente de militância. No momento da apresentação dos trabalhos, comentei com eles o modo como poderiam ter explorado as potencialidades da rede e as questões da imagem, tais como as cores, os movimentos, o ritmo ou a própria inserção das palavras. De um modo geral, preocuparam-se com o desdobramento da temática com uma abordagem jornalística.

⁷⁷ Facebook é um site e serviço de rede social.

Figura 11: Imagem da página “Personalidade de uma mulher sem medo”⁷⁸:



Fonte: Própria

3) *Sem título*: O grupo se propôs a criar uma Página no Facebook para discutir diversidade de gênero, no entanto o grupo não aceitou ser analisado pelo presente projeto.

4) *Mulheres anônimas*: Perfil no *Twitter*⁷⁹ com frases sobre o cotidiano das mulheres. Este se desdobrou em um perfil na rede para discutir a igualdade, o empoderamento e os papéis de gênero em relação às mulheres. O grupo não precisou do meu auxílio, no entanto, não trabalhou durante as aulas, mas em casa.

Observo que, em relação ao projeto, o trabalho do grupo perdeu sua potência. Muito próximos de explorarem as potências da rede social, pouco promoveram a troca de materiais ou a ação *on-line*, dedicaram-se apenas a fazer algumas poucas postagens sobre o tema “mulheres” (até mesmo estereotipadas).

A proposta deste grupo ao utilizar o *Twitter* poderia ter tomado os caminhos da arte postal virtual, como a *Tweet Art* de Hervé Fischer (FREIRE, 2012), por onde o artista veicula suas imagens e mensagens de crítica à arte.

⁷⁸ Acesse em: <https://www.facebook.com/Personalidade-de-uma-Mulher-sem-Medo-787766171333253/?fref=ts>

⁷⁹ Twitter é uma rede social e um servidor para microblogging, como um *blog* de poucos caracteres por postagem.

Acerca da Arte Postal, vale retomar as ideias de Home (2004) de que, devido às agitações políticas durante os anos 1960, muitos *trabalhadores culturais* afastaram-se da produção de objetos de arte e se moveram na direção da não-arte. A *mail art* desenvolveu-se a partir desse contexto libertador. Os trabalhos do grupo consistem dentre outros trabalhos, de cartas acompanhadas por rabiscos, desenhos e carimbos. O sistema postal era utilizado para fins estéticos: Cartões postais e envelopes eram cobertos por carimbos e selos dos “artistas” (que não substituíam os oficiais). Esses trabalhos subvertiam o sistema postal e o cotidiano dos carteiros além de promover a troca de ideias entre os *trabalhadores culturais*. Essa tendência era alimentada pelo crescimento da arte conceitual e performática e tem seu crescimento ligado à expansão do ensino superior durante os anos 1950 e 1960.

Para Home (2004) *mail art* por ela mesma não pode ser considerada arte, sua rede é democrática e opõe-se ao elitismo da arte (enquanto definição da classe dominante). Alguns de seus integrantes percebem conexões expoentes entre os ideais e linhas de pensamento entre o Dadaísmo, o Fluxus e a *Mail Art*, encarando-a como um desenvolvimento do primeiro.

Figura 12: Imagem de *Mulheres Anônimas*⁸⁰



Fonte: Própria

⁸⁰ Acesse em: https://twitter.com/MulherAnonima_

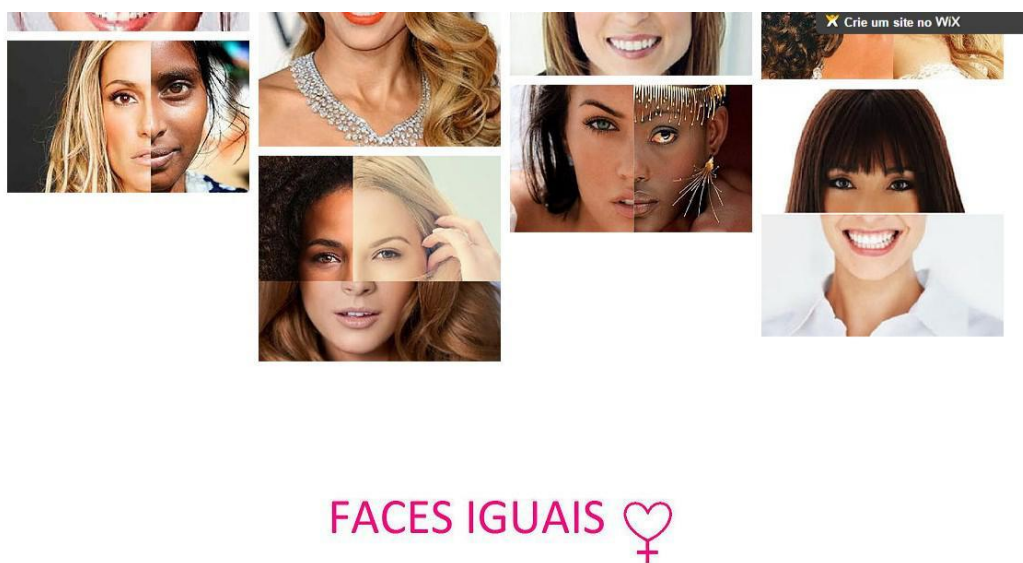
5) *Sem título*: este projeto se tratava de uma página sobre violência contra a mulher no *Facebook*, no entanto, o grupo não desenvolveu seu trabalho durante as aulas e não entregou material algum no dia da apresentação.

6) *Faces Iguais*⁸¹: este projeto se trata de um *site* com montagem para compor rostos com fotografias de diferentes mulheres para discutir a igualdade entre elas. O desenvolvimento deste trabalho iniciou com atraso, no entanto, por meio de rede social, auxiliei as estudantes na criação de sua proposta.

A dupla de estudantes F criou as montagens com muito cuidado, de modo que embora compostos por faces diferentes, há uma notável preocupação em manter determinadas expressões e a harmonia entre as imagens justapostas.

A abordagem da temática escolhida pelas estudantes também se destaca por serem as únicas que se preocuparam com as questões étnicas e raciais atravessadas pelas questões de gênero, o que demonstra a diversidade de possibilidades promovidas por esta discussão.

Figura 13: Imagem de *Faces Iguais*⁸²:



Fonte: Própria

⁸¹ Para saber mais sobre este trabalho, acesso o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=dkxkaBMSImw>

⁸² Acesse em: <http://camilabelo4.wix.com/facesiguais>

No restante das turmas, menciono apenas os projetos aprovados pelos estudantes para exposição itinerante:

1) *Empodere suas Amélias*: uma página no *Youtube* com o objetivo de publicar com teor humorístico para dublar músicas acerca do machismo e as comentar. Este grupo precisou de auxílio para criação da página, a qual fizemos em sala e na edição do vídeo, para inserção de elementos tais como: efeitos, músicas, etc. A criação destas estudantes está intimamente contaminada pelas relações recentes estabelecidas entre a sociedade e esta rede social, de onde emergem até mesmo novas profissões, como os *youtubers*⁸³.

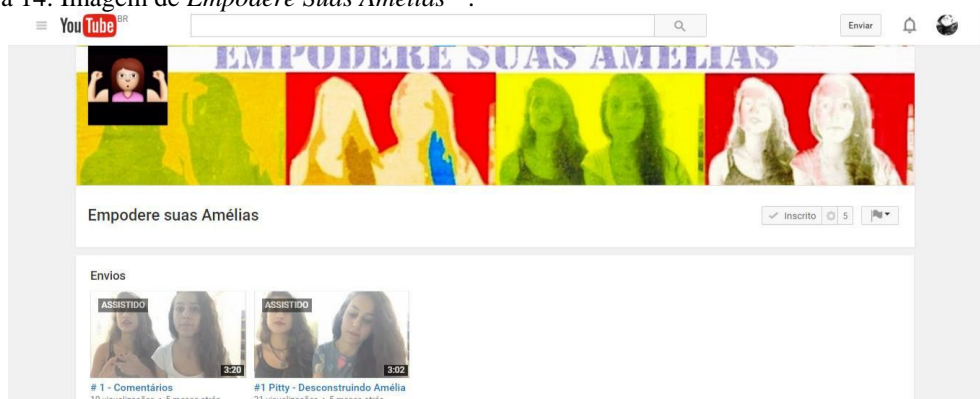
Assim como outros grupos, as adolescentes produziram seu material de vídeo durante a aula, especificamente no espaço da biblioteca, mas não sabiam criar o canal (cadastro) no *site*, momento no qual as auxiliei.

Nesta produção identifico profunda influência dos trabalhos de Erica Scourti, também analisada nas aulas iniciais do projeto junto ao grande grupo. Erica utiliza as redes sociais populares para desenvolver seus projetos, os quais se pautam em discussões banais de seu cotidiano, como as palavras sugeridas a ela em anúncios da internet.

Considero que a preocupação das estudantes estava acerca da abordagem do tema, mas além do compromisso na disciplina para uma forma na qual se reconhecessem e identificassem.

A música escolhida para a primeira (e única) série de vídeos é “Desconstruindo Amélia”, da banda brasileira de roque *Pitty* uma releitura da música de Mário Lago e Ataulfo Alves “Ai, que saudade da Amélia”. *Pitty*, assim como as estudantes, se propõe a desconstruir e questionar os papéis determinados para a “mulher de verdade”.

Figura 14: Imagem de *Empodere Suas Amélias*⁸⁴:



Fonte: Própria

⁸³ Pessoas que publicam vídeos sobre determinado assunto e para tanto são patrocinadas por empresas.

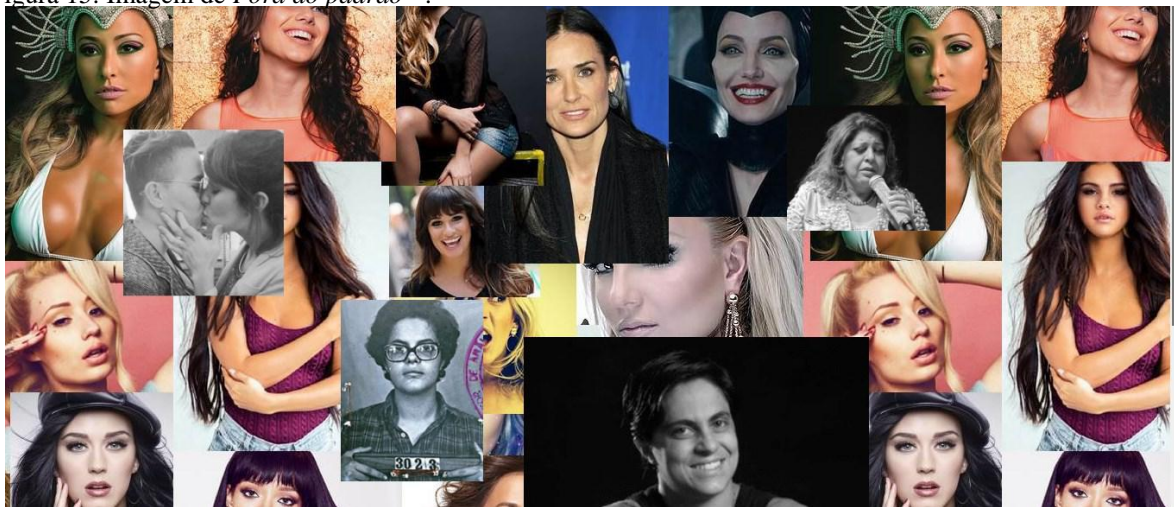
⁸⁴ <https://www.youtube.com/channel/UC-g9QN7kXk8ct1Y07DavEXA>

2) *Sem título* (Fora do Padrão)⁸⁵: Trata-se de um *site* com *gifs*⁸⁶ e imagens que discutem o padrão de beleza, orientação sexual e papéis de gênero acerca das mulheres famosas. Estes estudantes salvaram as imagens com as quais gostariam de trabalhar, mas precisei criar as *gifs* para que então os auxiliasse a criar o *site*.

O que destaque neste processo de criação foi a atenção na escolha das imagens por parte dos estudantes e seu cuidado em estabelecer um contraste entre as fotografias coloridas (mulheres que se encaixam nos padrões) e a escala de cinza (as mulheres fora do padrão), o que nos possibilita identificar uma dicotomia estabelecida entre aqueles sujeitos percebidos e os escondidos pela/na sociedade. É importante salientar, ainda, a escolha do grupo em explorar a possibilidade do movimento entre as imagens e as palavras, criado pela inserção de *gifs* na página criada.

As palavras articuladas às imagens, assim como a utilização das cores em contraste e, principalmente, a escolha pelo movimento se assemelham ao trabalho *Center of the universe*⁸⁷, de Olia Lialina, exibido nas primeiras aulas do projeto.

Figura 15: Imagem de *Fora do padrão*⁸⁸:



Fonte: Própria

⁸⁵ Este será o nome dado ao trabalho, para melhor identificação, durante o texto.

⁸⁶ Um formato de imagem comumente usado na internet para breves animações.

⁸⁷ Trabalho já mencionado no texto. Acesso em: <http://art.teleportacia.org/#CenterOfTheUniverse>

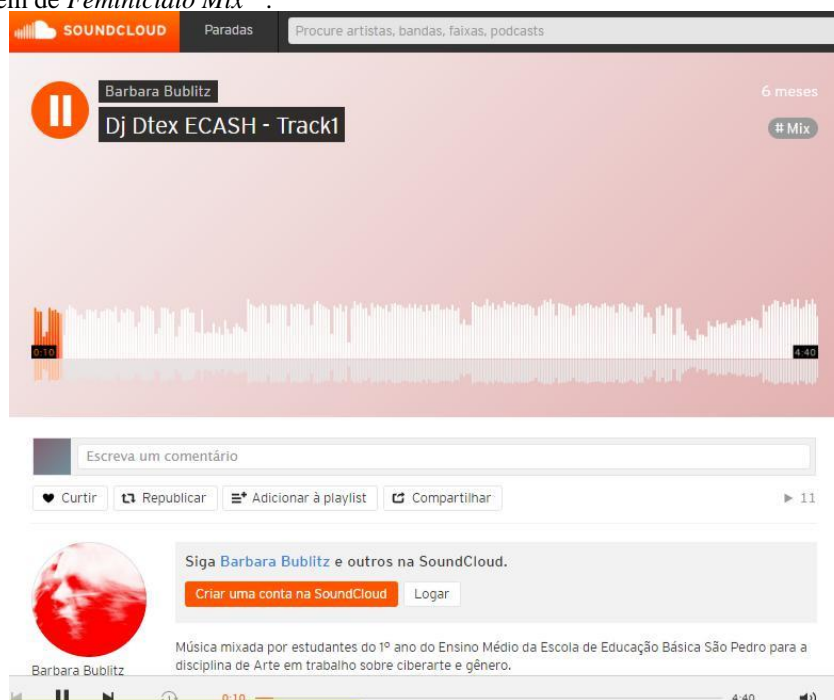
⁸⁸ <http://mulheresidolos.wix.com/mulherpadrao>

3) *Sem título* (Feminicídio Mix)⁸⁹: este projeto partiu do interesse e das habilidades de um grupo de estudantes M que, durante as aulas, não desenvolviam a proposta de ciberarte (pensaram inicialmente em produzir um vídeo com fotografias) para mixar sons no celular. Optei por estimular o grupo a explorar as potencialidades do aplicativo que tanto lhes agradava para desenvolverem o trabalho e “não ficarem sem nota”. No entanto, os estudantes fizeram um pouco mais: preocuparam-se em como articular a temática com a mixagem de sons e tiveram a ideia de sobrepor à uma música, alguma notícia acerca do tema. Extraí, nesta etapa, o áudio de algumas notícias relacionadas às mulheres de vídeos disponíveis na internet e passei aos estudantes, que escolheram uma relacionada ao feminicídio⁹⁰.

Ainda que o grupo pouco tenha se preocupado com a abordagem temática, evidencio a preocupação destes em criar um *mix* que explore as potencialidades do som, como o peso da música sobreposto ao peso da notícia.

Estes estudantes, que se intitularam *DJ Dtex ECASH* (um nome que já utilizavam em seus grupos sociais), precisaram de auxílio apenas para hospedar o *mix* produzido na internet na internet e escolheram o *SoundCloud*⁹¹ como plataforma.

Figura 16: Imagem de *Feminicídio Mix*⁹²:



Fonte: Própria

⁸⁹ Este será o nome dado ao trabalho, para melhor identificação, durante o texto.

⁹⁰ Formas de violência cometidas a mulher ao abusar de sua vulnerabilidade.

⁹¹ SoundCloud é uma plataforma *online* de publicação de áudio.

⁹² Acesse em: <https://soundcloud.com/barbara-bublitz/dj-dtex-ecash-track1>

4) *Sem título* (Poder)⁹³: este grupo projetou um *site* para ligar imagens digitais de desenhos que discutem o poder das mulheres na sua perspectiva, o que configura uma galeria virtual que explora a estrutura em *hyperlink*: uma organização não sequencial de *links* entre janelas que são conectadas de acordo com a leitura do navegador e suas escolhas.

Os botões escolhidos pelos estudantes (palavras que, ao clicar, nos direcionam para outro desenho), estão relacionadas ao que levou os estudantes a escolherem a próxima imagem que virá. Este grupo optou por uma abordagem que potencializa a leitura para além das questões de gênero. Sua galeria virtual nos possibilita pensar sobre as pessoas, sobre as sombras, as responsabilidades, a liberdade e sobre os pensamentos humanos.

O mistério do trabalho referência, ainda que intencionalmente, o trabalho *Jezebel* (2008) de Carla Gannis, exibido nas aulas expositivas deste projeto e já mencionado no texto. Os cenários apresentados por Grannis nos convidam a buscar Jezebel e vestígios de sua presença, assim como os estudantes deste grupo nos instigam a pensar sobre quem são essas pessoas representadas em luz e sombra e o motivo que as coloca em relação uma a outra.

Sobre o processo de produção, evidencio que criamos em sala os desenhos e a estrutura do *site* e elementos como *e-mail* para cadastro, escolha de cores, etc.

Figura 17: Imagem de *Poder*⁹⁴:



Fonte: Própria

⁹³ Este será o nome dado ao trabalho, para melhor identificação, durante o texto.

⁹⁴ Acesse em: <http://gtkdesenho.wix.com/mulherpoder>

5) *Zero SPC*⁹⁵: Este grupo se propôs a criar um mapeamento de *stickers*⁹⁶ que expressam questões de gênero no *Google Maps*, colados pela cidade de Guaramirim. Foi desenvolvido, em sala, apenas o cadastro na internet, a inserção das imagens no *site* e seu mapeamento⁹⁷. Um estudante M⁹⁸ criou os desenhos em casa, os quais digitalizei e imprimi em papel etiqueta. Após este processo, entregamos as imagens para outros integrantes do grupo, os quais colaram e fotografaram os *stickers* pela cidade.

O estudante M que desenvolveu os desenhos se mostrou um orientador e líder do grupo que, pouco se envolveu no trabalho para além de colar 4 *stickers* e fotografá-los. Definimos, eu e ele, as configurações da página, onde localizar os pontos no mapa, etc.

Acerca desta linha de propostas, cabemos que, com a internet e os desdobramentos das tecnologias emergentes, as manifestações criativas humanas alcançaram também um estado desmaterializado. Projetos virtuais como os deste estudante articulam sujeitos em uma rede intangível que promove subversões nos meios de comunicação e criação.

Neste contexto, uma série de trabalhos são ligados às questões sociais, como faz o artista espanhol Antoni Abad que, no caminho de diluição dos territórios e dos corpos, cria *Zexe*⁹⁹, um trabalho com base nos registros cotidianos de grupos minoritários (vídeos, textos, áudios e imagens), obtidos por celulares com máquina fotográfica e disseminados por uma plataforma na internet.

Os grupos marginalizados, escolhidos pelo artista, são compostos por desabrigados na Colômbia, motociclistas em São Paulo, trabalhadores imigrantes da Nicarágua na Costa Rica, taxistas no México, profissionais do sexo em Madrid, entre outros. Para cada grupo há um canal na plataforma virtual, como uma página específica. Para os profissionais do sexo em Madrid há o canal *Invisible19* com fotos tiradas pelo próprio grupo.

O *site*, embora possa ser acessado por meio do endereço *zexe.net*, é automaticamente transferido para *megafone.net*, o que nos possibilita esperar um ambiente aberto para a fala. *Zexe* é subdividido em canais para que as imagens sejam agrupadas de acordo com os desejos do navegador. Estes canais são acessados por palavras-chave como “seres” e “objetos”.

Abad abre espaço a grupos estigmatizados e torna os registros do cotidiano destes sujeitos acessíveis para todos os dispositivos conectáveis a internet, o que abarca uma rede

⁹⁵Para saber mais sobre o processo de criação deste trabalho, acesse o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=2-qPukKwkIE>

⁹⁶Adesivos utilizados para interferir nos espaços e superfícies.

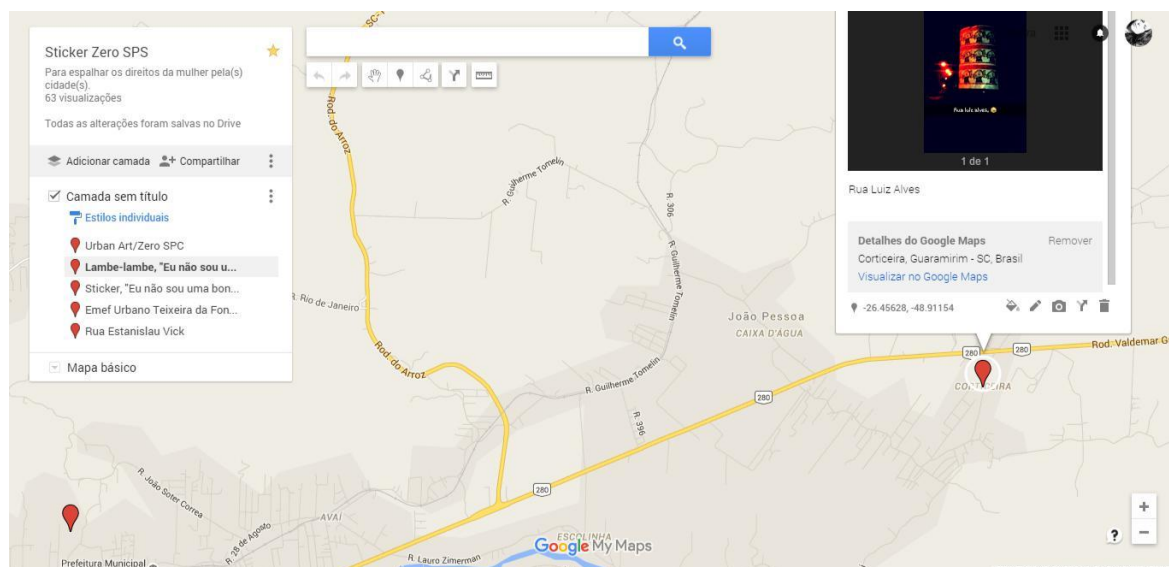
⁹⁷Como professora, tenho acesso, em meu computador, à rede sem fio de internet. Os estudantes, no entanto, utilizam a internet à cabo na sala de informática, conectada apenas nos computadores da escola.

⁹⁸Este estudante será chamado de *Zero* durante o texto.

⁹⁹<http://megafone.net/site/index>

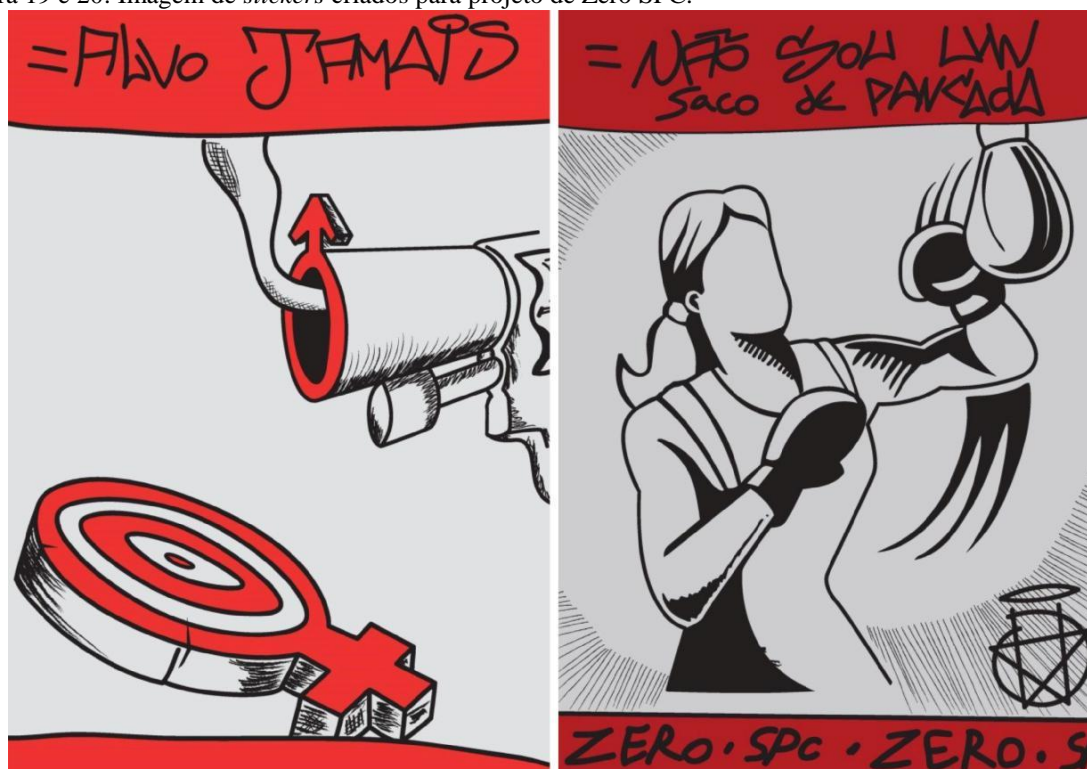
global. Entre as publicações são encontradas imagens de ursos de pelúcia, pratos de comida, eventos, pessoas, ruas, paisagens, autorretratos, manifestações, entre outras. São pessoas e lugares comuns que se autorreferenciam e expressam suas opiniões.

Figura 18: Imagem de Zero SPC¹⁰⁰:



Fonte: Própria

Figura 19 e 20: Imagem de *stickers* criados para projeto de Zero SPC.



Fonte: Própria

¹⁰⁰ Acesse em:

https://www.google.com/maps/d/edit?mid=zf7S1jDcD3ss.kc_BWgTfykec

Figura 21 – Imagem de *sticker* mapeado no projeto Zero SPC



Fonte: Própria

6) *Cotidiano das mulheres*¹⁰¹: trata-se de um projeto de grupo no *Whats App*¹⁰² com o objetivo de compartilhar fotografias de registros do cotidiano das mulheres na perspectiva de valorização e empoderamento. Este grupo não precisou de auxílio e produziu grande parte das fotografias com seus celulares na própria escola, o que promoveu uma marca de resistência em relação à proibição do celular em detrimento de uma educação para a utilização correta desta ferramenta. Precisaram, apenas, de minha mediação com a direção para autorização de uso do equipamento.

Destaco, deste projeto, a discussão que possibilitou promover sobre a ética da imagem. Os estudantes se depararam com várias situações que os fizeram pensar: posso fotografar alguém sem avisar? Posso fotografar os funcionários da escola em horário de trabalho? Posso fotografar a professora? E minhas colegas?

Além da ética, questões estéticas e temáticas também cabe mencionar. Em conversas no grupo do *Whats*, os próprios estudantes ao se depararem com as imagens enviadas pelos colegas, questionaram uns aos outros: devemos produzir só imagens de mulheres

¹⁰¹

Para saber mais sobre este trabalho, acesse o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Vb86JzKerZ8>

¹⁰²

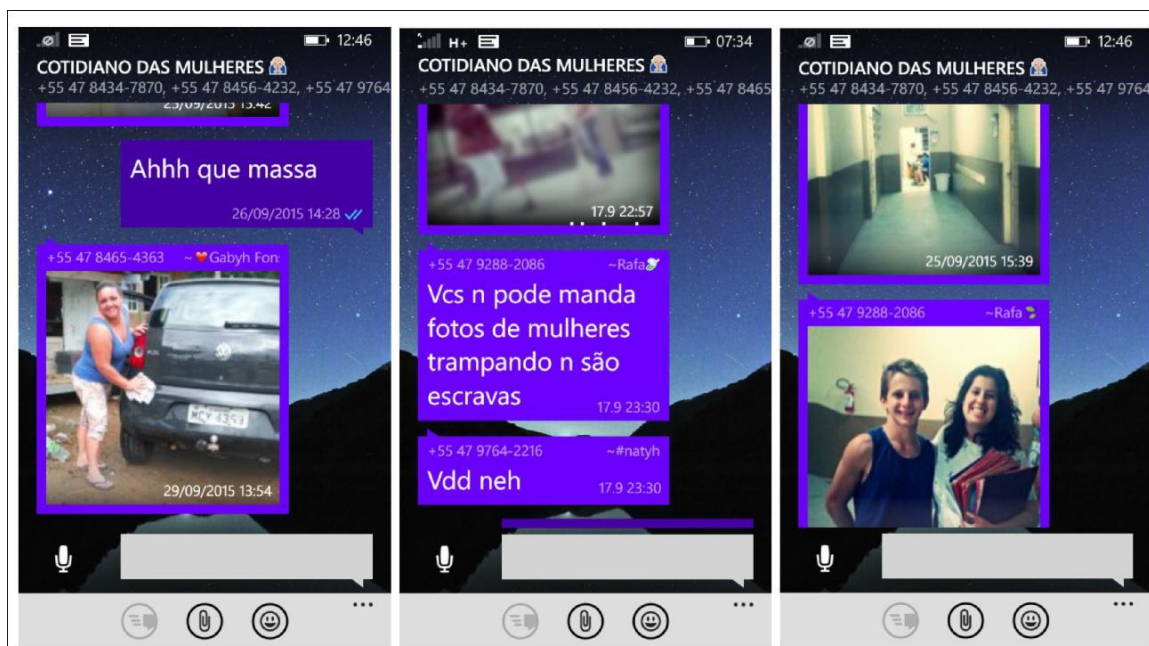
O *WhatsApp* é um aplicativo gratuito para a troca de mensagens.

trabalhando? Mas essas imagens representam as mulheres? Depois destas questões, o grupo mudou seu repertório de registro para imagens de valorização da realidade e não apenas de crítica.

De todos os grupos organizados, este se mostrou o mais horizontal, de modo que todos os integrantes tiveram praticamente a mesma participação: enviar seus registros.

O Cotidiano das Mulheres se desdobrou em uma proposta para a participação do público. O convite foi realizado por meio de vídeo publicado na internet sobre seu trabalho¹⁰³. Acerca de seu potencial de interatividade vale lembrar que este é um dos adjetivos mais presentes no campo da arte digital, uma vez que requer a participação ativa do observador para se realizar.

Figuras 22: Imagem de *Cotidiano das Mulheres*:



Fonte: Própria

¹⁰³ Acesse em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vb86JzKerZ8>

7) *Cort Crew*¹⁰⁴: este trabalho foi liderado por uma estudante F, a qual organizou um grupo de dança composto por meninas (não exclusivamente, mas majoritariamente) e produziu registros em vídeo para expor na internet seu desdobramento e ensaios. A estudante precisou de auxílio para a gravação dos vídeos e para a criação do *site*. O material para a produção dos vídeos foi produzido durante as aulas de Arte e durante aulas de outras disciplinas, conforme cronograma criado para ensaio do grupo por duas semanas. O trabalho virtual, como a hospedagem dos vídeos e configuração do *site* foi parte do trabalho produzida fora do horário da aula, no intervalo do período vespertino para o noturno, no espaço da escola, em 2 reuniões com a estudante.

A proposta resultou em uma instalação virtual e, embora pensada para que todos os vídeos fossem vistos simultaneamente, a visita do navegador não é determinada por nenhum aviso ou orientação, o que resulta em uma multiplicidade de possibilidades para experimentar este trabalho e o coloca além da perspectiva de um “vídeo hospedado na internet para ser assistido pelo maior número de pessoas possível”, tão presente nas relações destes estudantes.

O grupo se dissipou quando os ensaios passaram a ser realizados fora do horário de aula e, aos poucos, não ocorreram mais. Os registros, no entanto, nos possibilitam perceber o poder da organização dos estudantes, quando esta oportunidade lhes é dada.

Observe, enquanto navegadora, que a bagunça de sons e imagens proporcionada por esta instalação virtual exibe a desordem natural dos planos e metas que precisam ser desviadas ou fogem do controle. Além de uma experiência estética, Cort Crew foi para estas estudantes uma experiência de vida.

¹⁰⁴ Para saber mais do processo de criação deste trabalho, acesse o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=BLQcxzmRuVQ>

Figura 23: Imagem de *Cort Crew*¹⁰⁵:



Fonte: Própria

Para concluir minhas impressões, retomo Vázquez, quem afirma que para Karl Marx a arte se trata de uma assimilação do mundo, um prolongamento do sujeito. O autor coloca:

“A arte e o trabalho se assemelham, pois, mediante sua comum ligação com a essência humana; isto é, por ser a atividade criadora mediante a qual o homem produz objetos que o expressam, que falam dele e por ele.”
(VÁZQUEZ, 2011, p.61).

Nesta perspectiva, o ser humano age sobre a natureza por meio da criação material. Esta criação se dá pela necessidade do homem de se afirmar como tal. O ser humano que cria o faz em relação às suas necessidades de transcender a natureza imediata – necessidades estas que, por sua vez, dão-se de modo distinto em cada relação estabelecida do homem com o mundo. A relação estética do homem com a sociedade, por exemplo, explicita a potência de sua subjetividade e as forças humanas essenciais de um ser social.

Embora o foco nas questões sociais seja intensamente presente nesta proposta pedagógica, parto da ideia, junto a Vázquez (2011) que, enquanto seres sociais, nossas relações estéticas possuem caráter social por sua origem e desenvolvimento. Somos sujeitos que entramos em relação com a natureza, nosso meio, através de outros sujeitos e isto não pode ser ignorado.

Ainda que criemos objetos a fim de expressar neles nossa essência humana, o objeto da subjetividade humana (o trabalho de arte), torna-se um sujeito que sobrevive a seu criador. Neste ponto destaco: ainda que a proposição temática desenhe certos limites na produção dos

¹⁰⁵ Acesse em: <http://cortcrew.wix.com/cortcrew#!cortcrew-v-deo-ciber-arte/ozsxp>

estudantes, seus trabalhos possibilitam leituras e experiências estéticas múltiplas, a considerar o repertório estético e ideológico do público que os visitou. Especificamente no ciberespaço, Vázquez considera que a arte, em nossa época e em relação aos meios de comunicação (como o computador), cumpre sua função social de novos modos, ao ampliar o público e estabelecer laços “de uma extensão e diversidade que o artista de outrora jamais poderia imaginar” (VÁZQUEZ, 2011, p. 225).

Acerca do valor estético destas e de outras produções estéticas, enquanto produtos históricos, Vázquez (2011) ainda considera que a beleza não se funda unicamente nas questões materiais, mas também e fundamentalmente em suas relações com as pessoas.

3.2.3. Etapa 3: “Olhares em trânsito – Experimentos expositivos na escola”:

Dentre todos os trabalhos produzidos durante o projeto na internet ou a ela articulados, foram eleitos apenas 8 projetos para fazer parte da exposição coletiva em rede sob o título “Olhares em trânsito – Experimentos expositivos na escola” que partiu, no mês de março de 2016, para a Escola Estadual em Guaramirim, onde chegou dia 21 de março de 2016. A eleição dos trabalhos ocorreu por meio da exibição, para todas as turmas, dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes envolvidos no projeto. Os estudantes, deste modo, selecionaram quais trabalhos gostariam que participasse da exposição para representar a escola e quais não gostariam. Foram selecionados para a exposição os trabalhos descritos anteriormente: *Faces Iguais*, *Cort Crew*, *Empodere Suas Amélias*, *Fora do Padrão*, *Feminicídio Mix*, *Poder*, *Zero SPC* e *Cotidiano das mulheres*.

A seguir, explicitarei o cotidiano deste processo, desde a pré-produção à desmontagem, em diário escrito dia a dia por mim:

01/03/2016 - Reunião de sondagem:

A organização da exposição (na escola) iniciou no fim do mês de fevereiro, quando iniciaram as aulas. Busquei, nesta etapa, retomar o contato perdido com os estudantes do período noturno, haja vista que não trabalho mais com eles ou sequer neste horário.

Por aplicativos de rede social foi marcado o primeiro encontro e formado um grupo com os estudantes criadores dos trabalhos eleitos para a exposição¹⁰⁶, com a finalidade de

¹⁰⁶ Os trabalhos foram eleitos pelas turmas envolvidas no projeto no ano de 2015.

resolvermos questões da exposição com os estudantes que, futuramente, se envolveriam comigo na organização do evento.

Estiveram presentes na primeira reunião dois estudantes. Um deles, o qual chamarei de Zero, ficou responsável por organizar a curadoria. Neste dia foram divulgadas as datas e decididas as funções de cada um, assim como explicitados os objetivos e a origem do projeto.

Este encontro levou cerca de 30 minutos e ocorreu entre o período vespertino e o noturno.

21/03/2016 – 1ª reunião de pré-produção:

Para a organização das ações de pré-produção, foram enviados bilhetes para os estudantes solicitando que marcassem os dias e horários que poderiam nos ajudar com a exposição. Montamos, a partir destas informações, um grupo de 7 estudantes, dos quais: 1 organizou o ateliê, 2 organizaram a curadoria e 4 fizeram a mediação e o registro do evento.

Esta primeira reunião aconteceu das 13h às 15h30 e estiveram presentes 3 estudantes: Zero, organizador do ateliê e da curadoria junto à Vinicius e Karina, estudantes que organizaram, respectivamente, *Zero SPC*, *Feminicídio Mix* e *Cort Crew*¹⁰⁷.

Neste dia, li para os estudantes as orientações que acompanham o Kit Móvel Expositivo e o apresentei a eles. Além disto, vimos as imagens da exposição anterior, organizada em Joinville e de outras, a fim de enriquecer o repertório de possibilidades expositivas na escola.

Após as apresentações iniciais, os estudantes escolheram quais trabalhos seriam expostos, em quais locais da escola e como seriam expostos. Optamos pela seguinte organização:

- Expor as fotografias em dois espaços, dos quais: 1) as de *lightpainting*¹⁰⁸ penduradas em linhas intercaladas que se contrapõem ao fundo do campo de visão e 2) as de objetos cotidianos penduradas em espiral para que sejam vistas frente e verso (relacionadas pelos estudantes de acordo com as semelhanças).

- As gravuras serão expostas amarradas pela escola e unidas no campo visual por barbantes e retalhos de tecidos.

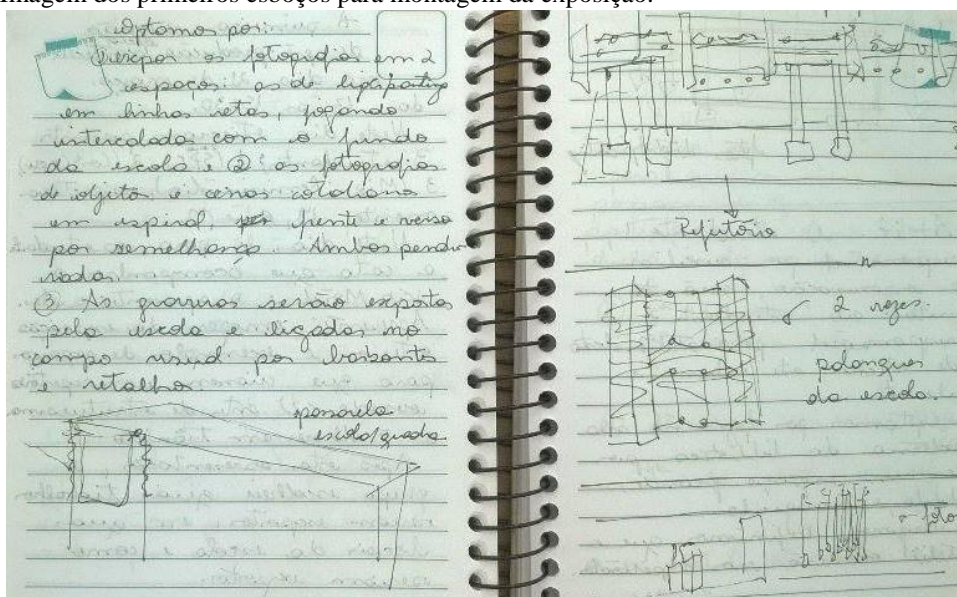
¹⁰⁷ As funções foram escolhidas de acordo com a disponibilidade de dias e horários dos estudantes.

¹⁰⁸ Desenho/Pintura com luz (tradução livre). Trata-se de uma técnica de fotografia para desenhar na imagem com a luz a partir de determinada regulagem na entrada de luz da câmera.

- Os trabalhos de ciberarte serão expostos momentos *offline* em vídeo e momentos *online* por acesso mediado na escada que dá acesso ao segundo andar. Os estudantes responsáveis por organizar a curadoria demonstram interesse em fazer o vídeo projetar nas pessoas e fazer parte da movimentação da escola.

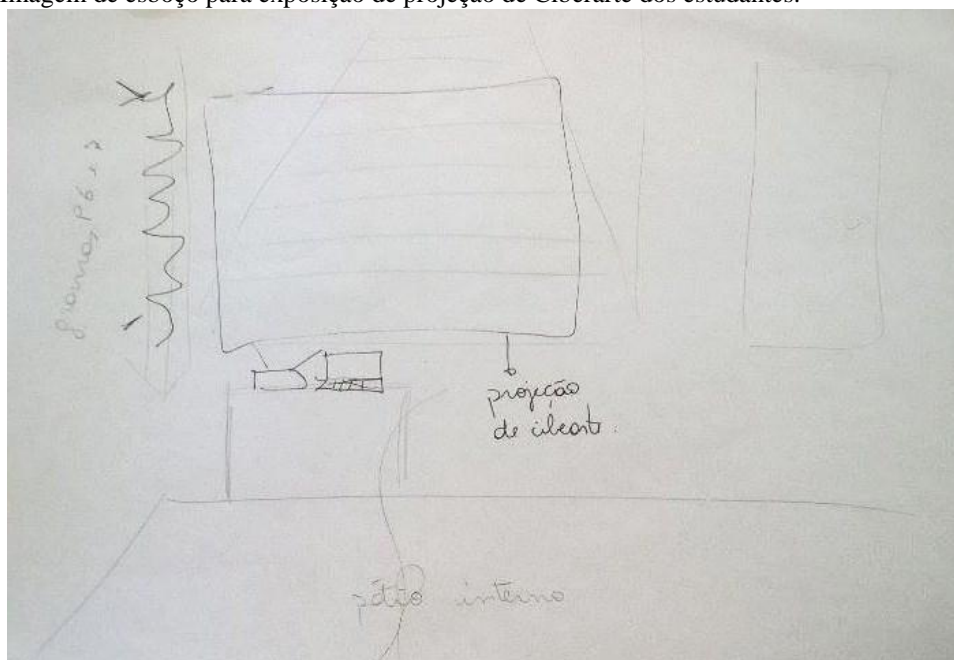
Para melhor compreensão da organização, seguem alguns esboços feitos por mim, junto aos estudantes, durante a pré-produção da exposição (março de 2016):

Figura 24: Imagem dos primeiros esboços para montagem da exposição.



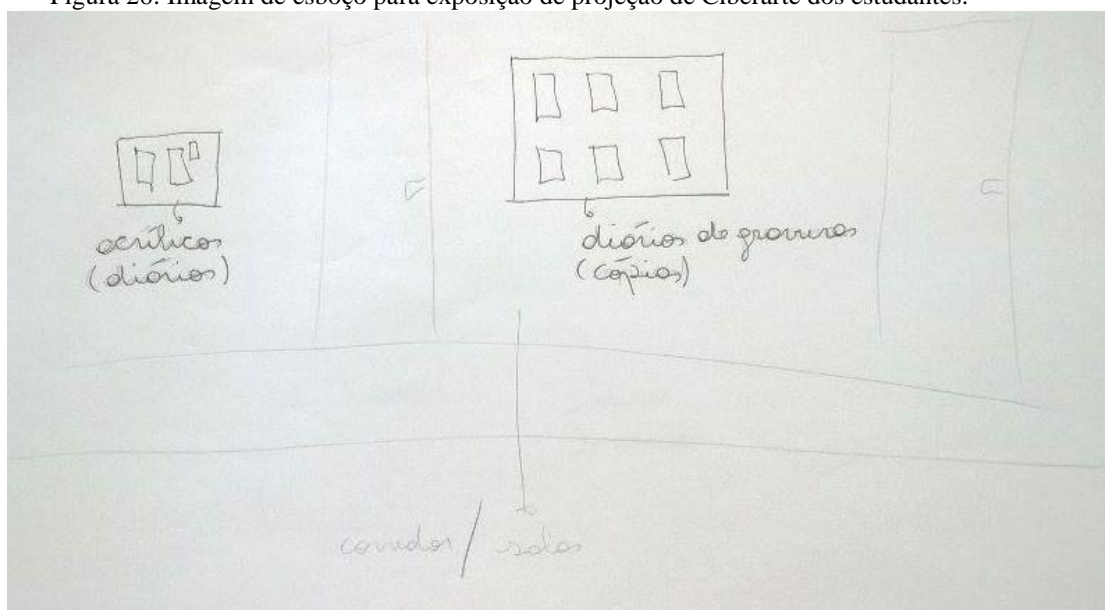
Fonte: Própria

Figura 25: Imagem de esboço para exposição de projeção de Ciberarte dos estudantes.



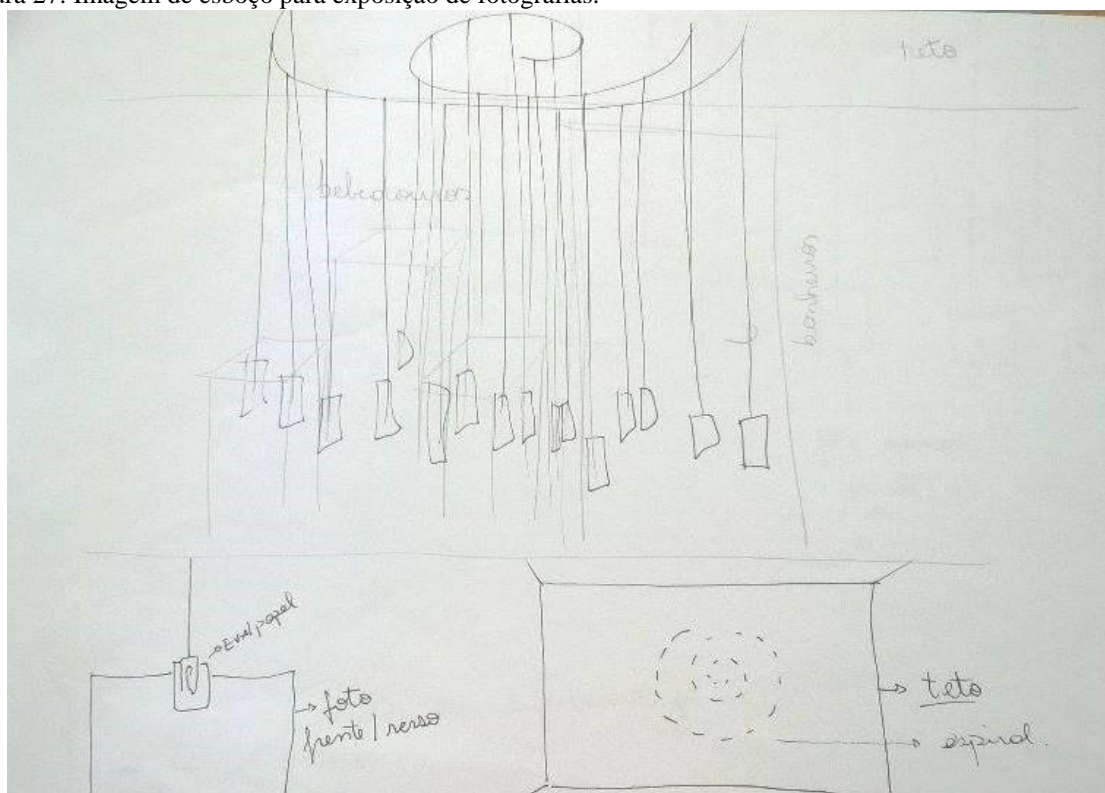
Fonte: Própria

Figura 26: Imagem de esboço para exposição de projeção de Ciberarte dos estudantes.



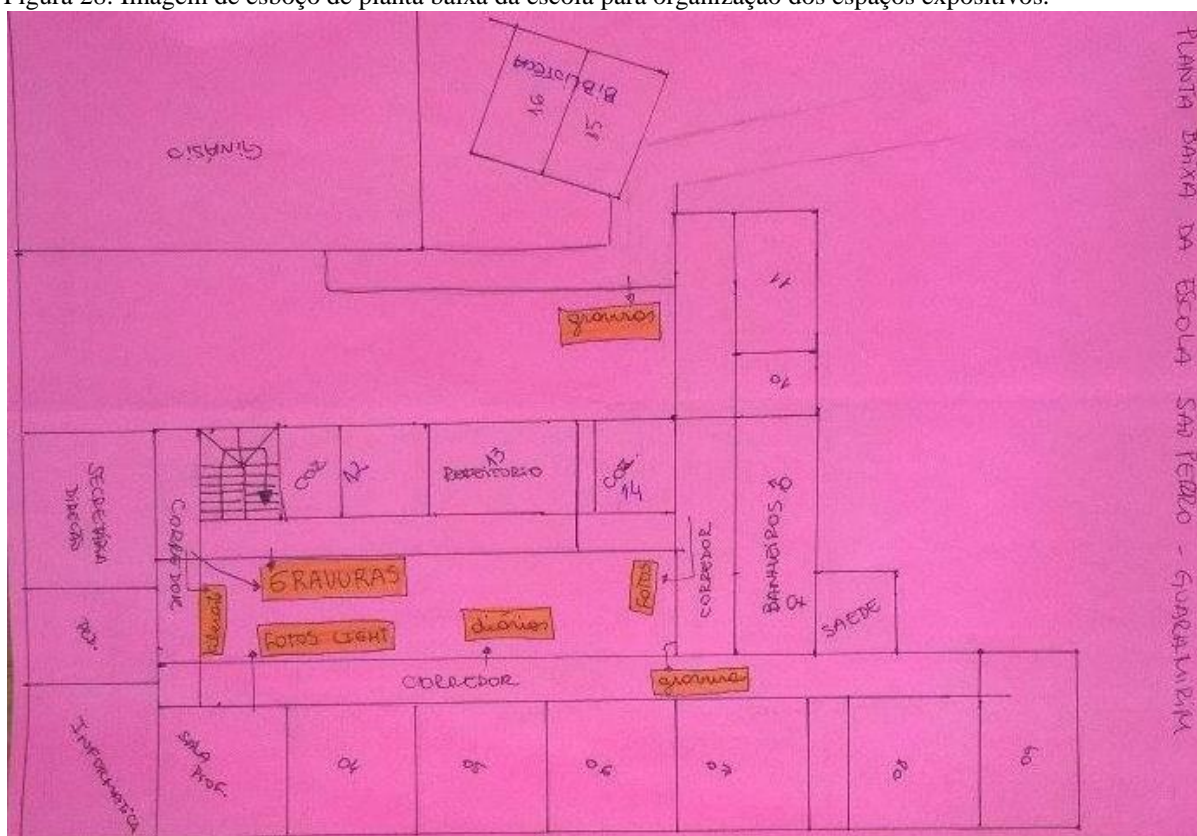
Fonte: Própria

Figura 27: Imagem de esboço para exposição de fotografias.



Fonte: Própria

Figura 28: Imagem de esboço de planta baixa da escola para organização dos espaços expositivos.



Fonte: Própria

Quanto ao ateliê aberto de arte urbana, a organização ficará sob responsabilidade dos estudantes: Zero e Vinicius. Optamos por fazer na área externa da biblioteca por ser um espaço aberto, grande e tranquilo. Definimos que o ateliê ocorrerá durante o dia e à noite, nos seguintes horários:

Recreios	
Matutino: 1 ^a	aula - Professora Barbara Bublitz 2 ^a
	aula - Professora Nívea
	3 ^a aula - Professora Nívea (com possibilidade de atender as séries iniciais)
Vespertino:	1 ^a aula - Professora Barbara Bublitz
	2 ^a aula – Professora Nívea
	3 ^a aula – Professora Nívea
Noturno ¹⁰⁹ :	2 ^a aula – 2º ano 03
	4 ^a aula – 2º ano 04

¹⁰⁹ Estas turmas participaram do projeto ano passado, mas não tem aula de Arte neste dia, então foram agendadas as visitas no horário de outras disciplinas.

Quanto à mediação, ficou definido neste dia que as pessoas responsáveis por esta função (estudantes Karina, Jessica, Ana e Barbara) seriam aproximadoras do público em relação à exposição: ficar pelo espaço da escola a fim de provocar questões, sanar dúvidas e fotografar as pessoas que se prestarem à observar os trabalhos. Para tanto, foi entregue a elas um texto¹¹⁰ contendo as seguintes informações: origem dos trabalhos e do projeto da exposição e a que se propõem cada série de trabalhos exposta.

28/03/2016 – Montagem e abertura:

Encontrei, ao meio dia, a professora Linda na rodoviária de Guaramirim. No período vespertino, fomos à escola, onde encontramos os dois estudantes que puderam nos auxiliar neste horário. Além deles, tivemos a ajuda da professora Céu, que leciona a disciplina de História na escola.

Iniciamos o trabalho com uma conversa para esclarecer à professora Linda algumas questões que ficaram pendentes ou mal compreendidas sobre a organização do evento. Dividimos, posteriormente, as tarefas: os estudantes ficaram responsáveis pela instalação das gravuras – parte por conta da altura onde foram colocadas, parte pelo trabalho de tear feito por eles junto aos tecidos. As professoras ficaram responsáveis pela instalação das fotografias.

Levamos toda a tarde para montar a exposição e, ainda que já desenhada, algumas mudanças foram necessárias, como o lugar das fotografias e a altura de algumas gravuras. Estas mudanças foram feitas em decorrência do resultado não ter saído conforme esperado e não valorizado os trabalhos nos espaços e configuração de instalação prevista.

As fotografias de *lightpainting* mudaram de local e passaram a ser pregadas no mural próximo às outras fotografias. As gravuras, por outro lado, ao invés de serem penduradas do primeiro andar para baixo, foram fixadas conforme a foto:

¹¹⁰ Apêndice H.

Figura 29: Exposição de fotografias. Fixadas no mural as fotografias de *lightpainting*.



Fonte: Própria

Aproximadamente às 17h, quando a aula terminou, instalamos o *datashow* e o tecido onde seriam projetados os trabalhos de ciberarte, deslocado apenas um pouco para acima do que havíamos previsto, uma vez que a luz do dia prejudicou demasiadamente a nitidez da imagem.

Neste dia, conversei com as professoras de Arte, convidando-as para participarem tanto do ateliê quanto para visitarem a exposição e conversarem a respeito com seus estudantes.

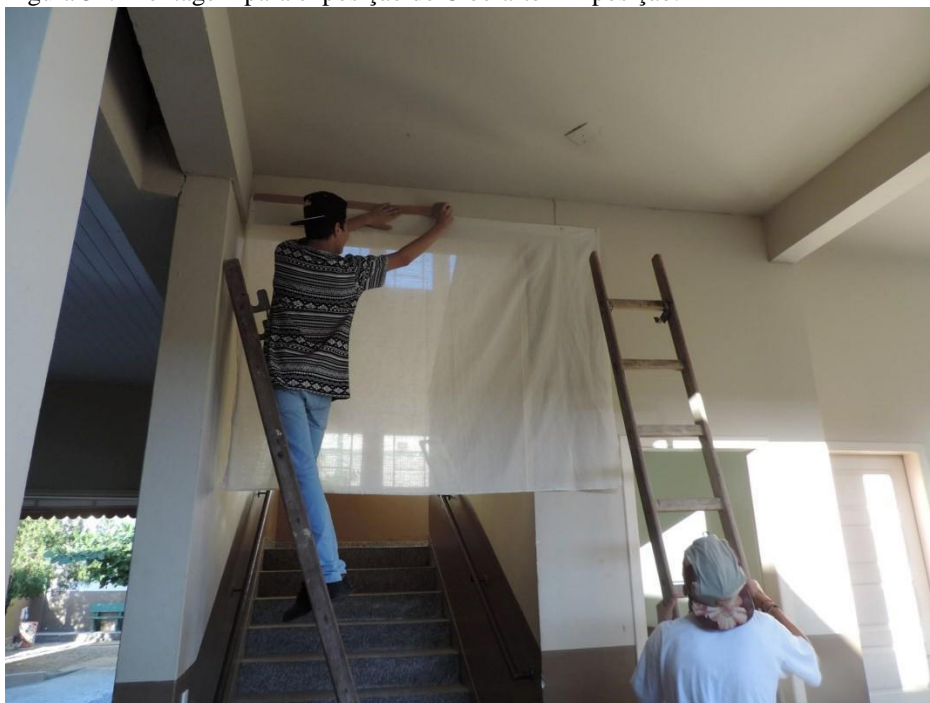
No intervalo do período vespertino para o noturno, levei à professora Linda à rodoviária e retornei à escola para acompanhar a primeira noite da exposição aberta e conversar com os estudantes a respeito dos trabalhos.

Figura 30: Dia da montagem. Exposição das gravuras no piso superior da escola.



Fonte: Própria

Figura 31: Montagem para exposição de Ciberarte - 1ª posição.



Fonte: Própria

Figura 32: Parte da equipe responsável pela montagem.



Fonte: Própria

29/03/2016 - Exposição / Ateliê aberto:

O ateliê aberto de arte urbana aconteceu durante os três períodos. Os agendamentos pensados na semana de pré-produção sofreram pequenas alterações. A comunidade escolar foi atendida, especialmente, nas aulas de Arte das 3 professoras que lecionam nesta unidade escolar. O ateliê também ficou aberto antes de iniciar a aula, enquanto os estudantes chegam e durante o intervalo para recreio.

Destaco, desta etapa do evento, a possibilidade de atendermos as séries iniciais e poder articular sua expressividade com a dos adolescentes, provocando uma troca entre os estudantes.

Durante o dia, propusemos a criação de *stickers* que marcassem a identidade destes estudantes no evento em questão, a fim de colar em murais, conforme as fotografias:

Figura 33: Imagem de ateliê aberto no período diurno para criação de stickers



Fonte: Própria

Figura 34: Imagem de murais feitos com *stickers* e *lambes*.



Fonte: Própria

No período noturno já não havia mais folha adesiva para atender os estudantes, então alteramos a proposta para *lambe-lambe*¹¹¹, na mesma perspectiva do *sticker*.

¹¹¹ Lambe-lambe é uma técnica de arte urbana com base na fixação de pôsteres/folhas com uma mistura de cola com outros ingredientes populares.

Quanto aos murais desenvolvidos, ficaram expostos no ateliê, uma vez que eram trabalhos em progresso e estariam apenas prontos com a finalização do evento. Ainda não sabemos exatamente como e onde expor estes murais, mas os estudantes responsáveis pelo ateliê objetivam articular estes murais com o trabalho de tecidos que fizeram nesta edição da exposição nas próximas semanas.

Os estudantes responsáveis pelo ateliê passaram o dia desenvolvendo atividades artísticas, atendendo estudantes, ouvindo música, conversando e ajudando no que fosse necessário.

No que diz respeito aos trabalhos de ciberarte produzidos pelos estudantes desta escola, o local de exposição foi alterado durante o dia e 2 vezes por conta da luminosidade. No entanto, como estes trabalhos são, em sua maioria, desenvolvidos para que as pessoas os acessem, conversamos com as turmas para que fiquem atentos aos *links e qr-codes*¹¹² disponibilizados tanto nas etiquetas quanto no vídeo de créditos exibido junto aos trabalhos durante a exposição. Deste modo, os trabalhos podem tomar outros desdobramentos fora do espaço escolar e em sua dimensão real: a virtual.

Observei que os estudantes participantes do projeto, os quais apareceram na projeção, ficaram extremamente orgulhosos de si e, alguns, teceram até mesmo comentários sobre prosseguir com o trabalho, como é o caso das estudantes de *Empodere suas Amélias*.

Figura 35: Imagem de exposição das gravuras.



Fonte: Própria

¹¹² Uma espécie de código de barras.

Figura 36: Imagem de exposição das gravuras.



Fonte: Própria

Figura 37: Imagem de exposição das gravuras.



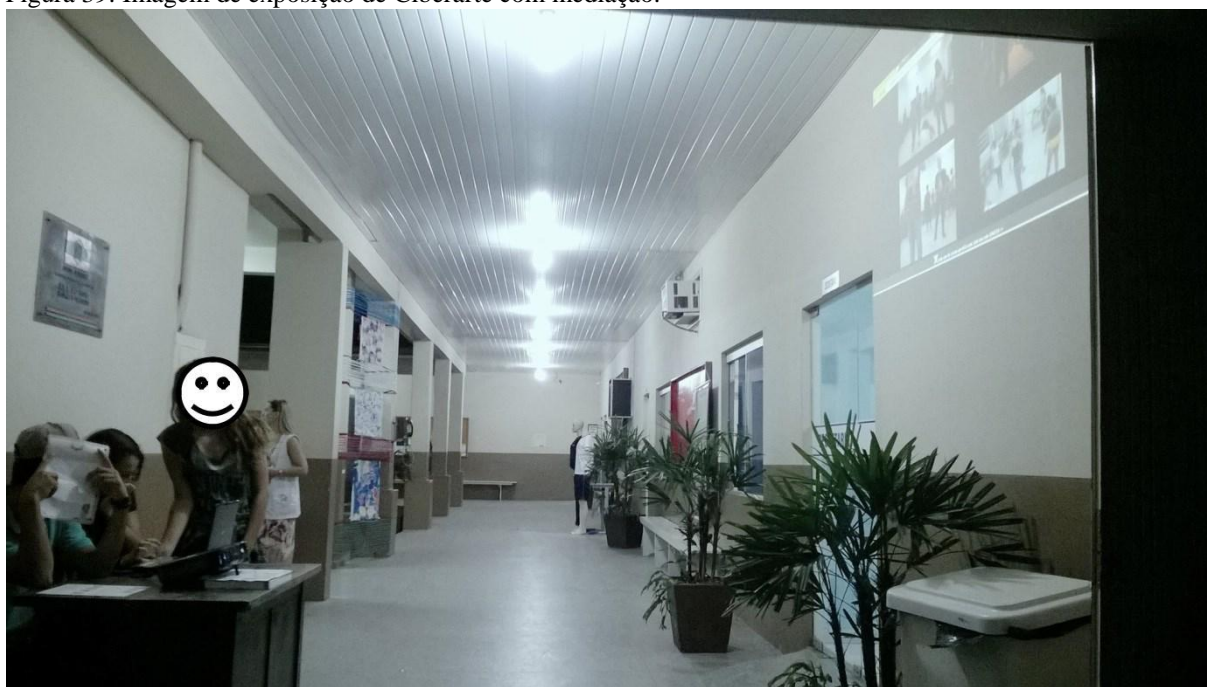
Fonte: Própria

Figura 38: Imagem de exposição das gravuras.



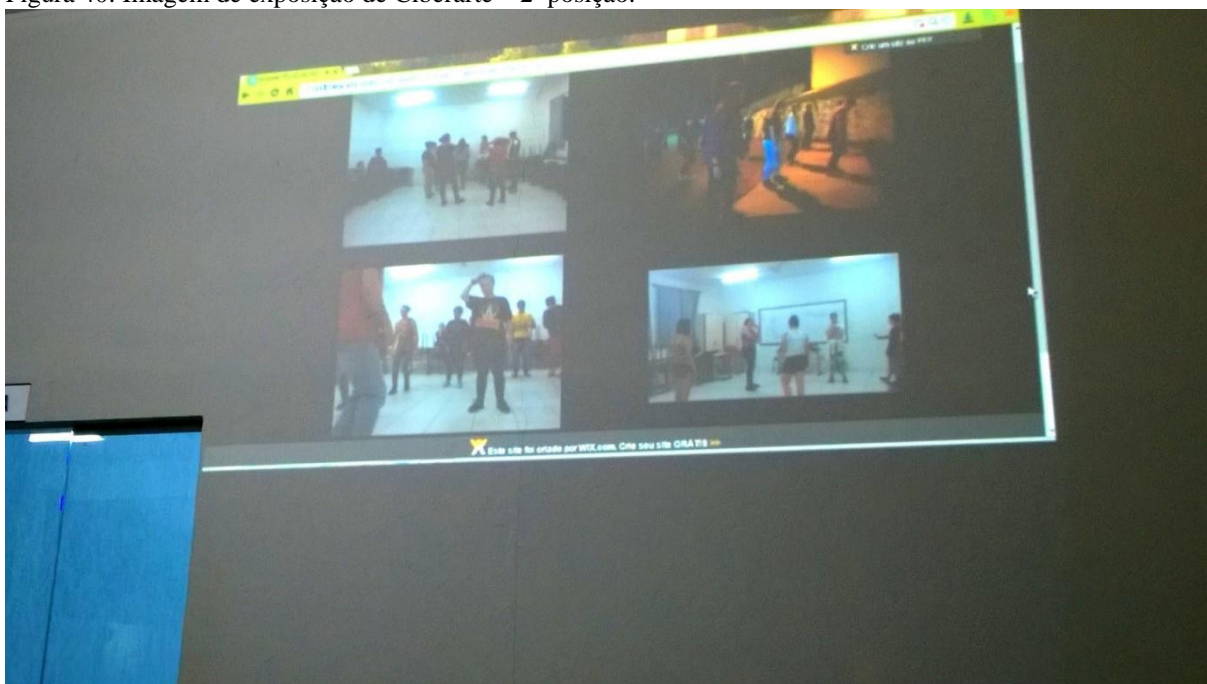
Fonte: Própria

Figura 39: Imagem de exposição de Ciberarte com mediação.



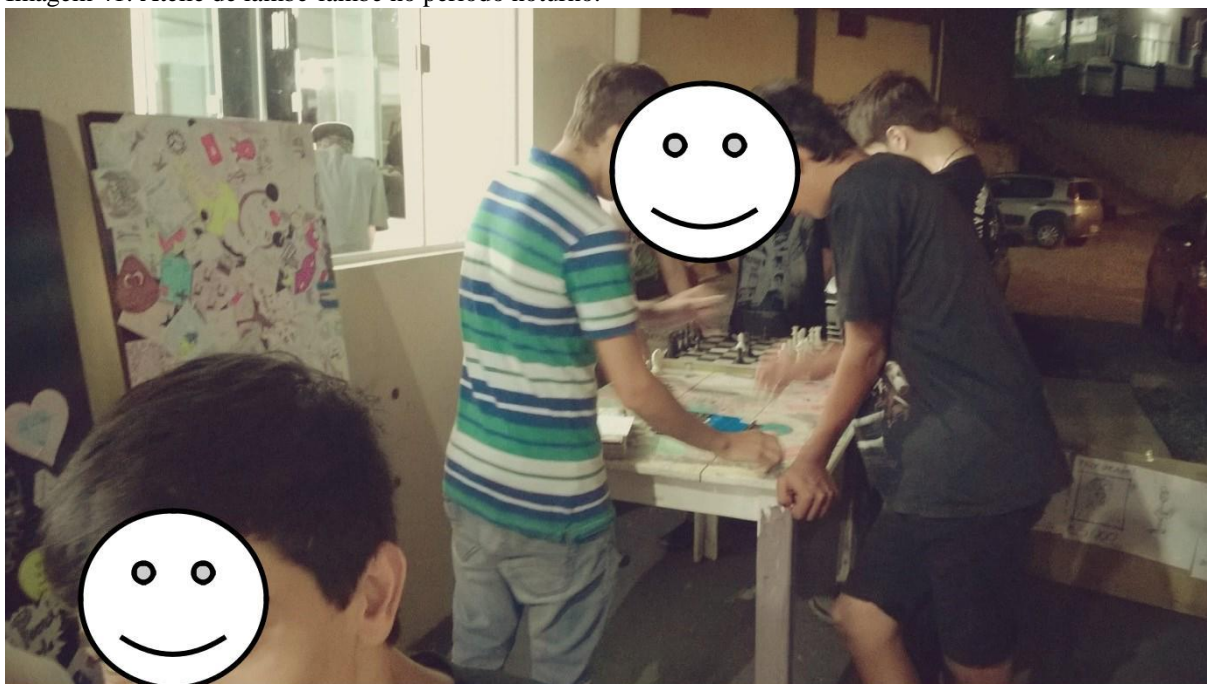
Fonte: Própria

Figura 40: Imagem de exposição de Ciberarte – 2ª posição.



Fonte: Própria

Imagem 41: Ateliê de lambe-lambe no período noturno.



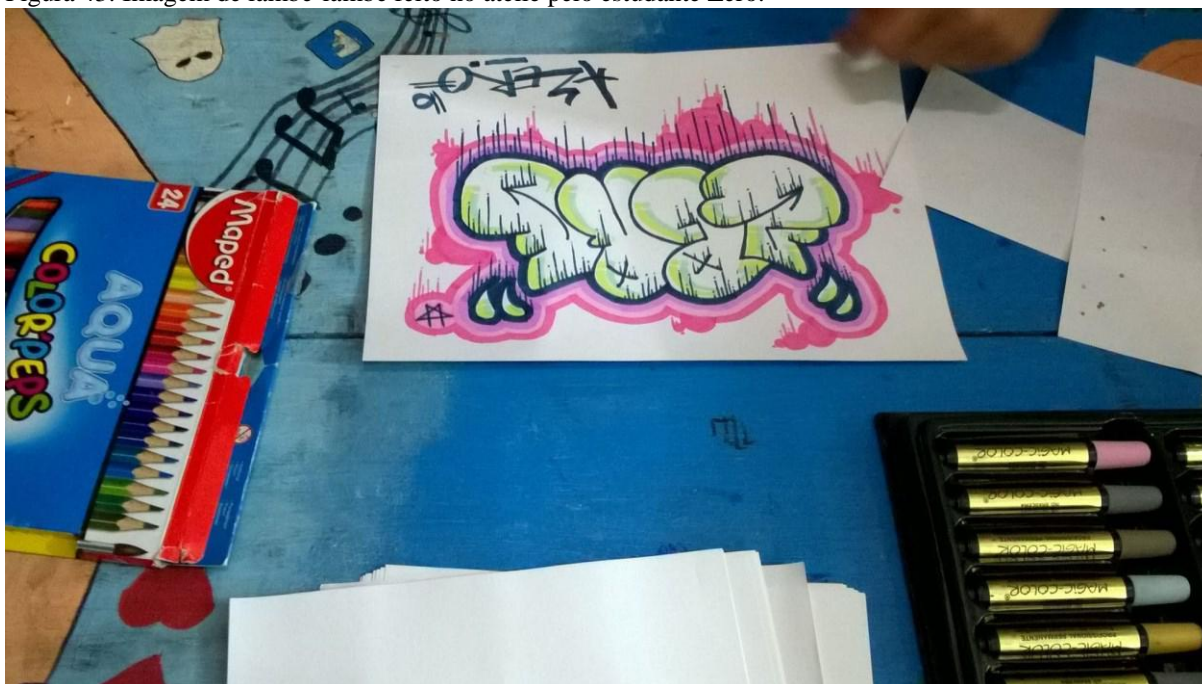
Fonte: Própria

Imagem 42: Camisetas feitas pelo estudante Zero para mediadoras.



Fonte: Própria

Figura 43: Imagem de lambe-lambe feito no ateliê pelo estudante Zero.



Fonte: Própria

Figura 44: Imagem de estudante Vinicius no ateliê.



Fonte: Própria

Figura 45: Imagem de ateliê aberto de Arte Urbana.



Fonte: Própria

30/03/2016 - Exposição / Desmontagem

Neste dia não estive presente durante os períodos matutino e vespertino, uma vez que não trabalho na escola às quartas-feiras. Durante o dia a projeção dos trabalhos de ciberarte não foi exibida, já que as estudantes mediadoras não poderiam ficar e os aparelhos tecnológicos necessitam de um cuidado especial.

Para não retirar os estudantes organizadores do ateliê mais uma vez de suas aulas, durante a tarde, alguns estudantes do período vespertino, junto à professora Céu (que nos ajudou na montagem), auxiliou-a a retirar os trabalhos dos lugares mais altos.

No período noturno fui à escola para finalizar a desmontagem, principalmente das fotografias, que requerem maior cuidado e organizar o material que será transportado para Florianópolis dia 2/04/2016.

Optei por não retirar os trabalhos feitos com tecido pelos estudantes, a fim de tentar exibir o resultado das oficinas (os murais) na sequência desta exposição.

CONSIDERAÇÕES

Acredito que muitas considerações relevantes já foram discorridas neste relatório, no entanto, torna-se importante frisar a influência da análise do campo sobre o desenvolvimento desta proposta no que diz respeito ao mapeamento de quais temáticas acerca das Relações de Gênero abordar e como encaminhar as ações para a criação dos estudantes no ciberespaço.

Acerca disto, afirmo que os projetos desenvolvidos pelos estudantes no ciberespaço explicitam que os mesmos estão em processo de formação técnica e que necessitam de mediação para melhor explorar as potencialidades da internet, principalmente no que diz respeito à sua estrutura. O que reafirma o fato de as escolas serem instituições equipadas apenas com novas ferramentas tecnológicas, mas não com as novas concepções de educação e sociedade. Neste sentido, é-nos condicionado, a estudantes e professores, com formação precária, o trabalho com equipamentos com os quais não sabemos lidar (e que ignoremos aqueles com os quais sabemos muito bem, como os celulares).

Como (as) os docentes podem, nestas condições, promover e estímulo do estudante para a investigação do mundo e proporcionar experiências criativas significativas, se sequer somos habilitados para lidar com estas ferramentas tecnológicas tão presentes no universo contemporâneo desses estudantes?

Ao concluir este relatório, construo uma visão panorâmica sobre o processo no qual estive profundamente envolvida, de modo que tomo a distância necessária para compreender os acertos e os pontos a rever enquanto profissional da arte/educação.

Observo que, embora os trabalhos tenham sido desenvolvidos com muitas dificuldades (principalmente em relação aos recursos, ao nosso conhecimento técnico e ao tempo), os estudantes puderam experimentar uma dimensão da percepção e interferência no mundo que nunca antes haviam experimentado. Deslocar o olhar da funcionalidade tecnológica para sua potencialidade para tocar o outro esteticamente foi um dos exercícios mais importantes que já pude promover em sala de aula. Sentimos o poder e a impotência de trabalhar com a internet, com celulares, computadores. Redescobrimos habilidades e identificamos fraquezas diante de um universo tão popular e ao mesmo tempo tão desconhecido em suas entranhas.

Se a manifestação artística se articula às outras áreas de conhecimento por seu caráter de busca de sentido, criação, inovação (BRASIL, 1997a), considero que obtivemos sucesso. Ainda que em pequenas dimensões, por meio do ato criador, respondemos à desafios e reorganizamos nosso mundo e interior: ao nosso modo, provocamos transformações.

Ainda que a temática tenha permanecido evidente (talvez demais até) no desdobramento das atividades, por meio da arte acabamos por compreender nosso lugar no mundo. Garotas e garotos param para pensar sobre suas condições enquanto sujeitos sexuados e, principalmente, como transformar suas ideias e as compartilhar com os outros.

Neste contexto, a exposição “Olhares em trânsito – Experimentos Expositivos na Escola” provocou a valorização não apenas de um trabalho feito, mas dessas formas artísticas que explicitam a subjetividade destes estudantes e sua construção de significados. Por meio da matéria imaterial, reeditamos signos e recriamos nossas realidades ao considerar novas possibilidades de ser e estar no mundo.

Os estudantes saíram de suas casas pela manhã e passaram mais de 10 horas na escola para mostrar ao grande grupo que sua expressão não é brincadeira: os adolescentes tem algo a dizer e disseram. Talvez seu discurso não agrade aos eruditos das artes, mas ainda insisto que sua vontade de descobrir e recriar a realidade agrada àqueles que admiram a reconstrução de nossos pequenos mundos escolares.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, M; FARIAS, A. **Portulano da 29ª Bienal de São Paulo**: Há sempre um copo de mar para um homem navegar. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2010.
- APPADURAI, A. **O medo ao pequeno número**: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- AQUINO, J. G. (org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.
- ARCHER, M. **Arte Contemporânea**: uma história concisa. São Paulo, Ed Martins Fontes: 2001.
- ASCOTT, R. A arquitetura da Cibercepção. In LEÃO, L. (org.). **Interlab**: Labirintos do pensamento contemporâneo. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012.
- BIAZUS, M. C. V. **Projeto APRENDI**: abordagens para uma arte/educação tecnológica. Porto Alegre: Editora Promoarte, 2009.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997a.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997b.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998c.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998d.
- BUSQUETS, M. D. *et al.* **Temas Transversais em Educação**. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- CAMARGO, A. M. F. de; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e infâncias(s)**: a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999.
- CANONGIA, L. **O legado dos anos 60 e 70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CARVALHO, M. P. de. **Avaliação escolar, gênero e raça**. Campinas, SP: Papirus, 2009.
- CAUQUELIN, A. **Arte Contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins, 2005.
- CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia:** Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília : Ministério da Saúde, 2004.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura.** São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora em Inglaterra.** Porto: Afrontamento, 1975.

FREIRE, C. **Arte Conceitual.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

FREIRE, C (org.). **Hervé Fischer no MAC USP:** arte sociológica e conexões: arte-sociedade-arte-vida. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2012

FREITAS, M. T. de A. F. (org.). **Cibercultura e formação de Professores.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009

HOME, S. **Assalto à cultura:** utopia subversão guerrilha na (anti) arte do século XX. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Teoria e prática da revolução.** São Paulo: Conrad, 2002.

KOSSOY, B. **Fotografia & História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia:** o efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

MACHADO, A. **Arte e Mídia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MARQUES, I. De tripé em tripé: o caleidoscópio do ensino de dança. IN: BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. da. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais.** São Paulo: Cortez, 2010. p. 52-63.

MORENO, M. Temas Transversais: um ensino voltado para o futuro. IN: BUSQUETS, M. D. *et al.* **Temas Transversais em Educação.** São Paulo: Editora Ática, 2003.

NATANSOHN, G *et al.* **Internet en código femenino:** teorías y prácticas. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía, 2013.

NUNES, F. O. **Ctrl+Art+Del:** distúrbios em arte e tecnologia. São Paulo: Perspectiva, 2010.

OLIVEIRA, R. C. A. Cibercultura, cultura visual e sensorium juvenil. In: LEÃO, L. (org.). **O chip e o caleidoscópio:** reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Editora Senac, 2005. p. 498-503.

PARO, V. H. **Educação como exercício de poder:** crítica ao senso comum de educação. São Paulo: Cortez, 2008.

PELLANDA, E. C.; PELLANDA, N. M. C. **Ciberespaço:** um hipertexto com Pierre Lévy. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

REIMANN, D. Art, technology and education in the German context. In: BIAZUS, M. C. V. (org.). **Projeto APRENDI:** abordagens para uma Arte/Educação Tecnológica. Porto Alegre: Editora Promoarte, 2009. p. 33-42.

SAVIANI, D. **Escola e democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 39 ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** educação infantil, ensino fundamental e médio - disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTAELLA, L. **(Arte) e (cultura):** equívocos do elitismo. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1990.

TRIBE, M.; JANA. **New Media Art.** Taschen, Köln, 2007.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanches. **As ideias estéticas de Marx.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

Fontes:

ARRUDA, E. Relações entre tecnologias digitais e educação: perspectivas para a compreensão da aprendizagem escolar contemporânea. In: FREITAS, M. T. A. (org.). **Cibercultura e formação de professores.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 13-22.

ARRUDA, L. A.; COUTO, M. F. M. **Ativismo artístico:** engajamento político e questões de gênero na obra de Barbara Kruger: Revista de Estudos Feministas. V. 19, n.2, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200005&script=sci_arttext>. Acesso em 7 jul. 2015.

BROOKLYN MUSEUM. **Exhibitions:** The Dinner Party by Judy Chicago. Disponível em: <http://www.brooklynmuseum.org/exhibitions/dinner_party/>. Acesso em: 7 jul. 2015.

BARBARA KRUGER. **Arts.** Disponível em: <<http://www.barbarakruger.com/art.shtml>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

CARLA GANNIS. **Jezebel.** <<http://j-bel.net/l/>>. Acesso em: 22 set. 2015.

_____. **'gü-gäl' Results.** <<http://carlagannis.com/blog/prints/google-results/>>. Acesso em: 22 set. 2015.

_____. **Heroines Den.** <<http://carlagannis.com/blog/prints/heroines-den/>>. Acesso em: 22 set. 2015.

CORNELIA SOLLFRANK. **Net.art generator.** <<http://nag.iap.de/?lang=en>>. Acesso em: 22 set. 2015.

_____. **Old Boys Network.** <<http://nag.iap.de/?lang=en>>. Acesso em: 22 set. 2015.

ERICA SCOURTI. **So like you.** <<http://similarselves.tumblr.com/>>. Acesso em: 22 set. 2015.

_____. **Facebook Diary.** <<http://www.youtube.com/playlist?list=PL6E6DADE3EA939F15/>>. Acesso em: 22 set. 2015.

_____. **Life in AdWords.** <http://ericascourti.com/art_pages/life_in_adwords.html/>. Acesso em: 22 set. 2015.

FRANCESCA DA RIMINI et al. **Dollspace** <<http://dollyoko.thing.net/>>. Acesso em 22 set. 2015.

GUERRILHA **GIRLS.** **Posters/Actions.** <<http://www.guerrillagirls.com/posters/nakedthroughtheages.shtml>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

OLIA LIALINA. *Center of the universe*. < <http://art.teleportacia.org/#CenterOfTheUniverse>>. Acesso em: 22 set. 2015.

PREFEITURA DE GUARAMIRIM. **Mapa Urbano**.

<http://www.guaramirim.sc.gov.br/arquivos/1392928048_guaramirim-bairros-e-localidades.jpg>. Acesso em: 22 set. 2015.

TINA LA PORTA *et al.* **Distance** < <http://archive.turbulence.org/Works/Distance/statement.html/>>. Acesso em 22 set. 2015.

TRIZOLI, T. **O Feminismo e a Arte Contemporânea** - Considerações. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 17º, 2008. Panorama da Pesquisa em Artes Visuais, Florianópolis, SC: ANPAP, p. 1495- 1505. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/135.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

VIANNA, L. H. **Tinta e sangue**: o diário de Frida Kahlo e os quadros de Clarice Lispector: Revista de Estudos Feministas. V. 11, n.1, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9476>>. Acesso em: 7 jul. 2015

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário entregue aos estudantes para coleta prévia de dados e início das articulações teóricas

Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Artes - UDESC
Escola de Educação Básica São Pedro
Questionário para análise do campo: Estudantes participantes
1º 03 e 1º 04 - Ensino Médio
Professora Barbara M. R. Bublitz

- 1) Qual é seu nome completo?
- 2) Quantos anos completa em 2015?
- 3) Você trabalha?
- 4) Desde quantos anos trabalha?
- 5) Quantas horas por dia? Quantos dias na semana?
- 6) De qual classe social você se considera?
- 7) Você ajuda com a renda em casa? Integral ou parcialmente?
- 8) Com quem você mora?
- 9) Quem você considera seus responsáveis?
- 10) Sua família é composta por quem?
- 11) Você gosta de qual estilo musical?
- 12) Você tem religião? Qual?
- 13) Você costuma ler? Gosta de ler? O que você lê?
- 14) Você costuma viajar? Para onde?
- 15) Você tem acesso à internet cotidianamente?
- 16) Onde você acessa a internet?
- 17) O que você faz na internet?
- 18) Você já foi a um museu de arte?
- 19) Você já viu uma exposição de arte contemporânea? Você tem curiosidade em ver ou é indiferente?
- 20) Há quantas mulheres em sua casa? Quantas trabalham fora? Quantas trabalham em casa?
- 21) Você já sofreu ou presenciou algum episódio de violência contra a mulher? Qual?
- 22) Você entende as lutas sociais das mulheres ou pensa que são exageradas? Em que caso?
- 23) Você acredita que homens e mulheres são iguais? Em que sentido?
- 24) Você presencia episódios de diferença social entre homens e mulheres? Quais?
- 25) Você acredita que a arte possa promover essa discussão? Em que caso?
- 26) Você acredita que a arte contemporânea está ao seu alcance? E ao alcance da sua comunidade como um todo?
- 27) Você sabe o que é feminismo? O que é?
- 28) Você acredita que a arte tem uma função? Qual?
- 29) Existe arte feminina? Como é?
- 30) Você sabe o que é ciberarte?
- 31) Você acredita que a internet é importante? Para quê?
- 32) Você consegue imaginar uma arte feita e vista apenas na internet? Como funciona?
- 33) Você acredita que algum trabalho artístico possa necessitar da participação do público para existir? Por quê?
- 34) Você acredita que a sua vida possa ser assunto de arte? Como? Isso é importante?
- 35) Você percebe que é importante conversar sobre estes assuntos na escola? Por quê?
- 36) Você se interessa por esses assuntos?

Este material não compõe a pesquisa até aprovação do Comitê de Ética da UDESC e autorização formal da escola. Serve apenas para analisar o campo no qual, possivelmente, será desenvolvido o Projeto pela Professora. Nenhuma informação será divulgada sem autorização dos responsáveis legais e nenhum nome será revelado em hipótese alguma.

Guaramirim,
2015

APÊNDICE B – Questionário entregue à escola para coleta prévia de dados e início das articulações teóricas

Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Artes - UDESC
Escola de Educação Básica São Pedro
Questionário para análise do campo: A escola
Professora Barbara M. R. Bublitz

- 1) Onde a escola está localizada?
- 2) Quantos alunos a escola atende?
- 3) De quais bairros são os estudantes?
- 4) Quantos professores trabalham na escola?
- 5) Há quantos professores de arte?
- 6) Quantos são concursados?
- 7) A escola possui ou possuiu sala específica para a disciplina de Arte? Quando? Por que não tem mais?

Este material não compõe a pesquisa até aprovação do Comitê de Ética da UDESC e autorização formal da escola. Serve apenas para analisar o campo no qual, possivelmente, será desenvolvido o Projeto pela Professora. Nenhuma informação será divulgada sem autorização e nenhum nome será revelado em hipótese alguma.

Guaramirim,
2015

APÊNDICE C – Tabela de Análise de projetos desenvolvidos no ciberespaço

Artista	Título	Link	Ano/ Produção	Ano/ Visita	Ativo	Nacionalidade da artista	Língua	Software especial	Vinculado a instituição	Interativo	Colaborativo	Discussões Positivas sobre Mulheres	Enquadra-se No projeto?	Observações
1	Cornelia Solifrank	Imagens: http://www.medienkunst.netz.de/works/female-extension/images/9/ Oficial: http://www.artware.org/femext/content/female-extension.html	1997	2014	Não	Alemanha	Inglês	Não	Sim	Sim	Não	- Exclusão das mulheres nas produções artísticas - E no campo da tecnologia	Não	O projeto serve como exemplo de ciberfeminismo e podem ser exibidos registros do mesmo.
2	Cornelia Solifrank	Net.art generator Imagens: http://naznap.de/ HTML: http://net.art-generator.com/naznap/	1997/2007	2014	Sim	Alemanha	Inglês	Não	Sim	Sim	Sim	- Participação das mulheres sem necessidade de identificação do gênero - Espaço para as discussões promovidas pelas mulheres.	Sim	O projeto tem dois modos de criação de trabalhos artísticos pelo visitante, um de html, que exige conhecimento para lidar com esta linguagem e outro, de imagens, com estrutura de interação mais simplificada e que permite aos não envolvidos com os códigos específicos da internet ou da língua inglesa. Escolhe-se o nome do artista e um título, que servirá como palavra-chave para busca de imagens na internet relacionadas as palavras escolhidas. O autor pode escolher criar um trabalho com 2, 4, 6 ou 8 imagens, em JPG, GIF ou PNG, de 400 a 1000 pixels. As imagens escolhidas pelo gerador são listadas com link para acesso. Ambos podem ser exibidos produções de outros navegadores

3	Cornelia Solfrank	Legal Perspective	http://artwarez.org/project/s/legalperspective/	2004	2014	Sim	Alemanha	Alemão ou Inglês	Não	Sim	Sim	Não	A artista busca o posicionamento de especialistas jurídicos sobre a propriedade intelectual de uma produção artística. Embora fora das discussões de gênero, observa-se que os especialistas são todos homens.	Não	As discussões de gênero dependem de um trabalho prévio muito longo para compreensão do machismo mantido nas funções profissionais. Além disso, o trabalho é todo em inglês e alemão. Áudios e textos.	como exemplo para discussão. - Há um vídeo no site do projeto a partir do qual pode-se observar que ao ser exposto, junto ao trabalho, é disponibilizada uma impressora e um carimbo para autenticação do trabalho, o que fragiliza sua potência enquanto trabalho virtual e sem autoria.
4	Cornelia Solfrank (artwarez.org)	DEIAVU	http://dejavu.org/	2009	2014	Sim	Alemanha	Inglês	Sim	Sim	Sim	Sim	O site se propõe a, por um software, detectar quando plagiada está determinada imagem. Contudo, não foram encontrados no site até o momento acesso ao software. Há apenas um espaço para cadastro de compra, por aproximadamente \$22,00. Segundo leituras, o projeto está em andamento.	Não	O projeto não possui discussões de gênero e ainda não está finalizado. Além disso, as informações disponíveis constam apenas em inglês, o que dificulta até mesmo a discussão acerca do mesmo.	
5	Ellen Nonnenmacher - Vali Djordjevic - Julianne Pierce	Old Boys Network	http://www.obn.org/index.html	1997-2001	2014	Não	Alemanha	Inglês	Não	Não	Sim	Sim	O trabalho é considerado a primeira rede de ciberfeminismo internacional. Objetivou possibilitar sujeitos que se compreendem como mulheres a discutirem o ciberfeminismo por projetos tecnológicos ou artísticos. Deste modo, lista uma grande quantidade de mulheres atuantes na área.	Sim	O site será mostrado como exemplo de manifestações virtual de mulheres. Será explicado a razão do nome (<i>Old Boys</i>) e os objetivos da aliança rapidamente.	
6	- Francesca da Rimini - Ricardo Dominguez	Dollspac e	http://dollyokothing.net/titled.htm	1997	2014	Sim	Austrália	Inglês	Não	Sim	Não	Sim	O trabalho possibilita discutir a respeito da violência contra a mulher nos discursos históricos.	Sim	O projeto será exposto com conversa prévia sobre seu teor pesado e de violência	

- Michael Grimm	Self-portraits (Version 1-3)	http://www.bhod.co.uk	2003	2014	Não	Sim	Inglaterra	Ingles	Não	Sim	Não	Não	Sim	em principalmente relação as crianças e mulheres jovens.		palavras, mas nem todas as frases serão traduzidas. Ele servirá como exemplo e para as discussões em torno das questões de gênero e das especificidades do hipertexto.
7	Beverly Hood		2003	2014	2014	Sim	Inglaterra	Ingles	Não	Sim	Não	Não	Sim		Sim	Será exibido para discussão por sua riqueza de possibilidade. Mas será ressaltado que foi criado para ser exposto em versão impressa.
8	-Clandia Reich -Helene von Oldenburg	The mars patent	2005	2014	2014	Sim	Alemanha	Ingles	Não	Sim	Sim	Sim	Sim		Sim	Servirá como exemplo e dispositivo de discussão das posições de gênero na tecnologia.
9	Cornelia Sollfrank	Revistin g feminist art / le chien ne va plus	2006	2014	2014	Não	Alemanha	Ingles/ Alemã o	Não	Sim	Não	Não	Sim		Sim	O trabalho não é virtual. O site trata-se de uma documentação de ações performáticas da artistas, mas será inserido como exemplo de arte no espaço virtual como registro acessível ao público.
10	Cornelia Sollfrank	Improved Tele-vision - Make your choice and become avant-garde	2010	2014	2014	Sim	Alemanha	Ingles	Não	Sim	Sim	Não	Sim		Sim	O trabalho será mostrado para exemplificar intervenção digital e instalação virtual
11	Prema Murthy	BidinGiri	2001	2014	2014	Sim	India	Ingles	Não	Sim	Sim	Não	Sim		Sim	Este trabalho carrega certa bagagem de erotização que deve ser discutida abertamente com a

[illegible]

17	Erica Scourti	Life in Adwords	http://video.meo.com/album/1944360	2012-2013	2014	Não	Grécia	Inglês	Não	Não	Sim	Não	Não	Existe um consumo feminino?	Sim	Será exposto como exemplo de trabalho artístico virtual inserido no campo conceitual contemporâneo que utiliza em grande parte as ferramentas das ciências sociais em suas pesquisas.
18	Erica Scourti	Monkey Mind	https://www.youtube.com/watch?v=kL-AUNFHu38	2013	2014	Não	Grécia	Inglês	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Um grupo organizado na internet registra cenas de sua meditação, que são veiculadas também virtualmente no site de uma revista de arte. O trabalho não se enquadra no projeto.
19	Erica Scourti	So Like You	http://silvermiles.net/vesnumb1r.com/	2014	2014	Não	Grécia	Inglês	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Por que a artista interessa-se pela exibição da vida na internet? O fato está relacionado ao seu gênero?	Sim	O trabalho trata-se da junção de imagens e metadados enviados por contatos estabelecidos pela artista com outras pessoas, as quais postaram na internet fotos similares as de Erica. A artista chegou nessas pessoas ao inserir suas imagens no Google Imagens, que busca imagens similares a estabelecida como base de comparação.
20	Erica Scourti	Month Piece	http://video.meo.com/83869245	2013	2014	Não	Grécia	Inglês	Não	Não	Sim	Não	Não	Idem anterior	Não	Não enquadra-se no projeto. Exemplo similar já foi encontrado. Há apenas um vídeo de uma performance virtual desenvolvida num grupo do Google+ em vídeo conferência.
21	Olga Lialina	Center of the Universe	Center of the Universe	-	2014	Não	Rússia	Inglês	Não	Sim	Não	Não	Não	O trabalho não será exibido para discussões de gênero direcionadas, mas por serem inúmeros trabalhos hospedados no site, algum deles pode suscitar alguma discussão a partir dos estudantes	Sim	O site hospeda vários projetos da artista, que poderiam ser analisados separadamente. Contudo, observa-se em seu conjunto pouco objetivo em discutir questões de gênero, mas sim toda a estética do ambiente digital. O site será

																						exibido, assim como alguns projetos hospedados, para exemplificar a aparência típica dos trabalhos digitais e virtuais da década 1990 e suas discussões sobre a própria linguagem digital de arte.	
22	Carla Gannis	Jezebel	http://j-bel.net/	2008	2014	Sim	Estados Unidos	Inglês	Sim	Sim	Sim	Não	Não							Sim	O trabalho nos possibilita discutir os padrões de feminilidade construídos e seguidos inconscientemente.	Sim	O projeto se baseia na história e nas construções mitológicas. Será utilizado em sala o game do projeto.
23	Carla Gannis	\gr-gal Results	http://carlagannis.com/blog/prints/google-results/	Em progresso	2014	Sim	Estados Unidos	Inglês	Não	Sim	Sim	Sim	Sim							Sim	A artista busca no Google frases que se baseiam em seus interesses. Neste sentido, torna-se possível discutir a respeito das temáticas que interessam a uma artista mulher na contemporaneidade.		O projeto será exibido por seu processo de criação diferente dos demais. A artista busca no Google frases que parecem de inspirações pessoais ou publicações em redes sociais, delas ou sugeridas por outras pessoas. Organiza suas buscas em uma tabela no Google Drive e as classifica por cores. As cores estão presentes nos vídeos que são o resultado final deste projeto, ainda em processo.
24	Carla Gannis	Heromes Den	http://carlagannis.com/blog/prints/heromes-den/	-	2014	Sim	Estados Unidos	Inglês	Não	Não	Não	Não	Não							Sim	A artista utiliza a imagem de super-heróínas em gifs similares aos avatares dos grupos virtuais.	Sim	Será utilizado para fechamento do projeto. O trabalho tem um tom bem humorado e de empoderamento da mulher. Além de exemplificar bem a arte digital e sua veiculação em ambiente virtual.

APÊNDICE D – Material Pedagógico: *Slides* de Apresentação do Projeto

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA- UDESC

Mestrado Profissional em Artes

PROFARTES

A presença das mulheres na *ciberarte*. Uma análise das problemáticas sociais em torno das mulheres na aula de Arte

FLORIANÓPOLIS/GUARAMIRIM
2015

Objetivo da pesquisa

Problematizar as questões sociais em torno das mulheres na contemporaneidade com a inserção das manifestações artísticas emergentes do **ciberspaço, desenvolvidas por mulheres**, no contexto da **aula de Arte**.

**Temas Transversais: Orientação Sexual
Relações de Gênero**

A pesquisa

Inserir questões sociais em torno das mulheres com manifestações artísticas do ciberspaço, desenvolvidas pelas próprias mulheres

O que acontece?



Objetivo da pesquisa

Resultado:

Exposição em Florianópolis, Joinville e Guaramirim.

Com o projeto:

Estudo da ampliação da fruição e da difusão das produções artísticas dos estudantes nas escolas públicas do estado de Santa Catarina a partir de exposição itinerante.

Sua participação

O projeto está no Plano de Curso.
A avaliação acontece normalmente.
Mas você não é obrigada a participar.

Como participará?

O que vocês produzirem e as próprias aulas (o que falam, por exemplo) serão dados de pesquisa para análise por parte da professora.

Por que vocês?

Não porque darão a resposta “certa”, mas pela **participação nas aulas e envolvimento com as propostas anteriores.**

Procedimentos

Aula expositiva

Seminário

Pesquisa

Desenvolvimento de trabalho artístico virtual.

(e pensar um pouquinho sobre nosso dia-a-dia)



Riscos e Desconfortos

Assuntos delicados



Saint Hoax

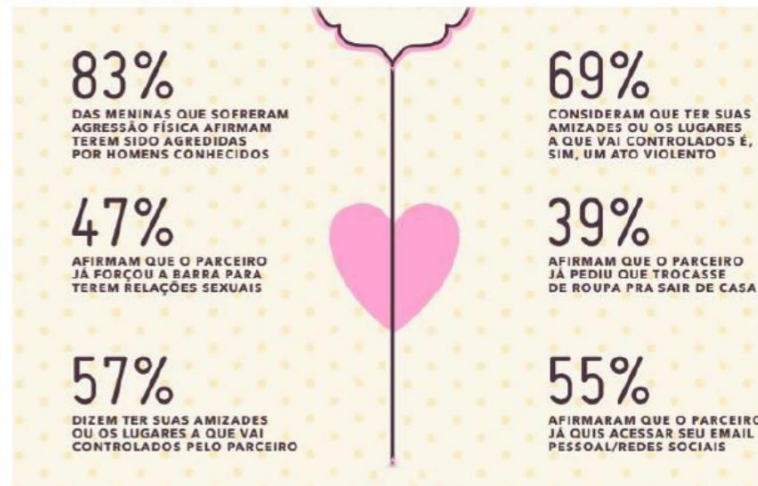


Benefícios

Pensar

Criar (sobre um assunto que, certamente, te afeta)

Expor seu trabalho



Confidencialidade

As informações sobre você serão coletadas na pesquisa e ninguém, exceto os **investigadores** poderão ter acesso a elas. Não falaremos que você está na pesquisa com mais ninguém e seu nome não irá aparecer em nenhum lugar.

Resultados

Depois que a pesquisa acabar, os resultados serão informados para você e seus pais, também poderá ser publicada em uma revista, ou livro, ou conferência, etc.

Direito de recusa ou retirada do assentimento informado

Ninguém ficará bravo ou desapontado com você se você disser não. A escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois se você quiser. Você pode dizer sim agora e mudar de idéia depois e tudo continuará bem.

APÊNDICE E – Material Pedagógico: Slides sobre arte e participação



1.

Grupo Fluxus

<http://www.fluxus.org/>

Vários artistas e linguagens

Origem da arte conceitual
influenciados pelo **dada** (smo)

a grande
revolução
provocada por
Marcel Duchamp

Ready made
Crítica
Nonsense



Performance:

Multidisciplinares

Ações para qualquer pessoa poder realizar.

Yoko Ono, Pintura para o vento, 1961

PAINTING FOR THE WIND

Cut a hole in a bag filled with seeds
of any kind and place the bag where
there is wind.

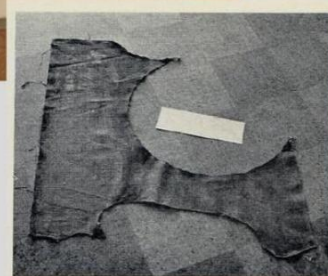
1961 SUMMER

Corte um furo em um saco cheio de sementes de
qualquer tipo e coloque o saco onde há
vento.

Yoko Ono, Pintura para ser pisada, 1960



Deixe um pedaço de
tela/lona ou
pintura finalizada
no chão ou nas
ruas.



Yoko Ono Painting to be Stepped On, 1961

Yoko Ono, Smoke painting, 1961

Instalação.



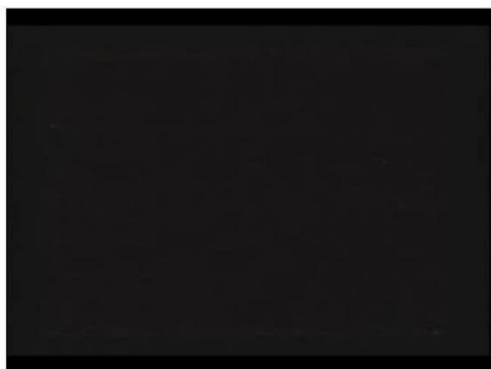
Antiarte:

Contra comercialização e o sistema
tradicional

Participação e compreensão do público

“A atenção que se dá às pequenas coisas
da vida, àquelas que não parecem ter
consequências, pode ajudar a compreender
melhor o mundo”

Yoko Ono / Mieko Shiomi,
A música desaparecendo da face, 1966



Chieko Shiomi, Pedaco de sombra, 1963

Faça sombras - paradoxo
ou em movimento - do
seu corpo ou alguma
outra coisa na rua,
paredes, chão ou
qualquer coisa.

Bici Forbes Hendricks,
Torne-se invisível,

- Se escondendo
- Desistindo das marcas que o(a) distinguem
- Indo embora
- Afundando no chão
- Se tornando outra pessoa
- concentrando-se tão pesado em algum objeto ou
idéia que você deixa de estar ciente de sua
presença física
- Distraindo todo mundo de sua presença
- Parando de existir



Mail Art (Arte postal)



“Questione as estruturas,
Crie sua própria,
Questione sua própria
estrutura,
Crie outras”

David Mayor, 1976



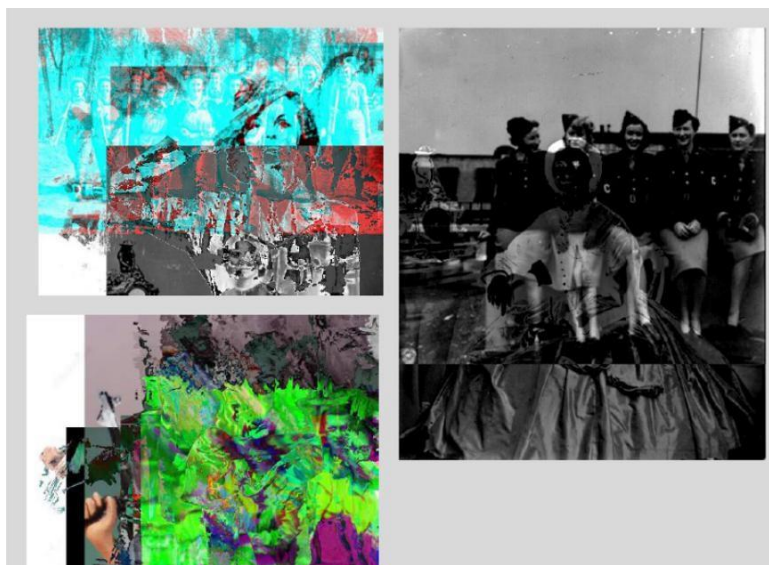
Interromper a vida
comum

0 sistema de
comunicação



Ana Banana seleciona fantasias, performances e eventos, 1971-2009





RESPONDAM EM 2 OU 3: **para compartilhar**

- 1) **Modo de fazer:** O que aproxima estes trabalhos das pessoas?
- 2) **Lugar de exposição:** De que modo eles aproximam as pessoas da arte?
- 3) **Postura do artista:** Como estes trabalhos mostram a realidade? Cite exemplos.

INDIVIDUAL

4) Seu olhar:

Estes modos de fazer e expor arte nos possibilitam pensar sobre o que as mulheres passam?

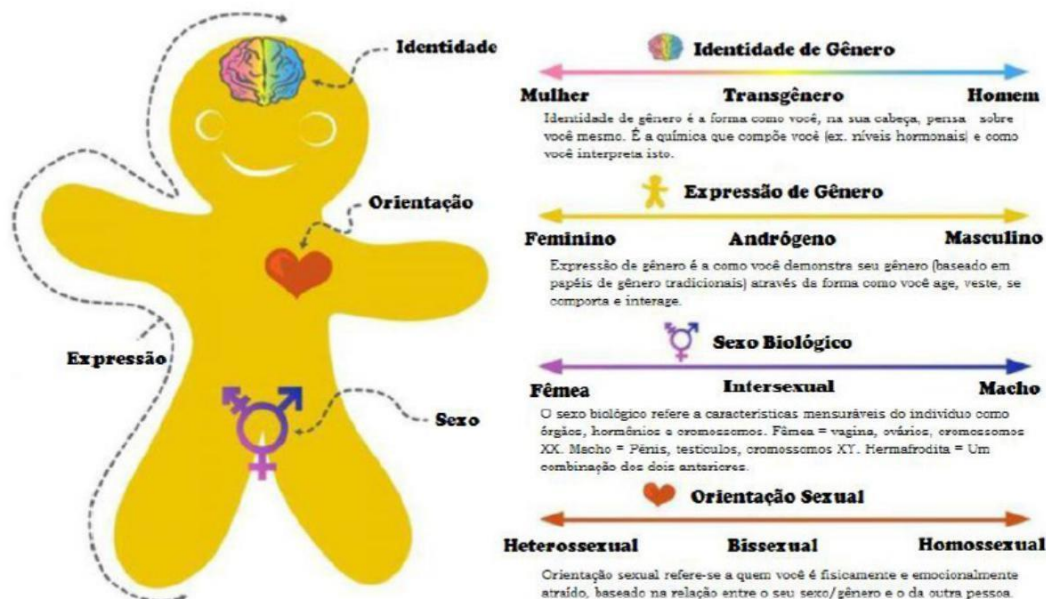
Como?

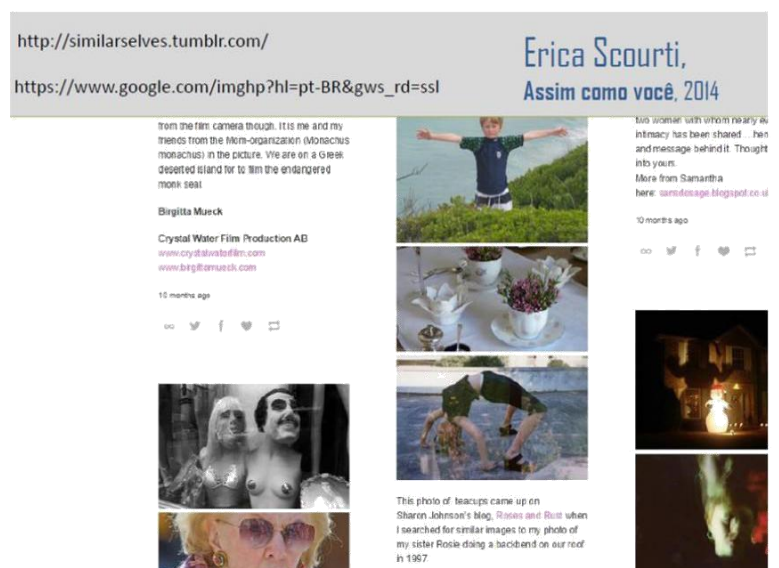
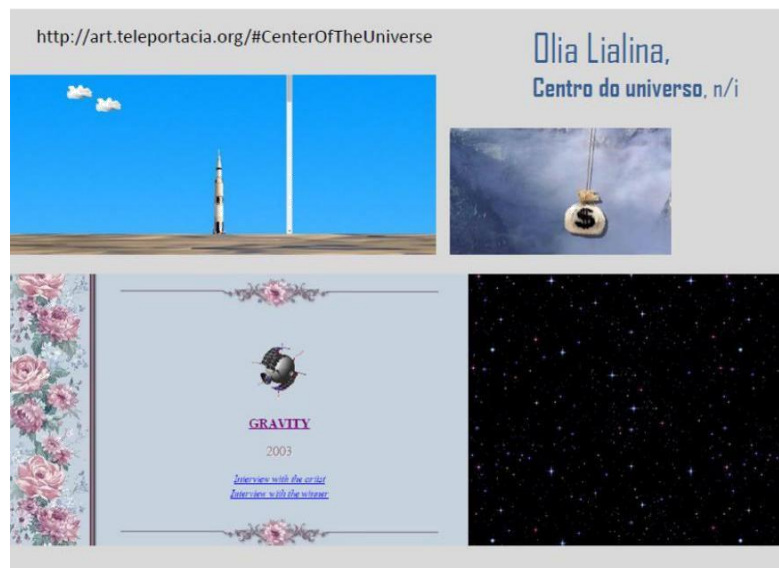
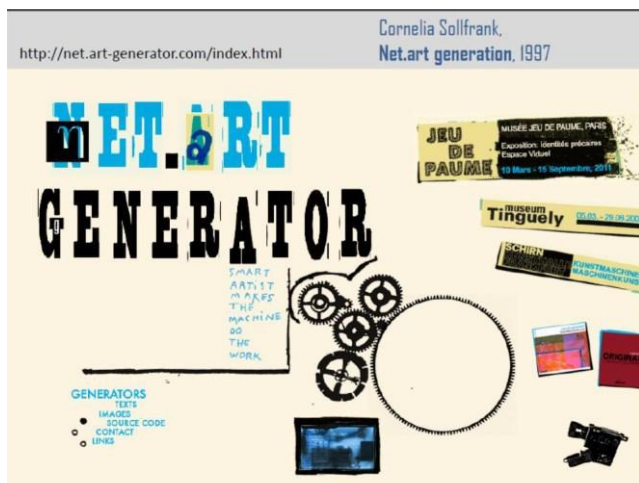
Você acredita que isso é importante?

Como você se sentiu afetado por estes trabalhos?

APÊNDICE F – Material Pedagógico: *Slides* Ciberarte e Gênero

Os termos que expressam nossa sexualidade/afetividade:







Tornando visível a maneira que nós e nossas informações pessoais são produto na economia "livre" internet.

Véspera de ano novo

Bêbado

Fogos de artifício

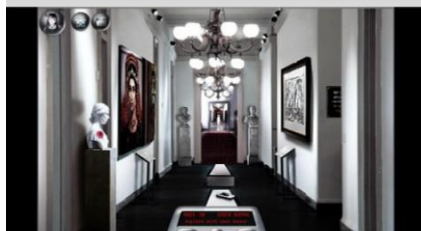
Bons desejos para o ano novo

Look de maquiagem

Festa de garotas

JANUARY 2013

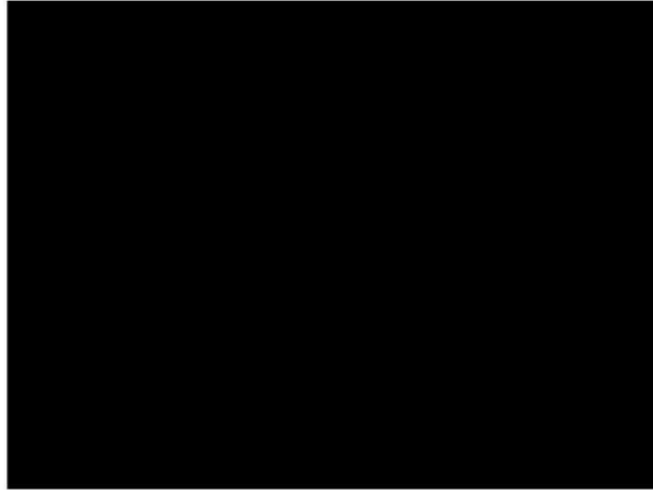
Carla Gannis, *Jezebel*, 2008



<http://j-bel.net/>

O "feminino": símbolos e violência

- **Construções sociais:** o que é "de mulher" e "de homem";
- Como a mulher "deve ser",



Parece um típico jogo de Batalha Naval dos anos 50.
Mas o que seria aquilo lá atrás?



Se você chutou "Machismo Descarado", você acertou!



Hipertexto e violência de gênero:
Estupro

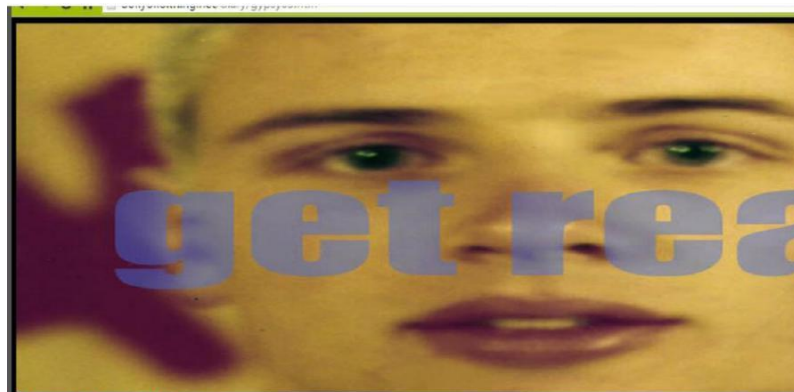
<http://dollyoko.thing.net/>

Francesca da Rimini,
Ricardo Dominguez,
Michael Grimm,
Dollspace, 1997

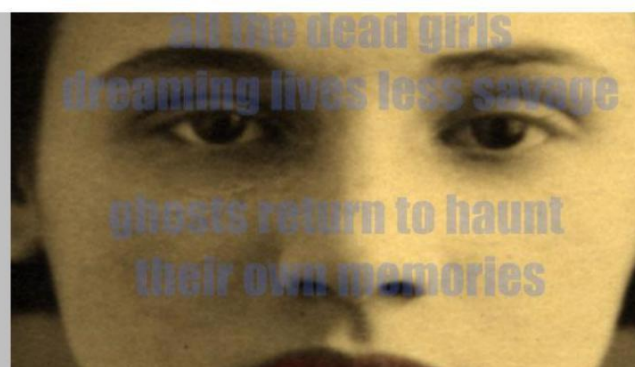


[#download](#) soundtrack for an empty dollspace (if sound doesn't start automatically)

[#enter](#) dollspace



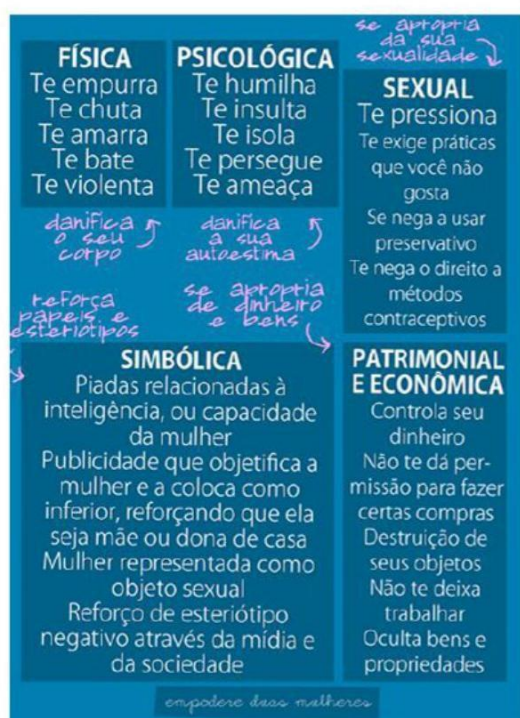
[\[love\]](#) [\[death\]](#) [\[beauty\]](#)
she doesn't know the difference



Todas as garotas mortas
Sonham por vidas menos selvagens

Fantasmas retornam para assombrar
Suas próprias memórias

Violência: além da surra





Facebook Diary,
2008, Erica Scourti

<https://www.youtube.com/playlist?list=PL6E6DADE3EA939F15>

por Erica Scourti • 21 vídeos • 462 visualizações • Last updated on 1 de ago de 2011

For two months in 2008, I wrote diaries made up entirely of friends' Facebook status updates, recorded myself speaking them to camera and uploaded them to YouTube, in an enactment of a collectively created subjectivity.

▶ Reproduzir tudo ◀ Compartilhar + Salvar

1		June 13th 2008 de Erica Scourti
2		June 9th 2008 de Erica Scourti
3		May 16th 2008 de Erica Scourti
4		May 13th 2008 de Erica Scourti

Durante dois meses, em 2008, escrevi diários feitos inteiramente de atualizações do Facebook de status de amigos, me registrei os falando para a câmera e os carreguei no YouTube, na superficialidade de uma subjetividade criada coletivamente.

<http://carlagannis.com/blog/prints/google-results/>

The \gü-gəl\ Results Project



\'gü-gəl\ Results,
Em progresso, Carla Gannis

7 January 2012
"original thought"
4,900,000 Google results

Carla Gannis Google Searches

File Edit View Insert Format Data Tools Help All changes saved


173000

	A	B	C	D	
1	DATE (DAY/MONTH)	TIME (24 HR)	TWEET (STRING SEARCH)	GOOGLE RESULTS	ADDITION
59	11/4/2012	11:01:00	"the search is dead"	72,200	0.21 seconds
60	11/4/2012	0:20:00	"zero gravity smile"	72	@redactioner @eniks
61	10/4/2012	11:34:00	"google analogies"	66	0.21 seconds
62	5/4/2012	15:44:00	"cave programmers"	171	0.24 seconds
63	4/4/2012	12:57:00	"psychic physics"	5,240	
64	3/4/2012	12:59:00	Transparencism	343	
65	31/03/2012	1:49:00	"telepathy code"	2,060	cc @cborkowski
66	29/03/2012	2:33:00	"a story without a noun"	112	0.13 seconds

14	April	2013	"How to get out of New York with your dignity intact and build the	0
19	April	2013	"a fall of your time"	0
19	April	2013	"free to be YouTube and MobileMe"	0
2	April	2013	"robots who pun"	0
24	March	2013	"neo post new geo media pre quantum trans pop art"	0
19	March	2013	"to thine clone self be true"	0
5	March	2013	"the only constant is change, I wish it was dollars"	0
20	February	2013	"Emoy and political prisoners"	0
20	February	2013	"lightning talks and thunderous claps"	0
24	January	2013	"art wakes time"	0
23	January	2013	"data is art driven"	0
18	January	2013	"I never want to lose touch with surreality."	0
8	January	2013	"object art ontology"	0
7	January	2013	"sometimes you feel like a neutrino"	0
4	December	2012	"hierotwiphs"	0
7	November	2012	"snuff lizard films"	0
29	October	2012	"let's paint a happy little storm"	0
25	October	2012	"before and after presidency halloween costume"	0
27	September	2012	"expat and mental art"	0
24	September	2012	"I will not make borg art"	0
23	July	2012	"the strong silent typography"	0
10	May	2012	"Flight of the Bumbledrone"	0
22	March	2012	"expendable semantics"	0
7	January	2012	"The consumer was not modern"	0
7	December	2011	"I only see in the sun and heat that"	0

<http://archive.turbulence.org/Works/Distance/statement.html>

Distance,
1999, Tina La Porta



DISTANCE


Tina LaPorta

====> Monitor Settings : 832 x 624 <====

a 1999 commission of New Radio and Performing Arts, Inc. for its turbulence website

Distance has been chosen as a semi-finalist in the Arts and Culture category of the Fourth Annual Global Information Infrastructure (GII) Awards, 1999.

"Women are the guardians of communication" Luce Irigaray



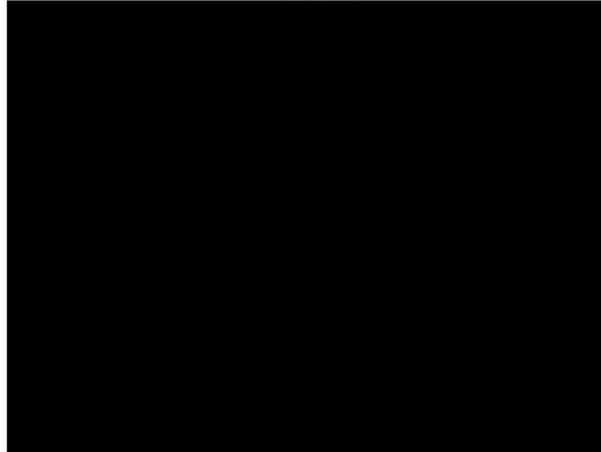
is our desire for communication, through connection and disconnection, via fluctuations in transmission and geographically separated participants mediated by the surface of the screen.

es the disembodied and dislocated nature of on-line communication through a re-combination of images and exploration of presence, absence and the desire for connectivity within a global networked environment.

ironment becomes the platform for my most recent **Net-Specific Work**: Distance. While photographing the world on my computer screen, I became a voyeur seduced into the on-line world of real-time interaction. While a stream of simultaneous video and chat, an intersubjectivity emerges— a syntax unique to on-line culture.

Tina LaPorta , NYC August 1999

"Coisa de mulher": sensibilidade. Será?



Old Boys Network, 1997-2001, Cornelia Sollfrank & outrxs

http://www.obn.org/inhalt_index.html

- Primeira rede de ciberfeminismo internacional;
- Possibilitar sujeitos que se compreendem como mulheres a discutirem o ciberfeminismo por projetos tecnológicos ou artísticos;
- Lista uma grande quantidade de mulheres atuantes na área.



APÊNDICE G – Tabela para acompanhamento da criação dos trabalhos de ciberarte

Escola de Educação Básica São Pedro
Ensino Médio
Disciplina de Arte
Artes Visuais
Professora Barbara M. R. Bublitz

Tema: Mulheres/Sociedade
Linguagem: Ciberarte

1º ANO 02							
Nº	Título (provisório)	Plataforma	Abordagem	Material	Link	Observações	Falta
1	Stay Strong	- Canal no Youtube - Página no Facebook	Sonhos e realidades das mulheres do cotidiano do grupo	Depoimentos em áudio e vídeo sobre os sonhos e a realidade das mulheres	Organização acontecendo em grupo no Whats App	Youtube Staystrong01@hotmail.com Jenniferamanda	Estudantes devem me enviar o link pronto
Grupo: Jaqueline, Pamela, Silvia, Jenifer e Grasiela							
2	Personalidade de uma mulher sem medo	Facebook	Formas de violência contra a mulher	Fotos, vídeos, informações, etc.	https://www.facebook.com/Personalidade-de-uma-Mulher-sem-Medo-787766171333253/timeline/?ref=ts	- Conteúdo próprio; - Roteiro do primeiro depoimento criado a partir de entrevista;	Enviar o link do vídeo editado e postado no Face
Grupo: Tainara, Nayara e Andreyana							
3	Feminismo?	Facebook	Diversidade de gênero	Textos, imagens, poemas, etc.	https://www.facebook.com/feminismo?fref=nf	- Meninos não querem ter seu trabalho analisado pela pesquisa	Alimentar até semana do dia 15/10
Grupo: Gabriel e Chrystian							
4	Mulheres independentes	Twitter	Frases sobre o cotidiano das mulheres na perspectiva da autonomia	Frases	https://twitter.com/MulherAnonima - trabalhode_artes@hotmail.com trabalhodeartes		
Grupo: Heloiza, Eduardo e Karolaine e Henrique							
5	Agressão verbal	Site com gráficos	Perguntas sobre agressão contra as mulheres serão transformadas	Perguntas e gráficos		http://agressaoverbalgraf.wix.com/voce agressaoverbalgraficos@gmail.com profbarbara	

			em gráficos e, estes, serão transformados em imagens puras				
Grupo: Juliane, Beatris, Adriana							
6	Sem título	Site	Faces Iguais	Colaagem virtual de imagens de mulheres anônimas e famosas para destacar a diferença	Ainda não fizeram	http://camilabelo4.wix.com/facesiguais camila_belo@hotmail.com barbara	ENVIAR TÍTULO POR WHATS
Grupo: Larissa e Kariny							
7	Sem título	Página do Face	Contra a violência à mulher	Postagens de imagens	TRAZER O LINK	Falta: TRAZER O TRABALHO DIA 15/10 - 5 imagens	
Grupo: Alisson, João,							

OBSERVAÇÕES SOBRE A TURMA:

Esta turma está atrasada em relação às outras. Eventos e recados prolongados da direção nos dias das aulas e a internet não funciona na escola com frequência. Duas aulas no mesmo dia, então estudantes que faltaram no dia do projeto estão atrasados.

1º ANO 03							
Nº	Título (provisório)	Plataforma	Abordagem	Material	Link	Observações	Falta
1	Sem Título	Whatsapp: Grupo da Turma	Mulheres na sociedade	Frases		Um texto para corrente virtual	Enviar para o grupo (está apenas em rascunho)
Grupo: Agatha, Eduarda, Larissa, Jessica, Patricia e Adriana							
2	Empodere suas Amélias	Canal no Youtube	Preconceitos em relação às mulheres	Vídeos comentando músicas machistas ou feministas (trechos de dublagem)	https://www.youtube.com/channel/UC-g9QN7kXk8ct1Y07DavEXA	- Conteúdo próprio; - Primeiros comentários prontos	- Editar comentários.
Grupo: Ana Terra, Bruna e Manrik							
3	Violência contra a mulher	Whats App	Violência contra a mulher	Imagens prontas de redes sociais	Screenshots	- O grupo não está postando material relevante	ALIMENTAR GRUPO ATÉ SEMANA QUE VEM
Grupo: Matheus C, Osni, Mateus L, Paulo							
4	Sem título	Site	Padrão/Mulheres	Imagens prontas	http://mulheresidolos.wix.com/mulherpadrao	e-mail: mulheresidolos@gmail.com senha: auladeartes Grupo falta muito e não está trabalhando em sala. Decidiram oralmente uma abordagem, mas entregaram outra no projeto.	TÍTULO
Grupo: Jeniffer P, Hércules, Luan, Wesley, Elizangela, Cleia							
5	Women	Site	Mulheres: passado e presente em relação à sociedade	Criação de postagens a partir de ícones da história abordando temas atuais	http://womenart.wix.com/women	Site criado pelos estudantes, não tenho acesso ao cadastro. - Imagens enviadas para mais postagens;	Criar posts e rever português na página.

Grupo: Luis, Ana Paula,
Jaqueline
e Amanda

6	Sem título	Sound Cloud	Machismo e feminicídio	Mixagem de música eletrônica com notícias de feminicídio e músicas feministas	Será hospedado no meu cadastro https://soundcloud.com/barbara-bublitz/dj-dtex-ecash-track1	Em conjunto com estudantes do 1º 05	Criar mix e passar para o grupo do 1º 05 para criação de vídeoarte
Grupo: Vitor (...)							

Grupo: Vitor (...)

1º ANO 04							
Nº	Título (provisório)	Plataforma	Abordagem	Material	Link	Observações	Falta
1	CortCrew	Site	Empoderamento das meninas no <i>street dance</i>	Video de registro dos ensaios de um grupo de <i>street dance</i> criado na escola, por garotas	http://cortcrew.wix.com/cortcrew#1cortcrew-v-deo-ciber-arte/ozsxp	E-mail: streetdancegsp@gmail.com Senha do e-mail: professorabara Senha do wix: barbara	
Grupo: Kethlen Aniel, Julio, Alessandra e Oseias							
2	Zero SPS	Google Maps	Direitos da mulher	Stickers e lambes-lambes mapeados	https://www.google.com/maps/d/edit?mid=zf7S1jDcD3ss.kc_BWgTfykec&usp=sharing	Feito no meu cadastro	- Colar os stickers "Eu não sou uma boneca D pano" e imprimir os outros
Grupo: Huelyksen, Jean, André, João V. Adriel, Felipe, Mateus, Gustavo, Deivid, Keslei, Djeovane							
3	Sem título	Site	O que é uma mulher poderosa para as pessoas	Desenhos digitalizados dos relatos das pessoas sobre o que é uma mulher poderosa	http://gtkdesenho.wix.com/mulherpoder	e-mail: gtkdesenhos@gmail.com senha: barbara senha wix: profbar Temos 2 desenhos	
Grupo: Gabriel, Taissa e Kevin Manuele							

1º ANO 05							
Nº	Título (provisório)	Plataforma	Abordagem	Material	Link	Observações	Falta
1	Cotidiano das mulheres	Whats App	Mostrar o cotidiano das mulheres ao nosso redor	Fotografias de mulheres de nosso cotidiano em suas atividades rotineiras	Screenshot	PRONTO	Como expor?
Grupo: Rafael, Marcos, Gabriely, Sami, Nathaly, Pedro e Diogo							
2	Sem título	SoundCloud	Violência contra a mulher	Mix de música (com Vitor do 1º03) e imagens para produção audiovisual	https://soundcloud.com/barbara-bublitz/mix-de-mc-nem-piranha-e-o-caralho		Desenvolver o trabalho e hospedar na internet
Grupo: Erick, Adriel, Samuel, Matheus A., Lucas D. e Alisson							
3	Violência contra a mulher	Blog	Denúncia de violência	Desenhos e vídeos	http://conscienciaeamor180.blogspot.com.br/	PRONTO Vão alimentar	
Grupo: Carla, Karolayne, Dielem (...)							

Guaramirim,

2015

APÊNDICE H – Texto entregue para mediadoras

Mediação - Exposição Olhares em trânsito: experimentos expositivos na escola

Pessoal, eu espero que esta carta/texto ajude vocês. Mediar uma exposição é complicado (e nem mesmo quem estuda arte entrou num consenso pra dizer o que é ou não uma boa mediação). O papel de vocês, como mediadores, é ajudar o público a se relacionar com a exposição.

Suas funções: Como mediadores, fiquem atento ao público: se alguém se aproximar, faça algum comentário sobre o trabalho. Faça perguntas, convide as crianças para olharem, converse sobre eles. Faça suas leituras, não importa se estão certas ou erradas. Se você tem vergonha, tudo bem, mas pergunte às pessoas se elas tem alguma dúvida. No geral, serão as informações abaixo. Se você não souber responder, diga que não sabe. Não tem problema. Diga para as pessoas onde e quais horários estão acontecendo o Ateliê Aberto e comente que esta exposição partiu de Joinville e irá para Florianópolis. Tenha uma conversa, você não está apresentando um trabalho. Fique tranquilo. Lembre: seu papel é provocar o público para que veja os trabalhos e saiba mais sobre a exposição. Seus horários de mais trabalho será o intervalo, então aproveite para descansar, leve um livro, mas fique atento ao público, inclusive professores. :) Além disso, durante os ateliês você irá nos fotografar - e bem bonito, haha.

Não pode: Ficar em cima do público vomitando decorebas. Fale pouco, mas fale bonito. Lembre que durante o dia não pode levar celular para escola, então mantenha guardado, principalmente na frente das crianças. Para elas é extremamente proibido.

Informações para que você leia e passe para o público:

- 1) Esta exposição surgiu de 5 projetos de Mestrado Profissional desenvolvidos na Universidade do Estado de Santa Catarina por professoras de Arte que trabalham na rede pública de educação, entre elas, eu, rs. Nós criamos, a partir dos nossos projetos individuais, uma exposição que pudesse unir nossas propostas: eu criei um projeto para trabalhar com ciberarte e discutir questões de gênero. A professora Stéfanie Rocha, de Florianópolis, criou um projeto para explorar o olhar dos estudantes através da fotografia; a professora Eliane Scheis de Joinville criou um projeto de Gravura expandida, para capturar a marca das mais diversas superfícies. Já as professoras Loélia Maia e Juliana Dutra optaram por, respectivamente, estruturar e analisar as ações da exposição: como o Kit Móvel e as ações educativas (ateliê aberto).
- 2) Os trabalhos de fotografia foram desenvolvidos em uma escola de Florianópolis e a professora queria fazer com os estudantes utilizassem a fotografia artisticamente, não apenas para registrar acontecimentos ou pessoas, como costumamos usar. Desse modo, provocou os estudantes para olharem as coisas por pontos de vista diferentes - a encontrar beleza, por exemplo, em coisas banais do nosso cotidiano.
- 3) Os trabalhos de gravura foram feitos em Joinville (onde a exposição já aconteceu). A professora queria que os estudantes utilizassem uma das técnicas mais antigas de impressão (a primeira impressora do mundo utilizou essa técnica): a gravura. No entanto, não queria copiar textos ou imagens desenhadas, quis registrar a textura e a imagem das coisas mais banais e corriqueiras, como a sola de um chinelo.
- 4) Nossos trabalhos criados no São Pedro foram de ciberarte, uma linguagem super atual e nova que explora a internet como suporte, não mais quadros, pedras, papéis, etc. A internet pode provocar o público a participar e proporcionar acesso a uma parte grande da sociedade: aqueles que tem acesso a rede. O tema que provocou nossos trabalhos foram as condições da mulher na sociedade, no entanto, cada grupo optou por sua abordagem, de acordo com o que mais os parecia importante ou interessante.
- 5) O ateliê aberto é uma AÇÃO EDUCATIVA que normalmente acontece nas exposições de arte (às vezes são outras ações, mas a Professora Juliana e nós decidimos que o ateliê funcionaria bem). Em cada escola aconteceu um diferente, referente ao trabalho que a professora desenvolveu com os estudantes daquela escola. Por exemplo: Joinville foi sobre gravura, aqui será sobre sticker e ciberarte e Floripa será sobre Fotografia. As pessoas estão convidadas para conferir, mas devem saber que não irão lá para aprender, mas para ter uma experiência. O Hueylykson e o Vitor estão organizando, mas eles apenas estarão lá para orientar as pessoas.
- 6) Estimule, sempre que der, as pessoas a tirarem fotos. Tirem vocês mesmas fotos das pessoas no lado dos trabalhos, de vocês, selfies, enfim. Se alguém tirar com o celular, peça para marcar #olharesemtransito. Vocês terão uma câmera para isso. :)
- 7) Sobre a câmera: muito cuidado, meninas. Ela é da UDESC.
- 8) Qualquer dúvida que tiverem falem comigo pelo Whats. De preferência até domingo. :)

Abraço e boa sorte pra gente!

APÊNDICE I – Bilhete enviado para os estudantes participarem da produção da exposição

Responsáveis,

Venho por meio deste solicitar a presença de seu (sua) filho (a) para nos ajudar a desenvolver um projeto de extrema importância para a escola: A exposição *Olhares em trânsito - experimentos expositivos na escola*, que objetiva trazer para o espaço escolar trabalhos artísticos de estudantes de outras cidades e dar maior dimensão para a produção artística desenvolvida na escola por seu (sua) filho (a) na disciplina de Arte.

Peço para que marque um X nos dias e horários em que seu(sua) filho(a) poderá nos ajudar. Esta informação é de extrema importância para a organização do evento. ☺

✓ **As reuniões para pré-produção da exposição ocorrerão nos seguintes dias e horários:**

() 21/03 – 13h às 17h
(X) 22/03 – 16h às 18h
() 25/03 – 13h às 17h

✓ **A montagem e desenvolvimento da exposição com necessidade de auxílio ocorrerá nos dias:**

() 28/03 – montagem: 13h às 17h
(X) 28/03 – abertura da exposição: 19h às 20h
(X) 29/03 – mediação na exposição: 7h30 às 11h30, 13h às 17h e das 19h às 22h
(X) 29/03 – ateliê aberto: 19h às 22h
() 01/03 – desmontagem da exposição: 13h às 17h

Retorne este bilhete na secretaria da escola até o dia 18/03.

Desde já agradeço,
Professora Barbara Bublitz

